

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Tarcísio Moreira Mendes**

**UMA EDUCAÇÃO ESQUIZITA. UMA FORMAÇÃO BRICOLEUR**  
**processo ético e estético e político e econômico**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**UMA EDUCAÇÃO ESQUIZITA. UMA FORMAÇÃO BRICOLEUR**  
**processo ético e estético e político e econômico**

**Tarcísio Moreira Mendes**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação; produto do Projeto OFICINAS DE EXERCÍCIOS FORMATIVOS: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação, FAPEMIG Registro nº 0207712.

**Orientadora Professora Doutora Sônia Maria Claretto**

Juiz de Fora  
2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendes, Tarcísio Moreira.

Uma formação esquizita. Uma Educação bricoleur : processo ético e estético e político e econômico / Tarcísio Moreira Mendes. -- 2015.

229 f. : il.

Orientadora: Sônia Maria Clareto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

1. Formação. 2. Corpo. 3. Educação. 4. Arte. 5. Esquizoanálise.. I. Maria Clareto, Sônia, orient. II. Título.

TARCÍSIO MOREIRA MENDES

**UMA FORMAÇÃO ESQUIZITA. UMA EDUCAÇÃO BRICOLEUR – PROCESSO ÉTICO E ESTÉTICO E POLÍTICO E ECONÔMICO**

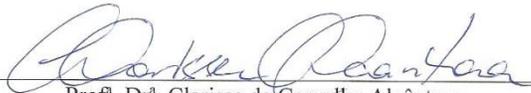
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sônia Maria Clareto  
(Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



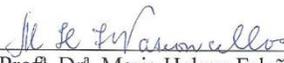
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Clarissa de Carvalho Alcântara  
Instituto Felix Guattari/Instituto Gregório Baremlitt



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosane Preciosa Sequeira  
IAD, UFJF



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Helena Falcão Vasconcelos  
CES-JF

Juiz de Fora, 20 de março de 2015.



## **DEDICATÓRIA**

A todos que não sabem.

A todos que não querem entender, fazem.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos contribuintes brasileiros adimplentes e aos administradores e funcionários íntegros e terceirizados que através das instituições PPGE/FACED/UFJF, CAPES, FAPEMIG financiaram e abrigaram e tornaram mais possível minhas pesquisas.

Às pacientes e cuidadasas Maria Helena Falcão e Rosane Preciosa.

Às parceiras Clarissa Alcântara e Sônia Maria Clareto.

À Sônia, Sôôniaaaaa, Sônia... que nunca foi apenas Soninha.

À companhia artista sempre viva da amiga Cláudia Meireles.

À Angel Vianna pela dança e vida.

Aos companheiros e companheiras pela companhia em Travessia Grupo de Pesquisa.

À Líbia e ao Gustavo pelo carinho e atenção ao meu gaguejar da Língua Portuguesa.

A Artaud e Deleuze e Guattari e Nietzsche e Foucault e Clarice Lispector que mortos fazem vida em mim.

E a todos mais que virão.

Não quero agradar gregos e troianos. Satisfeito em  
trair gregos e troianos.

## RESUMO

*Meu tema é o instante? meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim. Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. é também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo-a-corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão. Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por quê – e porque não me interessa, a causa é matéria de passado – perguntarás por que os traços negros e finos? é por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma. O que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical.... E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já. Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba, lê o que agora se segue.... Ouve-me, ouve o silêncio. O que eu te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão. Um instante me leva insensivelmente a outro e o tema atemático vai se desenrolando sem plano mas geométrico como as figuras sucessivas em um caleidoscópio....Ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve.... Há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido. E o que é proibido eu adivinho. Se houver força. Atrás do pensamento não há palavras: é-se. Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento. Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu teés.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação. Corpo. Educação. Arte. Esquizoanálise.





## Que sujeitos? Que educações?<sup>1</sup>

[...]

Sujeitos e educação Ou só algumas coisas.

De ler muita coisa e falar outras coisas, ouvir mais coisas, uma coisa: somos um amontoado de coisas. Nada de Sujeito arrumadinho, centrado, sabedor, douto, Educado, civilizado, dono do Objeto. É tudo coisa assim, sem função coisificada. É que quando a coisa fica preta (me perdoem qualquer interpretação pré-conceituosa), mas *alguma coisa acontece no meu coração que só quando cruzo...* <sup>2</sup> É tudo um monte de coisa que dá uma coisa só, que nunca está só, que não é a mesma coisa, é sempre uma coisa diferente, acompanhada de outras coisas. É coisa que, quando coisa com outra coisa, transforma em outra coisa que já não é nem uma coisa nem outra. É coisa outra. Simples, né! No coisar, não tem como saber antes no que vai dar, como a coisa vai acabar, quando vai efetuar. Não tem como criar uma “Coisa” pra coisa dar certo. O negócio é ir coisando... Não é coisa pra entender, é coisa pra inventar!

<sup>1</sup> Fragmento do texto “Que sujeitos? Que educação?” apresentado pelo Travessia Grupo de Pesquisa, do qual faço parte, na I Semana da Faced/UFJF que teve como tema “Sujeito e educação em discussão”, quando também aconteceu VI Semana da Educação e o IX Seminário Anual de Pesquisa em Educação do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação), ocorrido entre os dias 24 e 28 de junho de 2013.

<sup>2</sup> VELOSO, Caetano. *Sampa*. Disponível em <http://letras.mus.br/caetano-veloso/41670/>. Acessado em 05 de maio de 2013.



//

kajoma

Peterofas...  
P  
Pachurme

## Ulcão de Bordas

4. Aqui pensando desde o dia que apareceu um erro no texto do grupo "Formação como processo ético-político" a respeito do impacto e da importância acerca do meu trabalho.

Levei por ter usado a caixa que havia comentado com muita espontaneidade os primeiros olhares àquelas folhas voltas dentro de uma estrocha como de papel, eu mesma que não sabia, a que se demonstra mais nos desenhos (pois que nada foi muito discutido a partir do que estava escrito em vermelho entre impressos em papel vegetal e texto de jornal velho: como pensar a constituição da banca de qualificação para análises deste texto? Uma banca de frutas, talvez, olhando a maçã vermelha, abacaxi

kajoma

11  
Em outubro de 2014, foi realizada uma reunião interna para apresentação de produção final no curso de extensão de UFTF "Formação em percepções para o uso ético-político" que aconteceu no Instituto de Arte, da UFTF em 19/10 no NEA/FACED/UFTF. Os participantes do grupo de pesquisa "Grupo de Estudos e Interações Contemporâneas dos Processos Ético-políticos" participaram da reunião. Uma banca de qualificação pela FAPEN/USP e direção da professora Glória de Pesquisa, no dia 20/10-2014.

kajoma

de Maratôny cortado na hora, manga de Uca colhida no pé da esquina

//  
e, claro, muita fofageira como na festa, li-  
vele e suas muitas bananas. Multidões ban-  
cas que não vendem apenas uva, fu-  
ta ou banana ou verduras ou mel, por-  
partilhando muita conversa, mas mu-  
lta conversa mesmo e muito mais.  
Mas o que isso tem a ver com educa-  
ção?

Pensando agora enquanto escrevo, escre-  
vendo agora enquanto penso, penso ain-  
da mais. A coisa que não era devida  
que não era todo de banana, de laranja?  
No debate, apontamos a coisa e seus efeitos  
como devida de ser discutidos, na edu-  
cação sobre educação, da educação com mu-  
lta arte. Apontando na comparação multi-  
pla deus, deixo-me com a potência de  
seus usos de acompanhamento de reser-  
vação, pronto para ser outro. Por isso,

//  
Qualquer coisa que escreva aqui não tem  
o direito de justificar melhor ou meli-  
cor muitas coisas. Vertice que não li-  
mitava a multiplicidade de sentidos que po-  
dem surgir da relação dos textos e dos  
sempre dos textos como corpos. Um mes-  
mas este caderno que era diário que  
por não ser tão diário — não foi escrito  
todo após dia, mas continuando-se  
por dias — tem marcado em suas  
páginas as intenções que suscitam de-  
li. Certo — me abre ainda por saber  
que não tenho o mínimo sentido de  
de aquilo que digo, mas sei que as  
digo outras coisas por se fazer.  
Por isso agora, só e junto, escrevo.

deixe da responsabilidade de explicar  
o que produzi com os textos da coisa,  
me senti instigado a contar um pouco

//  
sobre o processo de sua produção em sua  
matéria. Assim, acredito desenvolver outros  
sentidos possíveis para coisas que ainda  
chamado educação e formação. Arte,  
coisa muito importante, pois facilmente  
fendo-se a uma invenção, indetermi-  
nante dos territórios onde estas coisas  
estão. Uma educação pensada em  
relação com territórios. Uma forma-  
ção que se faz em territórios. Uma forma-  
ção que é desterritorializa. Uma educação  
que reterritorializa. Uma formação que  
inventa territórios e possíveis. Uma educa-  
ção e uma formação em movimento  
atento às lutas de fuga e prisão.

Um caderno de bordas não quer ser  
de borda, no qual se encontram cami-  
nhos traçados de uma viagem tentando  
catalisar para inventar os futuros via-

// /  
faltar como um documento de requisitos  
seguro. Um caderno de bordas se quer  
com muitas bordas, pintadas e bordas  
de nas bordas de lá feito mas também  
bordando um outro feito para a borda  
e feito antes de modo ainda não feito,  
chamado várias a outros feitos e ainda  
diversos tipos de feitos para muitos  
outros bordados.

Fiquei interessante tomar este lugar de  
discussão ou quem sabe melhor da nar-  
-rativa. Um lugar de relatos, relatos,  
contar uma história de como a coisa  
é feita, sem me parar em querer fazer  
uma coisa bem-feita para os moldes  
que se espera. Fto. produzido desde o mo-  
mento em que eu vi falar de um tal  
modo cartográfico do acompanhamento  
de pesquisa. Um modelo que parecia

1 / 1  
um antinomele que no entanto, se mos-  
trau como eficaz modelo para criar  
seus próprios modelos imbuídos de  
entender. Para quando impõe mais mo-  
delo para pesquisa, para escrita ou  
para leitura é que for o interessante foi  
ser provocado a criar algo singular  
a partir de uma singularidade outra,  
interessante para um território auto-  
nada a pesquisas **metodológicas**  
reprodutíveis, contrastáveis, generalistas  
como as ditas linhas da **Natureza**  
e que andam por influenciar as ditas  
linhas **glorificadas** e por **consequências**,  
a educação. Um papel disparado a im-  
portante **metodológico** no território da edu-  
cação **provocados** por outros territórios  
como **filosofia** e **Arte** que andam ci-  
ando **uma educação** outra, uma **possi-**  
**vel da educação** e **largar** de outros **modelos**,  
kajoma

1 / 1  
78  
Vede-se, portanto, que a palavra  
"aritmética", aritmética que, como se sabe,  
se trata de uma ciência muito diferente  
de "aritmética", a aritmética latina  
sem substituição, qual seja, que não  
tem regra ou a que se aplica a regra,  
requerente que a aritmética, **aritmética**  
é o grego que se deu de arithmos, que  
na aritmética é o número, a aritmética  
parte de substituição, **aritmética** e **aritmética**  
na aritmética, **aritmética** e **aritmética**  
das condições específicas, **aritmética**  
mas a aritmética é uma **aritmética**  
que se trata de **aritmética** e **aritmética**  
relativa a uma **aritmética**  
(DE LUZE, GUATTARI, 2012, p. 167)



limitação ou qualificação como resto  
 de uma pessoa que se torna outro e não  
 fim de um processo, resultados disconti-  
 nuos de limitações como comparações de con-  
 tatos que tornam estes outros. Por aqui comen-  
 tos e observações, novos sentidos também não  
 são dados. Aquela história de repetição que  
 gera diferença? É que ao brincar uma coi-  
 sa, acaba montando outro. Uma educa-  
 ção que propõe uma coisa, mas que esta  
 apresenta para ser proposta outra e outra e  
 outras e e... é possível.

ao procurar por uma coisa que que-  
 ria transformar em uma nova coisa, já  
 que havia perdido uma em deslocar  
 em algumas, momentos iguais de amor  
 passados, usados durante os anos que  
 procurei na rede pública de ensino de Mu-  
 nicipio de Santos Ilumant - MG, nos quais

São para este no país  
 e pouco entregue isto  
 São muitas no país  
 e pouco entregue isto  
 São no país como se  
 que não há a meta  
 Entre o mundo e a  
 de mudanças em  
 São muitos distribuídos  
 São para quem há

"O tempo certo da máquina de frente  
 do castro-este em resíduos, que produzem  
 um resíduo de lixo de máquina para  
 adiantar a máquina" (DELEUZE &  
 GUATTARI, 2010, p. 60)

"O Ministério da Educação e do Esporte  
 e o Superior do Ensino Superior  
 de Brasília, promovida pela Fundação  
 de Educação de Brasília, entre  
 os dias 20 e 23 de agosto de 2013.  
 A ocasião em que um momento  
 de abertura, com uma música  
 que gestava muito espaço para a  
 sua performance apresentada por lei

//  
hávia reportagens a respeito da conjuntura  
na política e educacional, reportagens de  
cadernos de cultura com colunas e arti-  
culagens fortes. Reportagens sobre arte. Som-  
ta coisa interessante que de certa forma  
concordava com aquilo que produzia atu-  
almente. Mas como? Pela impossibilidade  
de reprodução dos jornais, apenas uma  
coisa guardo - os foto trabalho.

Também havia em impressão o texto  
em rastos de papel de pão ou papel toalha  
só. Pois não se lembrando que se tem con-  
sumido muito papel bom para textos in-  
im. É o papel vendido como reciclado nas  
paparias, e mais raro que o convencional.  
Está mundo de reciclagem, vai mais ca-  
do, mesmo quando energia e água. Algumas  
est. Quando muito importante, muitas estão  
apresentando pouco. Para não levar o risco de

kajoma

1 /  
foi para leite no país,  
e preciso entregá-lo cedo.  
foi muito cedo no país,  
e preciso entregá-lo cedo.  
foi no país uma legada,  
que lida a meta com tea.  
Então o moço que se lida  
de machucado com sua lida.  
vai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
[...]

1 /  
Após este tempo de espera "Me-  
ta de entrega" de leite, finalmente  
se pode ad.  
D. R. V. N. L. M. U. N. I. T. A. G. O. S. (leite)  
de leite de leite. Não se  
vai em http://leite.com.br/leite  
de leite de leite de leite de leite  
de leite em 24 de fevereiro de 2014.

kajoma

//

deperdigar mais papel e contatá-lo, que era  
só para a preservação do planeta. Para  
usar restos de papel que há muito tempo  
guardava, restos de papel que restavam  
se não que com essa energia para produ-  
zir o papel, então, aí talvez, pudesse di-  
minuir alguma ou diminuir mais fácil  
a tarefa de fazer-lo melhor. Uma forma-  
ção que possa ser eliminada, mas que  
também não deva a possibilidade de  
alguma coisa não puxar ao uso e por isso.

### O texto

Os textos foram produzidos e enviados  
ao comitê editorial do Grupo Brasileiro  
a partir dos materiais produzidos durante  
encontros - livros, para um exercício chama-  
do "Atravessar o Brasil" que era a ter-  
ceira "atrasamento e transição", "atrasamento-

kajoma

//  
do o transverso e transversal", "atravessado  
pelo transversal", "atravessado em transver-  
sa"... Nemis muito suscitativas e bonas pa-  
ra sempre e, sobretudo, para grupos a qual  
através de suas lideranças potencializa uma  
transição no qual as condições institucionais  
nemis são sempre possíveis. Muita coisa  
produzida por lá que me interessava e  
que poderia ser interessante para mos-  
trar a outras pessoas que não estavam  
lá ou que lá estavam e que, olhando a-  
gora, tornava-se outra coisa, inclusive ha-  
ve minhas fôrmulas e conclusões, mas muitas  
e muitas outras potentes questões.

Organizei também uma rede de pro-  
dução transdisciplinar por data de lavoro, re-  
conhecendo por dentro as várias vertentes!  
Depois percebi que a rede nemis poderia no-  
ta alterar as fontes de sentido final, ainda  
kajoma

//  
O transverso Grupo de Pesquisa  
possui uma estrutura criada para  
comunicação entre seus membros.  
O "atravessado e transversal" é um  
modo de ver o mundo em que não  
deixa o rigor acadêmico tradicional  
e, sobretudo, e depois, trazer algu-  
mas potencialidades a partir dos en-  
contros presenciais das segundas-  
feiras, dia de reuniões do grupo.

os famosos velhos. É uma questão curiosa e se juntar estes textos com aqueles de antes? Que outros textos se produziram? Poderá abandonar os dados e trabalhar em um texto para cada página, tornando-os independentes e relacionáveis. descrevi a grande maioria da obra quanto do mesmo que criou um texto com o qual pode pensar maneiras de reunir dados e torná-los ainda de outros modos, e qual não pode precisamente delimitar a obra de seus textos por páginas numeradas ou enquadramento de palavras com parágrafos ou qualquer outro tipo de divisão. O livro é convidado a criar jatos de entradas e saídas. Uma educação, uma formação com a qual se é convidado a trabalhar com multiplicidade, experimentando inúmeras possibilidades e fins imensuráveis.

"O professor é uma palavra, de tipo de laborar e que tem para dar de si, mas não tem modo, não se vê. Mas é preciso sempre ter evidência e classe que se abate sobre. Muitos professores magam o artista na sala de aula. (VIANA, 1990, p. 34)

"Um professor uma palavra para os seus pensamentos, outdo alguma a quem possa ajudar e assim que nasce uma boa conversa" (NETZSCHE, 2010, p. 97).

Mercúrio Neves é artista plástico e professor de arte, especialista em arte e educação pela UFJF, companheiro de campo, mesa e banco.

11

A primeira opção era imprimir os textos nos jornais velhos. Mas devido à impossibilidade técnica (modernos impressores não reconhecem a especificidade do jornal com a contabilidade idios de uma página) ou financeira (a gráfica que se produz, não apresenta lucro, seria uma quantidade significativa, que não poderia pagar no momento) não foi possível imprimir os textos em papel vegetal que seria uma saída estética da produção de uma revista de arte? Seria a estética de interesse abandonado por hora a ideia de imprimir no jornal velho.

Se possível a transcrição do papel vegetal seria a saída sobre o jornal? Seria a experiência de saber o que seria: mais ou menos; o tipo de vida e efeito que causa a escolha de texto com a folha de

kajoma

//

Asim foram surgando. Deu vez a uma ou duas e três independentes, foi se tornando um importante meio de difusão. Formaram-se muitas editoras, com textos feitos e com muita coisa original, contando mais e mais. Mas o dia que houve mais um trabalho de arte plástica. A vez passou que isso não é estudar, saber por uma coisa e outra e descobrições, outras coisas, as redigir minhas pesquisas.

Uma educação em arte. Uma forma são estética, plástica. Um professor tem formação em arte que o torna artista plástica ao pensar, educar e ensinar. Uma formação que se aprende com prazer, com o estudo de tudo, com o trabalho de um artista que forma com o tempo da criação e possível. Uma forma-

kajoma

11  
ção de professor que ni njirma forma-  
ção artística, sem precisar ser professor-  
tudo aqui, preciso só pod' ter artus-  
ta. Uma educação que entende o que  
é estudar criando modo outros de obter-  
de é possível.

Não acho que seja preciso dizer ou ex-  
plicar todas as razões que se criam  
com o(s) texto(s). Não até impossível e  
pretencioso. Guardo aqui muitos impres-  
sões para que não se litor para se diver-  
tirar pelo intuito de exercício de compo-  
sição. Ou farei por aqui, por aí.

Uma educação que se faz em sempre  
sua. Uma formação que se dá em  
sempre em mundo e com o mundo.  
Uma educação que ajuda a ser por, mais  
que não determine uma única forma de

ção é possível. Uma formação que instiga a compreensão singular de textos e possivel.

O projeto

Como avaliação de uma disciplina característica do mestrado (disciplina obrigatória no mestrado e presencial) na Educação Básica é questionável? Foi preciso a pensar em como apresentar meu novo projeto, já que não se tratava do mesmo que herdado apresentado à banca de seleção, intitulado "Avaliação da prática: professor como aluno do artista". Inicialmente, pensei apresentar o mesmo projeto apresentado e emitiu a mudança, só para cumprir o dever. Mas ficou muito pacífico e saçar projetos que usaram a atividade para pensar no desde-

111  
Elementos da pesquisa. A vida de  
Aquilino não estava mais perto  
como objeto, apesar de ser presença na  
minha trajetória como pesquisa.

Uma pesquisa que se passa em  
presença. Um trabalho que faz da  
distância entre coisa e sujeito um  
lugar. É difícil. Um projeto de estudo  
não que está sempre pronto para se  
fechar entre. Um projeto que não  
dura para acabar. Livro, mas que  
libere de nós "livedos, estudos"  
em obra: invenção de si e de mundo.  
Aparentei - o meu interesse e logo viam  
os irmãos as invenções, as ad-  
versidades, as pessoas, os momentos, a cria-  
ção e o desejo de ser conhecido para  
minha busca de condições que me  
passou também um desafio antes e u-

na suspeita significativa ou de  
 sucesso na reunião da pesquisa com  
 território de montes da educação. U-  
 ma educação e uma formação que  
 se faz com incômodos, com insustentá-  
 veis, com excessos, com desvios, com  
 suspeita e substituição com naturaliza-  
 ção não saber e não saber é possível. Expe-  
 rimos a narração da data para  
 formalizar o convite, mas talvez o mi-  
 ser não seja aquele esperado. Assim  
 espera-se.

Pesquisa que se faz pesquisando

Algum tempo se passou e outra  
 obrigação: apresentar alguma coisa,  
 obrigatoriamente, na I Mostra de  
 Pós-Graduação da UFJF. Que apresent-  
 tar, apresentar. Não que não tivesse o que

apresentar. Além, a divulgação, sobre a-  
 tivas a quem parecer teriam que elaborar  
 mento trabalho pois era obrigação que a-  
 apresentarem. Deu-me as regras: História, Geo-  
 grafia, Matemática, Física, Química, Bio-  
 logia (Zoológico), e em as bancas do curso ou  
 grupo de estudos "formação como processo  
 ético-estético-político" com outros e outros  
 e instigado pela leitura de O anti-Édipo sur-  
 ge nos momentos a biologia, no qual  
 cada participante do grupo em um bloco tra-  
 zia algo para sempre uma obra que se  
 fazia a cada novo encontro.

Uma pesquisa como biologia  
 Uma formação como biologia. Uma  
 dissertação como biologia. O anti-  
 -Édipo a dupla leitura e Guattari pensa  
 o seguinte sobre aquilo que se entende  
 como um biólogo, um que associa li-

A partir das leituras de O anti-Édipo,  
 que redigam nas manhãs de sexta-  
 feira, em disciplinas de Biologia  
 de Pós-graduação em Educação que  
 da "Educação que todos somos" de  
 Celso (DELEUZE e GUATTARI,  
 2010, p.11) foi proposto que a cada  
 semana do grupo "reflexões em  
 formação: práticas ético-estético-po-  
 líticas" alguma coisa relacionada  
 aos encontros fosse trazida pelos  
 participantes para compor uma  
 obra coletiva em Biologia.

11  
obramente códigos, que não um único e  
mesmo código sempre. Aqui a pesquisa é  
pensada como uma brincadeira de peão  
brin-colaras? Tornando a pesquisa in-  
tima, regular mas com múltiplos de-  
slocamentos: uma pesquisa Chique e tra-  
balha "Pesquisa na Educação: a arte de  
fazer pesquisa pesquisando". Formação  
como eventos entre e outros e outros e  
e e... formação esquisita. Educação esqui-  
zita. Vida e lista de coisas. Pesquisa lo-  
me livre associação. Pesquisa tranca-a-  
fiançaço de vitalidade na Academia.

Arte de arte

A aposta na obra de arte e na  
vida ou na vida como obra de arte está  
presente em trabalhos de pensadores co-  
mo Nietzsche e Deleuze e Guattari e Foucault.

kajoma

importante salientar que aqui não se trata  
 de arte supervalorizada por estar em alguma linha  
 ou outra artística. O interesse neste trabalho  
 não é pelo modo de produção de arte. A pri-  
 meira é a educação. A arte na educação  
 não desliza ser arte-educador ou profe-  
 sor-artista ou qualquer outro hífen que  
 interrompa fluxos ou que identifique que  
 momentos ou processos de vida. Aqui não  
 se trata de arte. Arte é o que vem a ser com o  
 exercício de viagens de uma viagem que é  
 manuseio um novo modo de relação no  
 mundo e por isso, inaugura  
 um novo mundo. Saber sobre a obra  
 de arte, mas não a arte, não é o mesmo.  
 Uma qualificação de arte é que não  
 seja seu fim a obra em arte, mas  
 o processo - é o que o artista também. É  
 a obra em arte que o artista que cria  
 quanto mais obra em arte. Não pretensão

11  
em pensar em ser aquilo que não é.  
obra de arte contemporânea, apertada de um  
deuses e mitos de formas e coisas belas  
e histórias que se costumam chamar mu-  
dant.

Formação que aponta no devir das  
formas. Metamorfose pública em ar-  
tista, leitor em escritor, pesquisadores em  
pesquisa. Educação como produção de  
obra em arte, obra em arte que cria  
obras em arte que confundem obras  
que confundem e funde objeto e sujeito  
impedindo a distinção entre objeto e  
sujeito. Obras, obras, obras. Formação  
que aponta na arte de criar formas, im-  
gulares e não reprodução de uma de fami-  
liaridades de objetos e estruturas que se quer  
ideais. Uma educação e uma formação  
que obra em arte é possível.

Os vetores 2

Volto a falar dos vetores já me des-  
 cubri, mas acho também que está  
 claro que nada é muito linear ou pro-  
 lúto aqui na escrita desde as primeiras  
 experiências pois as relações não demandam  
 assim, sem respeito a uma cronologia  
 prévia ou ordenada. É um acontecimento  
 que implode o tempo através inauguração  
 há um que corre lá cá aqui. É isso é isso  
 e isso e e... Mas que tal de digir isso. En-  
 tão era isso!

Os vetores aqui também são vetores dos  
 momentos em *Arquitetura* que se mi-  
 xam em *Curso Vets*, no final de agosto  
 e início de setembro de 2013. Num dia  
 equidistante ao ato processo quem  
 sabe, bilhões pelas suas melhorias

keijoma

"Arquitetura - imersão em equi-  
 dograma" foi apresentada pela  
 Maria Cecília Borelli de  
 Almeida e Cláudia C. de  
 30 de agosto a 1º de setembro de 2013,  
 na cidade de Belo Horizonte - Minas  
 Gerais.

- Eklip e Mil Biter) porém não desca-  
 tomar nenhum outro "BAREMOLIT,  
 Geopis, as proposições de arquitetura  
 ca do Equidograma, disponível  
 em <http://antigosgeopis.blogspot.com.br/2008/02/diagramas-de-arquitetura-ouca-da-ritmologia.html> Acesso em 24  
 de jan. de 2014.

Equidograma é uma forma de  
 uma bela multiplicação de  
 Geopis Borelli de Almeida  
 e Cláudia C. de Almeida  
 equidograma é uma forma  
 muito diversa de arquitetura  
 deitar e tornar inspirados em di-  
 sos contemporâneos, protegidos na teoria  
 por a arquitetura de G. Lullier e Cláudia C.  
 Almeida. Para conhecer mais que  
 uma das possibilidades de  
 "Arquitetura e Equidograma" (O abri-  
 keijoma

algumas vezes que julgamos tratar de textos soltos. Depois juntamos tudo e tornamos aquilo textos entre outras coisas. Textos de outro prazo que não iniciamos ali no início daqueles textos. No entanto, nos meus outros textos, apesar de muitas vezes juntarmos parágrafos aos textos que produzimos - Quêito, de vez em quando, obra de arte, a forma professor a forma Aluno, Conto - e dá a Bíblia. Além de bem logo. Mas, de acordo da autonomia, sobria, clareza... Quando preciso, produzindo sempre. Estuando pouco que da iniciamos a outros, foram em duvidas. E ainda como

Uma educação atenta aos textos, mas não refém dos textos. Uma formação atenta aos textos e pronta para tomar

Poltronas é uma prática de leitura literária que pode ser feita de várias maneiras, com ou sem o uso de tecnologia. A prática de leitura literária é uma atividade que envolve a leitura de textos literários, com o objetivo de compreender e interpretar os sentidos e as mensagens desses textos. A prática de leitura literária pode ser feita de várias maneiras, com ou sem o uso de tecnologia. A prática de leitura literária é uma atividade que envolve a leitura de textos literários, com o objetivo de compreender e interpretar os sentidos e as mensagens desses textos.

Parte da documentação da oficina "do processo de desmistificação dos corpos" apresentada na II Jornada de Gênero e Processos de Subjetivação de autoria de Valéria A. Cortez disponível em: [www.programasociedade.org.br/html/curriculo\\_em\\_27\\_de\\_jan\\_de\\_2015](http://www.programasociedade.org.br/html/curriculo_em_27_de_jan_de_2015).

1 / 1  
textos meios de outro processo é possível.  
Uma educação que forma sempre prior-  
ta para desfechos. Não sempre há for-  
mas de formas que formam ab-  
trais e outros e outros e e... Não for-  
mas continuada porque a forma  
estática é impossível e a falta de forma  
não é possível. Apesar de não termos a  
formação, sempre há forma. Logo não  
há de forma pronta para desfechos.

A bibliografia em referência — as coisas  
que insiram

As coisas dadas é modo de ser pro-  
dução de texto não se confundiam  
diretamente, de modo individual ba-  
na referência. Apesar de estar a toda  
parado nos textos. Muitas coi-  
sas e muitas delas implicam de vi-

//  
necessite para as exatões de matérias,  
formatos ou métodos de trabalhos pa-  
ra os traços delineados principalmente,  
trabalhamos estar onde está e escrever  
como escrevo. Nada se quis, nem tam-  
bém limitado a uma análise de con-  
teúdo. Assim, faz o convite para que  
leiam alguma coisa da referência  
que me inspira em si. Porém, não  
deixo de tentar a entender, no enten-  
do, até a pensar outras coisas não  
pensadas. Fato nisso: em textos, em  
referências que precisam pensar e im-  
pedir, porém outras relações por-  
tando outras relações que ainda não  
havia sido pensadas por tão simples  
que pareciam. Por nada, tem a ver com  
esse desejo atual de querer ser novidade  
instantânea. A leitura destes textos pode  
trazer, um tempo que não é cronológico,

nem determinável por si, mas por  
 si, mas que indica a sua natureza  
 por. Um tempo desorganizado  
 com o voluntário, mas intimamente  
 relacionado ao voluntário. Não se  
 haver algum momento em que  
 se que insiste em nos afastar de um  
 tempo vivo, de nos afastar daquele  
 que consideramos mais vital, mais  
 do - nos de nos organizar, análises  
 relativos, resultados, análises de des-  
 modo, é sugestão que se perca um  
 tempo destas leituras e quem sabe  
 devolve-se que é possível inventar ou  
 ter tempo para vida que não perde  
 tempo e inventa mantendo para viver  
 e não elas: "liberdade e repetição", "A  
 de Bem e do Mal", "Sei como", "En-  
 tre as coisas", "As palavras. Perfor-  
 mança e Esquema", "As palavras infer-

kajoma

"Este tempo comum que vive a  
 contradição a luz de si e de  
 um nome de coisa de que se  
 por traduzido por sempre, e que  
 da mesma sem qualquer  
 anterior. No momento de  
 ação pode referir-se ao tempo  
 de um modo de tempo  
 do, ao tempo por si" (OLARROSA,  
 2009, p.124)

kajoma

mativos. Performance Corps, Solito",  
 "Escritura n-1; piquete cinco de  
 lins transiçoes"; "Salvaria"; "Lom-  
 the Negro"; "O que sera que sera";  
 "De front pro pibara"; "ballie"; "Distas  
 sobre o metodo cartografico"; "Gara-  
 mento, corpo e dona: Uma perspectiva  
 etica/estetica (politica)"; "O'olho teatro  
 desistencia corporaempresario 1, 2, 3 e 4".

Não selecionar nenhuma trecho nos  
 tes manuscritos porque tem coisas que  
 mostram também: base de dados, cor da  
 capa, acumbamento dos artigos, foto  
 selecionadas, choro da impressão de-  
 mata para baixar o arquivo da in-  
 ternet. Foi também que ab selecionar  
 este em aquele momento, o seleciona-  
 dei intensiva naquela parte do texto.  
 Geral, mais importante que selecionar

Síntese conectiva de produção, as ma-  
 quinas deslocares funcionam por  
 deslocamento e cost e fluxos, a q  
 produção está investida na rede e o  
 produto-produção ao mesmo tempo  
 o deslocamento e cost e fluxos por  
 cost e fluxos "e e", não distingue  
 entre produto e máquina, mas co-exis-  
 tência, uma a nível linear-forma  
 de deslocamento "A produção desloca-  
 te forma uma máquina linear-bi-  
 nária. O corpo plano reintroduz  
 como forma tempo e espaço, mas  
 sem atingir o caráter de 2, 1, 2, 1.  
 A série é totalmente reflexa a uma  
 transmissão que a submissão e a mel-  
 dora em uniformidade uma uma li-  
 queira espalhada em tempo e espaço.  
 "Das linhas do Eclips" (DELEUZE;  
 GUATTARI, 2010, p. 28).

11  
este eu aquele fragmento, e perceber as  
relações que se vivem com tal de-  
sejo. Por isso também, muitos textos  
que transam com seus verbos grammas  
de outros autores com Schulz.  
ou dele, mas afirmam velhas  
relações por estes outros combatidos,  
não acrescentam a potência de vida  
na academia. Mais importante que  
estar tal eu tal pesquisador é apontar  
mas relações que são trabalhos potes  
iniciam na afirmação de vida.  
possível na academia. Aperta-se nas  
coltas, desobias, desobias, mas desobier  
tas que o leitor possa inventar, ler  
de-se a lugares que ainda não se foi  
mas que este trabalho possa indicar.  
Uma investigação de fragmentos, mas  
que não se limita a determinar frag-  
mentos essenciais.

//  
Uma educação que mostra suas formas, que não tenta mostrar que não há limite a uma vontade da fonte sempre a favor. Uma educação que indica referências, mas que sabe que o debate é possível. Uma formação que inspira e que por vezes põe o pensar.

### Metodologia em cursos de arte

Não digo uma metodologia específica em pesquisas de pesquisa porque de fato pesquisas observam de verdade os resultados individuais alguns fluxos. São pesquisadores relevantes e capazes de trabalhar em cursos visando a qualidade. O pesquisador, deste modo, tem o papel de estabelecer relações, avaliando por suas próprias relações não pensadas, apesar

de não controlar seus resultados plenamente ou exercer seus efeitos. Os equívocos são aqueles capazes de promover os tipos observados de coisas e para um indivíduo, disse Deleuze e Guattari. Quando todos os equívocos, contornam os dois. Porém, não o conhecimento autêntico ligado pela psicomotricidade observada por uma cura que não existe. Equívocos que relacionam coisas, que era repetida e cópias, era indistinguível cópias vividas no caso, dando lugar a vida. Uma educação esquisita. Uma formação esquisita para o objeto que se espera. Uma educação que se dá em relação a diferença. Uma educação e uma formação. Um indivíduo. Uma formação e uma educação produzidas por cópias produtoras de cópias, mas não reflexo de cópias; que desobedecem

"O equívoco é o produtor universal. Neste caso, não se trata de distinguir o produtor, que produz, ou pelo menos, o objeto produzido, ou se por aqui para um novo produtor" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 18).

e codifica e descodifica e outras coisas, entendendo que vida é movimento e não um estado de ser. Uma forma de vida que se produz com auto, o auto de produzir que ainda lentamente se cria não por falta de meios físicos, mas na produção de estado outra, uma vida que a vida existe de criar com o que está no mundo e não fora dele. Nessa educação precisa que só produz diferença na diferença, há diferentes em oposição de idênticas. Uma educação que não quer produzir uma multiplicidade ou produção, porque produz somente a vida, produção de vida. Uma formação que não se cria com let- mas também porque não há. Uma educação e uma formação precisa das apenas com produção de vida, no vida, vida no mundo.

kajoma

Novos meios, o Eclips e a construção? Cede que estamos deentes da esquizofrenia como processo - ou da continuação do processo ao infinito, no vazio, em novidade recuperada (a produção esquizofrênica - entidade), ou, ainda, da confusão do processo como uma meta (a produção de processo-artifício), ou, ainda, da interrupção prematura do processo (a produção do neurótico-analítico)? Buscamos a confiança com Eclips e a construção, ensinamos sobre eles, seja para nos medirmos por eles, seja para constatar que não somos mais do que eles. Mas de toda maneira o mal já está feito, a cura envolve o caminho da edipização, todo fumado de detrito, contra a esquizofrenização que deve nos uniar da cura

“Mas será que isso é suficiente para fazer valer a chama da produção? Suficiente: como todos os que são todos pensarem, como todos se sentirem demasiado ricos ou demasiado liquidados... não por gosto, mas porque somos todos filhos deuses deturpados... Qual é o neurótico um tanto que não se importa aliado no recheio da esquizofrenia, que recebe agora no qual a realidade não responde ao territorialidade perversa para além das condições infâncias de Eclips? Quem não sente nos fluxos de seu desejo a lava e a cura? Afinal, de que estamos deentes? De própria esquizofrenia como processo? Ou da própria neurotização a que nos entregamos, para a qual a psicoanálise tem seu

LEUZE, GUATTARI, 2010, pp. 94-95

## Para passar a lição

Aparto numa escrita intencional ou  
sem intenção, ou seja uma escrita  
que se encontra na escrita ou na leitura  
da. Assim, sendo cada letra, cada  
forma de juntar um termo ao outro,  
ou espalhar da escrita na primeira  
versão, a modulação da grossura  
da ponta do lápis, as variações de  
velocidade e da repetição das letras, o hei-  
to de borracha, funcionado na folha  
condições de escrever, produção de  
linhas, traços e particularidades de cada des-  
culpa - mas pela falta de saber linguísti-  
co com a mesma falta padaria ou  
as normas do ABNT que me uso  
para neste trabalho. Saber que um  
documento escrito sem todas as nor-  
mas para ser usado com eficiência

//

te. Mas aqui importa antes saber, o vi-  
ver da língua que se quer ensinar  
e não a escrita que se quer ensinar  
saber da pronúncia, das palavras, das frases e  
das construções. Uma linguagem que tem  
por da reprodutibilidade, termos, repeli-  
ção, afinação, e a reprodução.  
Uma educação não é a reprodução, não é  
afinação a padrões fixos e seguros. Uma  
educação é a reprodução. Uma educa-  
ção produzida como um verbo defini-  
do.

A escrita de um texto a língua  
na estrutura de uma frase, funda-  
mental e ainda presente no fundamento  
tal de outros, resistindo aos apêndices  
letras em sentido como cartas aos  
homens **supra** mentados que nos dizem  
como se escreve. Ora? Escrito, passar

kajoma

1 / 1  
o limbo para quem sabe fazer melhor  
o que fora ensinado. Quer? Copiar para  
fazer igual depois para diferenciar. Copiar  
é o que todo mundo sabe sempre desajeitado  
e reconhecível com boas notas ou não  
de um difícil ambiente universitário. Mas  
muitas as aulas de Matemática ou  
Física estão liadas aos computadores e limbo.  
A linguagem é diferente em todas as dis-  
ciplinas. Uma educação made in USA  
matemática. Uma prática da língua por-  
tuguesa. Uma prática da língua de origem  
superior (ou seria dos superiores?). Não  
cada estudante. Uma formação que  
para a maioria é possível. Uma educa-  
ção que prepara outros métodos de pensar  
educação. O básico aqui é pensar.  
Quem sabe um delirio matemático  
é de um bom a melhor letra possível  
para um bom estudo. A atenção a mais

//  
ta dar ser esquecida, por os seus f-  
sões indentes. Uma educação que não  
de chegar aos, mas também, melhor  
então, seres que temem o erro, outra  
tosa: exercício inventivo, criação e por-  
tuel. Uma formação que ao preparar  
educação ou vice-versa, não as mãos  
mancha, folhas, marca o observo, não  
altera, mas escrever sobre o plano, bi-  
mensão da escrita que inventa, multi-  
mensão da leitura. Uma educação que  
se permite mudar pelo exercício de "per-  
guntar, de pensar, e pensar, Atividade!  
Para de apalodado, por favor. Aqui  
sermos. Todos alunos do escrito, abran-  
dando a fazer do Mesmo, outras coi-  
sas, diferenças.

A vida

11  
Dino a partir daqui mais espere para pensar, inclusive apontando que pensar não é algo que se aprende também para pensar como produzir a vida, pois há que pensar o outro. A vida é a forma que dá para outras pessoas viverem, então é possível viver, mas é fácil não ser feliz, mas por estar em tão boas condições. Pensar é difícil, pois é sempre um processo difícil, contudo, pensar é por isso, finalmente!

Mantendo a vida em boas condições  
na vida é por isso, finalmente!

kajoma



**CUIDADO**

**CORPO**

**EM**

**OBRA**



**ARTE  
E  
EDUCAÇÃO**

## APRESENTAÇÃO

O que pode a Arte na Educação? Que arte pode a educação? Um artista que vislumbra produções artísticas na escola, fora da sala de arte, dentro da secretaria, no corredor, na oficina, no contraturno, no recreio; em outros espaços educacionais que não estão instituídos pela tradição da Escola, para o ensino regular da Arte. Mas arte se ensina? Um que não se reconhece e não se produz na Pedagogia. Ou pelo menos produz um outro que não se esperava pedagogicamente. O mesmo que na Arte se produz com educação, na diferença do encontro com a Educação. Um artista levado à sala de aula e que é posto a pensar outras relações possíveis entre Arte e Educação, para além da repetição da linguagem escolar do Mesmo, na travessia de produção de si, produção de mundo.

Nos encontros novos movimentos no pensamento em arte. Mas arte não é só linguagem artística: teatro, dança, performance, pintura, música, literatura, cinema, artes visuais, fotografia, circo, artes plásticas... arte também é modo de criação. Pesquisa como produção de obra em arte, é possível? Encontros com Filosofias da Diferença, na amizade de pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari e Michel Foucault e Nietzsche e Literatura e Música Popular e e e... Pistas são encontradas que alargam e desmancham e criam novos territórios de arte, novas relações entre arte e educação e filosofia e clínica. Pesquisa como cura, é possível? E como produção de saúde? Arrisca-se.

Um território sempre em movimento, Angel Vianna – mulher e artista e bailarina e ativista social e pioneira da dança e vanguardista e *e*'s intermináveis é atualização de vida e arte: arte que se faz com vida, vida que é arte, arte que cria possíveis outros de vida, vida possível, embora às vezes pareça tão impossível. E com ela cria-se o desejo de pesquisar atualizado no anteprojeto “Angel Vianna: professor como dobra do artista” apresentado à seleção do Mestrado do PPGE – UFJF 2013. Naquele momento, produzi uma monografia no curso de Especialização em Teatro e Dança na Educação (MENDES, 2011) e me incomodava com a dicotomia acadêmica entre territórios do bacharelado e licenciatura na formação em Artes Cênicas, acentuada pelos neologismos acadêmicos que reforçavam a segmentação, fortalecendo identidades em detrimento da diferença: arte-educação, artista-pesquisador, professor-pesquisador- artista, arte-educador, Arte-educador-pesquisador-artista, professor-artista, artista,

professor de arte, bacharel... Hífens intermináveis. Fôrmas e mais formas ideais e moldáveis. A forma, neste caso, quase sempre criava também ressentimentos impotentes que afirmam: “artista não é professor” ou “professor não é artista”. “Se não for formado para isso, não será isso”. Formação. Desse modo, a pesquisa deslocou seu centro, descentrou e concentrou-se em outra questão vizinha. Como alguém se forma? Como alguém se inventa e inventa ao mesmo tempo, um mundo outro com Educação? Que formação é possível? Dispara.

## QUESTÃO

O que pode um artista na Educação? O que pode um professor em modo de arte? Criar. Cria professor, cria ator, cria possíveis na vida. Uma artista em criação cria Escola Angel Vianna. Uma artista em produção torna-se Doutora Notório Saber nas áreas de Conscientização do Movimento, Cinesiologia e Dança, pela Universidade Federal da Bahia (2003), sem nem mesmo ser graduada. Sem ter currículo *lattes*. Uma artista em criação cria novas relações entre arte, educação e clínica. Uma artista em criação cria-se como bailarina, cria-se como professora, cria-se como doutora: Angel Vianna. Dois artista vivendo juntos – Angel e Klauss Vianna – criam casamento. O casamento em vida cria casamento de arte que cria outro modo de arte contemporânea brasileira. Porém, a produção de um não impede a produção de outro. Pelo contrário, ou não tão contrário, porque não é oposição, mas criação na diferença: uma produção artística totalmente implicada com uma produção pedagógica, uma produção de professora implicada com uma produção de artista implicada com uma produção de mulher. Nos possíveis de outros modos de vida uma questão se inventa: e se Educação se inventasse com arte? E se a Educação for capaz de se criar com arte? E se Educação também produzir arte? E se Educação só capaz de produzir-se arte? E se arte... e se educação... e se encontros... e se encantos...

A questão aqui não é propôr um método lógico, totalizante, generalista, verdadeiro que seja capaz de criar professores bem formados. A questão aqui é investigar processos nos quais produção de si e de mundo se dão. Educação como criação de si e de mundo. É possível? Imagina-se que sim! Investe-se nisso. Vive-se assim. Não é investir na fôrma para uma forma, mas nos modos em que as formas se produzem. Não negamos a forma, mas a forma estática é negação do movimento da vida. Interessa formas que sempre estão prontas para se tornarem outras. Processo

atento às formas em formação contínua, mas não formação continuada em busca da forma ideal ou forma inacabada pelo inatingível da idealização, e sim formas que são sempre fruto de processos, sempre em processo de efetuação para que outro processo seja iniciado, forma sempre em devir. E se houver forma, apostamos na formação sempre provisória, sempre viva.

Aqui não aponta-se falhas em processos de formação de professores ou superação teórica acadêmica que desinstitua a licenciatura ou o bacharelado. Talvez fosse interessante. Aqui o falho é pensar a Formação de Professores. Mas no momento, investe-se em territórios constituídos que se desterritorializam em linhas criativas que escapam à forma pré-estabelecida. Território de criação no institucional e de criação não institucional, não instituinte, nem por isso menos educacional e artístico, produtor de novos possíveis de formação que em relação com academia, propõem outros possíveis de vida na Academia.

Outro movimento, uma pesquisa que se pensa em pesquisa. Um pesquisador que se pensa em pesquisa. Uma pesquisa e um pesquisador que se inventam em pesquisa, tudo junto, ao mesmo tempo. Inventando tempo outro. Assim como este projeto que se desdobrou de um anteprojeto que se dobrou numa caixa e se desdobrou em artigo, que agora se dobra em dissertação. Exercício de fuga a pensamentos dogmáticos e reconhecíveis. Risco. Pesquisa que se produz na relação entre corpos e entre corpo e no corpo e produtor de mais corpo: corpo pesquisa, corpo pesquisador, corpo Educação, corpo qualificação, corpo dissertação, corpo Formação, corpos, um corpo. Um corpo e sua multidão inventiva. Por isso, uma produção outra de corpo, da diferença, produz marcas que seguem seu rigor. E sobre o rigor e marcas, Rolnik aposta numa desdobra ético/estético/político:

Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo do saber); ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com esse tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como uma obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir. (ROLNIK, 1993, p. 7)

Na desdobra ética/estética/política do rigor percebo, ainda, uma desdobra econômica. Um exercício ético e estético e político e econômico. Ético por partir de relações atuais e não de regras moralizantes pré-estabelecidas que se quer imutáveis; estético, porque produz-se enquanto forma singular, como obra de arte que se afirma na diferença, não no reconhecimento, forma sempre provisória capaz de produzir outras formas singulares, muitos agenciamentos; político, pois aposta em novas relações, alianças de criação que escapam às hegemonias de pesquisa ou instituintes tradicionais, investigando novas possíveis de criar vida; econômico, pois o que se produz não tem utilidade totalizante, é regional, mas mesmo assim, aposta na produção de novo, não na novidade, não pretendendo conhecer ou reconhecer, mas produzir, produção não mecânica, nem por todos consumível como solução de problemas gerais da Educação ou da Formação de Professores: produção investida no desejo de produzir, que se esquia da anti-produção academicista e despótica do qualis A, sempre forma que produz outras formas. Como se trata de acompanhamento de processo, não visa a exclusivamente a produção de um produto – qualificação, artigos, dissertação – mas a qualquer momento da produção em processo, produtos provisórios serão produzidos e produzirão outros tantos produtos provisórios, sempre produtores de outros e outros e outros e e e...

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **DE DESDOBRAS PRÁTICAS**

No movimento da pesquisa, da emergência às provocações potentes vindas do território da Filosofia, através dos trabalhos de pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari e Michel Foucault e Sueli Rolnik, problematiza-se a relação entre prática e teoria, percebendo o movimento de atualização constante. As produções teóricas deles se configuram como uma prática. As experiências textuais que povoam este trabalho constituem-se por atravessamentos na diferença de áreas do conhecimento, conectando, por isso, áreas antes entendidas como dicotômicas. Aposta desse modo nas relações possíveis entre educação e arte e filosofia e clínica. Desse modo, abre-se um outro possível que investe na teoria como uma prática e na prática como desdobra da teoria, teoria que não é, não pode ser e não se quer totalizante. Uma experiência de pesquisa que desfaz a clássica, tradicional e impotente dicotomia teoria e prática.

O pensamento na diferença potencializa outro modo de pensar Formação e Educação. Aqui, relacionando-os ao fazer artístico e necessariamente, distinguindo-os. A diferença como criadora do novo. A constatação da diferença, a dissolução da dicotomia e a invenção. O novo partindo da repetição na diferença e não da busca pela semelhança.

Essa relação é de constituição: o de-dentro é constituído pelo de-fora, por uma operação do fora, mas de tal modo que nem se opõe, nem mesmo é fisicamente exterior ao de-fora: lhe é coextensivo (...). A razão desta relação intrínseca é que esta operação constituinte é uma dobra, uma prega, uma reduplicação; é a dobra do-fora que constitui o de-dentro. (MACHADO, 2009, p.177).

Assim como a dobra em Deleuze comentada por Machado, que não cria dicotomias, mas relação na diferença, esta dissertação é desdobra artística de processos de formação, inclusive daqueles que assumiram a função institucional de professores. Pensar desse modo formação permite se desvencilhar de métodos que buscam totalização e estagnação no já conhecido. Não se ocupa aqui com formas bem delimitadas, com territórios intransponíveis. Investe-se na forma que está sempre em formação, um fora do território que se constitui junto do dentro, mas não em oposição. Um fora que é também dentro, um dentro que é desdobra do fora que se desdobra inventando outro dentro e desdobrando e dobrando... “A cada vez que um diagrama se forma, a pele se curva novamente. Nesta dinâmica, onde havia uma dobra, ela se desfaz; a pele volta a estender-se, ao mesmo tempo que se curva em outro lugar e de outro jeito; um perfil se dilui, enquanto outro se esboça” (ROLNIK, 1997, p. 26). E as relações não param, há dobras, desdobras, dobras. E “A desdobra, portanto, não é o contrário de dobra, mas segue a dobra até outra dobra” (DELEUZE, 1991, p.18).

A vivência artística de Angel Vianna apresentou-se como modo de existência no qual o fazer artístico se desdobra em fazer pedagógico, a teoria e prática se atualizam no corpo em criação, relacionam-se; as dicotomias desaparecem, não existe um sem o outro. O rigor em suas experiências constitui-se como ético e estético e político e econômico. Angel Vianna vê sua vida confundida com a própria vida da dança, do teatro e da arte no Brasil. Uma vivência artística e pedagógica no palco, na sala de ensaio, na rua, na escola, no dia a dia. Mas como o projeto vazou por outros territórios, se desterritorializou, a vida Angel Vianna continua a servir como uma provocação a pensar novas relações na formação com desdobras de arte, mas a pesquisa segue

investigando processos de formação, não mais exclusivamente a formação Angel Vianna.

Arte. Filosofia. Educação. Deixar-se afetar por tudo sem moderação.

Os primeiros processos de acompanhamento da pesquisa se configuraram no exercício da cartografia, seguindo algumas pistas organizadas no trabalho de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009) que propõe a cartografia como método de pesquisa, provocados pela obra de Deleuze e Guattari (1995-1997). As pistas apresentadas aqui podem aumentar ou diminuir, como propõe a organizadora do estudo, Virgínia Kastrup. Considero aqui a transcrição da fala da pesquisadora quando presente no curso *Cartografia da invenção: pistas e políticas de um método de pesquisa*, em 09/05/2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPGE/FACED/UFJF. No livro apresentado como referência deste trabalho, ela diz oito pistas. O grupo de pesquisadores lançou recentemente outro livro com mais oito pistas, somando agora, então, dezesseis. Seguem aqui, as pistas inicialmente acompanhadas. **Pista um:** *Captar um processo é acompanhar um processo, não é apenas analisar dados.* **Pista dois:** *Toda cartografia é um coletivo de forças, não apenas um dado objetivo.* **Pista três:** *Cartografia é sempre um território existencial no qual o pesquisador situa-se em relação ao pesquisado, não se isolando do dado objeto.* **Pista quatro:** *Cartografar é um traçar de um campo problemático, que busca implicações acerca do pesquisado, mas não visa a uma solução.* **Pista cinco:** *Cartografar requer sempre um dispositivo para funcionar, uma ferramenta que auxilie na relação com o pesquisado.* **Pista seis:** *Aprendizado de atenção, pois toda experiência é múltipla e é preciso estar atento à produção do novo.* **Pista sete:** *A dissolução do ponto de vista do observador, pois o pesquisador na cartografia não apenas observa, mas interage com o corpo inteiro, se cria ao pesquisar.* **Pista oito:** *Cartografia é um método que distingue, mas não separa pesquisa e intervenção, porque a pesquisa já é um modo experienciar e intervir em determinado território.* **Pista nove:** *Política de narratividade, como cartografar é estar atento à produção do novo, alternativas ao modo tradicional de narrativa podem ser apresentadas.*

Depois das pistas, um ensaio de esquizoanálise aplicada à pesquisa acadêmica. Depois do ensaio, um exercício de pesquisa esquizoanalítico ou um passeio esquizo pela academia se afirmou como possível à produção do mestrado, provocado, sobretudo pela experiência de leitura da obra *O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari (2010); pelo contanto com as pesquisas do psicanalista e o seu esquizodrama, Gregório Barenblitt; pela

proximidade aos trabalhos da performer e parteira e pesquisadora e seu *corpoalíngua* (2011), Clarissa Alcântara; e o convívio com trabalho da atriz e parteira e pesquisadora e companheira de arte e de vida Cláudia Meireles junto às oficinas e apresentações de teatro do Caps – Centro de Atenção Psicossocial – CasaViva, localizado na cidade de Juiz de Fora – MG. Partindo do trabalho dos amigos a respeito da problematização da produção esquizofrênica, pratica-se nesta dissertação a livre associação na constituição de uma pesquisa *bricoleur* em Educação.

### **OU PISTAS DE CAMINHOS...**

Cartografei algumas experiências relacionadas à formação. Ou exercitei uma pesquisa esquizoanalítica, passeio esquizo pela academia, experienciando uma livre associação, acoplamento pelo desejo, trânsito entre códigos forçando limites da pesquisa acadêmica; ensaiando textos *bricoleurs*, na afirmação de pesquisa como obra de arte, como obra em arte. Segui aqui uma tentativa de ordenação, quem sabe diabólica, como a preciosidade de provocações da parteira Rosane na banca de qualificação. Isto seguindo o rigor da desdobra ética e estética e política proposta por Rolnik agenciado ao rigor econômico. Pesquisa em produção de produção.

As experiências aqui foram fruto de acompanhamento de processos em aulas, oficinas, encontros, seminários, processos acadêmicos e ou intervenções artísticas, conversas de corredor ou noites de bebedeira e outras tantas coisas inomináveis, percebendo os possíveis de desdobra de uma formação e uma educação outra, academia em obra de arte.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995-1997. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34

DELUZE, G. *A dobra: Leibniz e Obarroco*. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLO, Sílvio. *Filosofias da Diferença e Educação: o revezamento entre teoria e prática*. In.: Foucault, Deleuze e Educação. CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Org.). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2010.

ROLNIK, S. *Uma insólita viagem à subjetividade*. LINS, Daniel (Org.) Cultura e Subjetividade. São Paulo: Editora Papyrus, 1997, p. 25-34.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1 n.2. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduaados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993, p. 241-251.

## **A loucura dá show. A loucura faz saúde. A loucura faz vida**

Entre conversas e causos... Melanie Klein, bem nasalizado. Entre a dificuldade de um de entender o que se passa nessa conversinha do "atravessando o travessia", digo: tenho uma história para contar, era um homem que é de fevereiro, fevereiteiro; de março, marcereteiro. Claro, não. Entendeu? Alguns sim, alguns não, alguns, ninguém...

Na madrugada, um humano demasiado humano repete 'a dor diz, passa momento, mas o prazer quer a eternidade'. Eterniza aquele momento de dor, toalha molhada na cabeça, ronco, fungados e muitas flatulências. Pergunta com voz cavernal de algum intelectual em crise de sinusite.

- Você tem medo de quê?
- hum... (querendo fingir dormir)
- Você tem medo de quê? (Insistente)

A pergunta acorda uma inquietação há muito presente. O desejo de produzir resposta ainda mais inconclusa toma corpo e um possível diálogo se inventa.

- Tenho medo de desaparecer.
- Tenho medo de ficar só.
- Tenho medo de perder o controle a qualquer momento. E a voz sinusitante cria

entendimento:

- Eu também. Temos os mesmos medos: da morte, de ficar sozinho e de enlouquecer. Você já se sentiu próximo a isso? Perder o controle?
- Sim. Sempre.

*A loucura é de uma lógica da comunicação velada, muda, todos falam com todos, mas é como se eles falassem só com o imaginário deles-outros.<sup>1</sup>*

E o show da loucura atravessa a sua sexta edição, na madrugada de uma quarta, num quarto universitário. Na quinta edição, posterior à sexta, na manhã da quarta-feira, falas concisas, desejo de texto claro, tão claro que é capaz de ser projetado para fora da conversa, num futuro dialético impossível e adoecido. Enquanto isso, o nome que não saiu na programação, o refletor que não acende, o data-show que precisa ser desligado, as luzes que precisam ser apagadas. Preciso de amigos, muitos! Uns cantando juntos, outros apagando as luzes, outros acendendo luzes, um para operar o data-show. Acontecimentos da memória. Ou seria sem memória?

---

<sup>1</sup> DUARTE, Edson Costa [vivo]. *Solidão (o mundo é merda)*. Texto dramático ainda não publicado oficialmente, e cedido a mim, generosamente pelo autor.

*A memória dos dias se constrói entre o que se retém e o que se esquece (de novo, de novo, até ficar inaudível).*

A ação começa. Na entrada, a saída da mesa com a viagem da música: "eu vim de longe para encontrar o meu caminho", cheguei a UNICAMP<sup>2</sup>.

*PERSONAGEM (Folheia o caderno e lê). No pano branco são projetadas imagens de fachadas de Hospitais psiquiátricos. E imagens internas também, se forem conseguidas com autorização das entidades. P.S.: O Hospital Psiquiátrico Cândido Ferreira, em Campinas – SP, talvez autorize imagens.*

Ao fundo da cena, por acaso, na síntese conjuntiva de criação, na falta das imagens artificializadas de hospitais psiquiátricos, resta a imagem autêntica da UNICAMP.

Logo um corpo nu, é performance, sempre um corpo nu. Diferença entre teatro e performance, pois o figurino essencial em performance é o nu, em suas múltiplas formas em devir.

Uma plateia atenta. Mas as luzes ainda acesas. Quanta clareza!

- Alguém poderia apagar a luz, por favor?

Um corpo apressado vai e volta, volta e vai, para certificar-se de que estão todas apagadas. Surpresa! Uma ainda acesa.

\*\*No pé de um amigo uma frieira. Doença. Um corpo que resiste à produção do fungo. Saúde. Desdobra e dobra de doença-saúde na criação de vida.

Mas ainda havia luz lá fora.

- Por favor, alguém poderia fechar as portas?

O corpo amigo atento, volta e vai, prontifica-se. "Clack."

- Será que a porta só abre pelo lado de fora? Aguardemos.

Desconforto na disritmia do coração. Na projeção, corpos e grades e locais para clausura na diferença, loucura. Loucura da clausura. Forma acadêmica, sintoma endêmico da citação descartável, clausura bibliográfica. Mas agora, criação na

---

<sup>2</sup> Apresentação do Show da louCURA 5, no V Seminário *Conexões Deleuze e territórios e fugas e...*, ocorrido na cidade de Campinas – SP, promovido pela Faculdade de Educação da Unicamp, entre os dias 20 e 23 de agosto de 2013.

clausura, fuga à clausura, louCURA. Sem separação entre o NAC1 (os piores) e o NAC2 (os melhores), tudo misturado.

Discussão sobre sexualidade, homossexualidade. Filosofando, um amigo expõe suas conclusões de pesquisa empírica: cavanhaque e ou moto com compartimento traseiro é sinônimo de comportamento homossexual. Comprovação analisável *in loco* no Parque Taquaral, em Campinas, no qual práticas homossexuais masculinas acontecem assim, tranquilo, à luz do dia. Naturalidade cotidiana como o quiosque, a árvore, o vento, as árvores, os gatos, os trilhos do bonde, o lago, os patos. Uma fuga da clausura social de padrões doentios. Loucura? Criação! Uma possível linha que perfura o cotidiano burlesco de um parque ao redor de mansões familiares de classe média. Corpos masculinos, tesos e criativos, resistentes. Uma fuga dentro da clausura. Um possível na criação de novas relações sociais. LouCURA. Uma passeata do arco-íris por ali talvez espantasse mais que produzissem devires. Identidade aqui é negação do movimento.

Voltando ao caso dos cavanhaques e compartimentos traseiros para motos, seria isso o grande fetiche daqueles grupos de motoqueiros? Por isso devem andar em grupo. Delícia. "Então era isso". Será? Desconfio.

No intervalo, meu amigo especialista em cavanhaques e homossexualidades compartimentadas em motos, preocupa-se:

- Não posso esquecer a cueca. Se eu perco a cueca é sinônimo de problemas em casa. E imita, com tom de voz agudíssimo, sua mulher: "Cadê a cueca?". A gente às vezes cria também nossas clausuras para nos proteger da loucura em caos, medo de ficar a só consigo e com outros tantos...

Em performance, a amizade foi capaz de trazer uma possível cura. A loucura que é clausura cria doença, mas também cria cura. Ou Saúde. Fuga possível na escrita, louCURA que é capaz de criar e criar e criar e criar saúde e e e...

A performance não é o fim de uma obra, mas inícios em obra. Linhas que furam a cura que disforma a forma, na academia, no manicômio, no parque, na vida!



## APRESENTAÇÃO

*É com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais. Continuo com capacidade de raciocínio – já estudei matemática que é a loucura do raciocínio – quero me alimentar diretamente da placenta. Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena.*

*Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo. E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já. Só no ato do amor – pela límpida abstração de estrela do que se sente- capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar e a vida é esse instante incontável, maior que o acontecimento em si: no amor o instante de impessoal jóia refulge no ar, glória estranha de corpo, matéria sensibilizada pelo arrepio dos instantes – e o que se sente é ao mesmo tempo que imaterial tão objetivo que acontece como fora do corpo, faiscante no alto, alegria, alegria é matéria de tempo e é por excelência o instante. E no instante está o é dele mesmo. Quero captar o meu é. E canto aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém. Mas não há paixão sofrida em dore amora que não se siga uma aleluia.*

....

*O risco – estou arriscando descobrir terra nova. Onde jamais passos humanos houve. Antes tenho que passar pelo vegetal perfumado.*

....

*O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente? minha experiência vem de que eu já consegui pintar o halo das coisas. O halo é mais importante que as coisas e as palavras. O halo é vertiginoso. Finco a palavra no vazio descampado: é uma palavra como fino bloco monolítico que projeta sombra. E é trombeta que anuncia. O halo é o it.*



## **Por que Deleuze? Por que Foucault? Por que Guattari? Por que isso e não aquilo? Por que tanta diferença?**

Meu encontro com a filosofia foi pela arte. Minha professora de Português do Primeiro ano do Ensino Médio, temendo minha loucura anunciada nos textos em que lia, nas produções de dissertações preparativas para o vestibular, adverte: 'fique longe da filosofia, senão ficará louco'. E assim segui tranquilo pelo curso de Letras, depois para o curso de Artes Cênicas. Parecia salvo do prognóstico louco. Mesmo porque o contato com a Filosofia, com os amigos estudantes do curso de Filosofia de lá (Ouro Preto), estava ocupado em desvendar algo oculto, obscuro e que causava um certo mal-estar no homem moderno, hiperindustrial, uma busca para nunca encontrar. Preocupavam-se – aqui o prefixo pré toma potência assustadora e insistente – em analisar, criar hipóteses, teorias, lógicas, uma razão capaz de explicar tudo, mesmo aquilo que não tinha explicação, tomando como falso, falta, mentira o que escapava. Tudo porque havia uma direção muito bem definida pela Verdade, sempre mensurável e dialógica, apoiada na irmã univitelina Ciência. O que meus amigos não explicavam com os amigos da Ciência, a Filosofia explicava com as não explicações, crenças na Razão. As comparações historicamente construídas em soluções eram alucinantes, ora parecíamos viver num mundo muito melhor que aquele dos tempos rupestres, ora parecíamos viver num tempo pior, tomados por um fatalismo mercadológico. A questão é que sempre era tudo muito lógico, racional e com esforço, todos seríamos capazes de entender, porque todos os humanos são dotados de pensamento e era isso que nos diferenciava do que eles chamavam de animais. Diziam que éramos civilizados, educados, humanistas, capazes de contemplar a natureza e por vezes, modificá-la às nossas necessidades. Despediram Deus de suas funções de protetor, erguendo em seu lugar um totem ao Homem sério e heróico capaz de pensar sobre tudo tematicamente. Era ficar recluso e pensar e pensar e pensar sobre a vida ou quem sabe, sobre a arte.

Enquanto isso me enfadava de um discurso muito rebuscado, entre uma cena e outra da escola de teatro, achava tudo muito hermético, muito *mise-en-scène*, muito sem sentido para algo com múltiplos sentidos. Uma fala sem relação com aquilo que acontecia no palco de infinitas relações, arte. Estava salvo da loucura filosófica, pois ali me permitia a loucura artística. Uma educação que se faz pela loucura artística. Uma formação nada louca racionalmente. Estava a

salvo do prognóstico da professora do Ensino Médio, salvo da loucura da filosofia.

Mas uma disciplina de interpretação chamada 'O ator performer' promove um encontro que logo se tornaria um encanto. Uns tais pensadores que produziam filosofia com arte. Até então, via muitos artistas usando o que chamávamos conceitos filosóficos para explicar suas obras, algo contaminado por uma tal Arte Conceitual ou na pior das hipóteses, Arte Contemporânea. Um exercício entediante que parecia dizer para o artista que ele não sabia o que estava fazendo e que somente a filosofia seria capaz de explicá-lo e explicitar aos outros. Daí inúmeros textos nas portas de exposições de arte ou peças teatrais, com variados conceitos que desejam explicar a arte, já que ela mesma não seria capaz disso. Talvez ela, a arte, tenha mais a fazer que explicar o que anda fazendo.

Na diferença disso, os textos apresentados naquela aula autenticamente performática usavam outros fragmentos que já me eram conhecidos, mas que se tornavam outros em performance. Ouvi Antonin Artaud de dentro do manicômio fazendo arte e filosofia. Novamente o perigo se avizinhava, loucura. Artaud produziu sua vida pensando teatro como vida. Um trabalho empenhado em produzir uma obra de arte na cena que não fosse menos que vida. Vida como obra de arte. A filosofia que me apresentavam não servia mais para explicar arte, mas a arte agora ajuda a filosofia a pensar, a produzir filosofia e arte e vida. Eram eles filósofos ou artistas? É filosofia produzida com arte. É filosofia em arte. Deleuze e Guattari roubam de Artaud um tal corpo sem órgãos que não era oposição ao corpo ou não era corpo desorganizado como um monstro. Nem era mais corpo humano, mas um corpo que se fundia, em usinagem, em maquinaria entre humano e inumano. O homem já não era filho de Deus, nem precisava se importar com o julgamento Dele, mas também já não havia mais Homem capaz de substituí-lo. Restava agora apenas corpo, porque quando nada resta, resta corpo. Um corpo que se fazia com outros corpos e cadeira e mesa e sala e Ouro Preto e UFOP e Clarissa e texto e diário e boca e lápis e pé e quadro e pênis e giz e muro e pedra sabão e vagina e ladeira e igreja e Tiradentes e cerveja e barroco e e e... Um corpo no qual os órgãos não tinham função determinada ou fixa, tinham funções e as funções mudavam de acordo com as relações. Um olho que cheira e um estômago que ouve e um ânus que come e caga e beija e tranca fluxos e libera fluxos e anda e para e e e... A nova ordem matava a organização e o

organismo, mas não o corpo. Corpo não é organismo. O corpo sem órgãos se inventava sempre em outro corpo sem órgãos. Um corpo sem órgãos Arte relacionado ao corpo sem órgãos Filosofia que produz apenas isso: mais corpo sem órgãos, corpo. O interessante foi que ao me relacionar com o corpo da filosofia ou o território da filosofia, coisas que ainda não havia percebido na arte ou no teatro saltaram aos olhos. A filosofia me ajudando a fazer mais arte e não a entender arte. Uma filosofia em aliança com arte que só produz mais arte. Um corpo sem órgãos, sem organismo que sobreviva, um corpo sem órgãos produtor de mais corpo sem órgãos.

Uma filosofia que se torna outra. Uma arte que se torna outra. E os contágios continuam, tal qual um vírus contamina o corpo, o texto corpo sem órgãos de Deleuze e Guattari contaminam Sueli Rolnik levando a Foucault a Nietzsche a Peter Pál Pelbart. Desorganizando o organismo da Filosofia e da Arte, inventando outro corpo sem órgãos em Educação. Uma Educação corpo sem órgãos. Uma formação que se faz corpo sem órgãos é possível. Uma Educação que se contamina pela Filosofia. Uma formação em Filosofia em arte é possível.

Não sei se estou muito longe do prognóstico de alerta da minha querida professora do Ensino Médio. Porém, o receio que antes poderia me acompanhar torna-se outra coisa. A loucura organismo da racionalidade, a doença da razão se inventa num outro corpo sem órgãos de possíveis de produção de saúde. A loucura que fora sinônimo para alguns amigos da filosofia para explicar a falta de organização por vezes possível no teatro, tornou-se a loucura que inventa outros possíveis de desorganização para o que se achava muito bem organizado para vida. Desorganização da ordem que produz loucura como doença, desorganização para outra ordem que produz loucura como produção de saúde. Contágios virulentos entre Filosofia e Arte produzindo muita Educação e muito mais arte.

O caminho à Filosofia é sem volta, como se fosse possível voltar à origem de algum caminho... Mas o retorno ao teatro, à Arte, produz uma outra arte nada filosófica, contudo mais artística que antes. Fui a Filosofia pela arte, volto à arte com filosofia na certeza de produzir ainda mais arte na Educação. Formação como usina artística de produção de Educação é possível. Uma formação que passeia, que se contamina e mina a Filosofia em busca de arte. Uma Educação que produz arte contagiada pela filosofia é possível.



## JUSTIFICATIVA

*Ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor. Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra. Meu corpo incógnito te diz: dinossauros, ictiossauros e plessiossauros, com sentido apenas auditivo, sem que por isso se tornem palha seca, e sim úmida. Não pinto idéias, pinto o mais inatingível “para sempre”. Ou “para nunca”, é o mesmo. Antes de mais nada, pinto pintura. E antes de mais nada te escrevo dura escritura. Quero como poder pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto? E aos instantes eu lhes tiro o sumo da fruta. Tenho que me destituir para alcançar cerne e semente de vida. O instante é semente viva.*

*Também tenho que te escrever porque tua seara é a das palavras discursivas e não o direto de minha pintura. Sei que são primárias as minhas frases, escrevo com amor demais por elas e esse amor supre as faltas, mas amor demais prejudica os trabalhos. Este não é um livro porque não é assim que se escreve. O que escrevo é um só clímax? Meus dias são um só clímax: vivo à beira.*

....

*Escrevo-te porque não me entendo.*



## **Como um texto cria para si um corpo sem órgãos ou como criar para si um corpo sem órgãos leitura ou**

Um dos conceitos que mais me encantam e que vem me pondo para pensar e que alguns, como o Professor Mauro Sá da UFF, em fala no IV Seminário Angel Vianna, em 2012, no Rio de Janeiro, nem considera como conceito, mas uma prática, uma afirmação, "é!", é corpo sem órgãos. Este roubado por Deleuze e Guattari ao seguirem as linhas desterritorializantes de Antonin Artaud, presente em sua obra, em sua vida, vale a leitura do belíssimo acontecimento "Para acabar com o juízo de Deus", sua transmissão radiofônica direto do manicômio.

Há um modo de pensar corpo como um conjunto de órgãos que constituem um organismo. Artaud então inicia uma guerra contra a organicidade que impede os fluxos e a constituição de um corpo vivo, ataca a organização que teme a mudança. Um de seus projetos de vida fora pesquisar e propor um novo modo de prática de teatro, um teatro da crueldade, na qual a representação já não fosse importante e o texto clássico já não fazia mais sentido, o fluxo de vida escorria e potencializou a criação do Teatro da Crueldade. Crueldade essa que não tem a ver com a violência desmedida ou gratuita ou imperialista ou fascista, mas uma crueldade que tem a ver com o próprio movimento da vida que a todo tempo lida com o trágico da existência. Em seu livro "O Teatro e seu Duplo", chama a atenção para aspectos interessantes ao relacionar teatro e peste. Curiosamente, aqueles que menos se expõem a peste são os mais atacados por ela. Na Idade Média, os guardas responsáveis por impedir a aproximação de infectados, com ordem para matar qualquer um que ultrapassasse o limite e que por isso se expunham mais aos perigos da peste, não eram infectados, cumprindo parte de seu ofício. Contudo, aqueles que pensavam protegidos pelos muros do castelo sucumbem, adoecem misteriosamente. A exposição à peste faz com o que o casto se torne pervertido, o libertino um virginal, o avaro um altruísta e o solidário um egoísta. A contaminação produz corpos outros. Não se limita a barreiras artificializadas e sanitárias.

Interessante que ao fazerem autópsias dos corpos pestilentos notaram que os órgãos continuavam intactos, apesar de vítreos. Mas em seus interiores os fluxos se tornaram de aparência irreconhecível, pegajosos, duros. E que, curiosamente, os órgãos que possuem seu funcionamento controlados por uma certa vontade consciente foram os mais danificados – o pulmão e o cérebro – enquanto os órgãos chamados de funcionamento involuntário – como baço, fígado, intestinos – permaneciam de aparência intacta, porém com seus fluxos modificados. A peste se tornou um enigma, apesar de respeitar uma lógica – ela tem geralmente uma duração de 4 meses, termina do mesmo modo com o qual se iniciara, com picos e um declínio rápido até seu desaparecimento. Ebola. Os cordões de isolamento pouco contêm os fluxos da peste, e que aqueles que mais se expõem são os menos derrubados por ela, se mantêm firmes.

Mesmo assim, não podemos dizer que não foram infectados, pois em contato com a peste, o interessante é que estes corpos produzem de algum modo saúde. O fluxo da peste passa por onde não se vê, infiltra barreiras sem destruir os limites, mas o contágio fatal que infiltra por um fora um dentro que não se sabe onde começa, leva o organismo à morte, desfazendo limites artificializados.

Uma formação como peste é possível. Uma formação que infiltra nos limites, no entre as frestas, sem destruir os limites é possível. Desfazer limites também é possível. Como esta dissertação. Como foi a qualificação no seu fluxo de peste que inventa outros tempos para 20 minutos de apresentação. Onde fora impossível delimitar 20 minutos. Quantos 20 minutos se produzem em 20 minutos? Um fluxo de peste em performance que inventa outra qualificação em educação. Quantas performances são possíveis numa qualificação de mestrado em Educação? Performance.

Artaud chama atenção para o império do organismo apontando a fluidez do corpo. Deleuze e Guattari se interessam por esta dinâmica de novas conexões, por um órgão que não possui uma única função, mas que se constitui por fluxos. Dizem então do Corpo Sem Órgãos (CsO), que não é a representação do corpo humano e não é a representação ideal de um corpo. Não se trata de um corpo humano capaz de se modificar e metamorfosear-se para produzir um outro corpo humano híbrido, como mecânico como um ciborgue. Antes de ser representação de uma máquina, o corpo sem órgãos é a própria máquina que maquina por cortes-fluxos. O que conhecemos como corpo humano é apenas mais uma desdobra do corpo sem órgãos. O corpo sem órgãos é que se produz no entre, onde escorrem e deslizam os fluxos na invenção de formas. Não se trata de reorganização da humanidade perdida, mas uma conexão com o inumano na produção de um corpo que produz outro corpo e outro e outro e outro e outro e outro e e e...

Num passeio esquizo literalmente guiado pela minha orientadora e acompanhada por Nina e pelas serras mineiras, um corpo sem órgãos em produção, em usinagem. Uma cachorra é convidada a nos acompanhar. Ela vai sorradeira, cheira, olha, ouve, sente. Entre formas, vê formas que não vemos. Devir animal sem representação pelo animal. Sara se lança na invenção de seu corpo sem órgãos. É puro corpo sem órgãos. Adentra a mata mais densa, pula, late, rosna, vai mais rápido que nós, se embaralha entre as minhas pernas. É conexão com espaço. É espaço. A cachorra mais contida na casa de sua dona, de orelhas abaixadas, movimentos cuidadosos, orquestrados entre um balanço de rabo e uma lambida, desvenda um corpo sem órgãos, territorialidade fora de casa, dentro de casa. Na coleira e fora da coleira.

Pela mata, invade cercas, se emaranha nos limites, vai lá volta cá, os gritos de comando parecem ter efeito diferente, efeito na diferença. Conexão entre poste, cachorro, medo, novo vizinho, velho visitante, outro cachorro. A cachorra não é corpo sem órgãos. Antes é ela produção de um corpo sem órgãos, corpo que se conecta com

corpo cachorra, corpo dono, corpo coleira, corpo morro, corpo mata, corpo terra, corpo tronco, corpo capim, corpo nascente de água, corpo vento, corpo barranco, corpo gritos, corpo cachorro Pit Bull e corpo e e e... Produção que não para e segue fluxo de criação, fluxo esquivo, fluxo desterritorializado. Não é representação, significância, é produção de corpo sem órgãos. É formação em devir, em contato, em contágio, entre natureza e humanidade e naturezas de humanidades e inumanidades, sem consciência que determine, perdendo o caminho, seguindo para onde não deveríamos ir como alertou vovó a chapeuzinho vermelho: - Vá pelo caminho da floresta, não vá pelo caminho da estrada, pois lá tem um cachorro Pit Bull. Corpo sem órgãos em invenção de medo. Nada consciente, atenção ao movimento do cão, nem cerca, nem dono contém. Atenção ao movimento da cadela. Mesmo a consciente mudança da voz para convencer o dono do Pit Bull ou quem sabe o próprio cachorro, o que talvez seria mais lógico, sobre o perigo que corríamos, o medo que produz o inesperado, calma. E nós tão encurralados, medrosos. Aqui é só animal. Atenção, olhos, movimentos ora rápidos, ora lentos. Atenção às produções de corpo: a cerca que não impede o fluxo Pit Bull, a voz chorosa que não impede o fluxo de calma, a consciência que não impede o fluxo de medo. Quanta produção. Atenção! Todos os sentidos aguçados. E este é o caminho que não deveríamos ter tomado. Nada do esperado se confirmou, sermos atacados, sermos defendidos. Atenção ao caminho encontrado, ao caminho perdido, aos encontros não esperados.

Produção de corpo sem órgãos. Mesmo que se faça uma voz, uma letra ou uma forma para o texto, para formação ou para educação, há sempre algo que escapa. Há sempre um corpo que se produz no entre, no inesperado, na relação entre formas e não apenas numa fôrma. É preciso atenção às formas, aos fluxos que escorrem pelas formas, aos órgãos que não possuem função antes esperada, aos órgãos que podem ser apenas corpo. A dissertação que não é a mesma dissertação que se esperava. Ao trabalho acadêmico que não resolverá os problemas da Educação, mas que posto em relação com a educação, tais problemas já nem façam mais sentido. Uma educação corpo sem órgãos, porque ela é produção corpo sem órgãos – embora seu duplo seja a organicidade de um organismo, o império dos órgãos – não é desejo de inventar uma novíssima Educação. É bem mais simples e mais perigoso. É estar atento ao fluxo da educação que mesmo havendo tantos órgãos, tanto organismo, tantas barreiras produzidas por um desejo de formação, por um exército formado para impedir a peste ou garantir a assepsia, não impede uma outra produção. Cronograma de 24 meses, qualificação, duas disciplinas obrigatórias que não impedem o fluxo que atravessa os órgãos fazendo outra função deles, destituindo a obrigatoriedade de uma antiprodução, produzindo um corpo outro em educação. Abrindo outros possíveis para leitura, pois já que não há círculo de isolamento sanitário para uma leitura única, mas contágios possíveis pela bibliografia, pela forma, pela caixa, pelo material das folhas, pelo excesso de folhas, pela repetição, pela estética, pela letra formada pelo lápis, pelo cheiro da borracha, pela textura, pelo som, pela cor do grafite. Uma leitura atento

fluxo que permite ao leitor inventar outro texto, um corpo sem órgãos da escrita que inventa uma leitura corpo sem órgãos que inventa um outro texto corpo sem órgãos. Como o exercício de Clarissa Alcântara ao selecionar trechos com o auxílio de uma caneta marca texto, faz do texto do circo em círculo, o quadro que perdeu suas pontas, uma linha de pontos em movimentos na invenção de uma outra escola. Mostra, ou melhor, experiencia uma forma de inventar outro texto, entrando dentro do texto e ao mesmo tempo, fora do texto. Uma leitura que torna o texto outro. Um texto que convoca a uma leitura outra. Um exercício de experienciação, ação, como convidam Deleuze e Guattari, pois há sempre um pedacinho de uma nova terra a ser inventada. Há sempre fluxos que se encontram. Há muitas coisas entre um texto e a leitura que nenhuma barreira asséptica interpretativa é capaz de conter. É preciso uma atenção aos fluxos. Uma atenção que conecta todos os sentidos, uma atenção que embaralha todos os sentidos, desarranja, como a peste desarranja os fluxos do intestino, do estômago e ora precisam ser expelidos. Uma atenção que não é a atenção do caminho certo e consciente da chegada, mas uma atenção aos trajetos possíveis para uma chegada incerta, que não se encerra em 24 meses, talvez antes, talvez depois. Não temos a forma final, ideal, consistente de Educação, deixamos isso para vigilância sanitária, coisas de Estado. Contudo, em nossos trajetos de formação, vamos inventando formas possíveis para Educação, para dissertação, para teses, para artigos, para apresentações acadêmicas. Que não negam os órgãos, porém mostram que o imperialismo do organismo sobre a funcionalidade do corpo não impede os fluxos, mas podem levar os órgãos não criativos à morte. A formação em atenção ao fluxo, ao corpo sem órgãos da formação mostra como é possível ultrapassar limites, como a peste, de uma Educação dos órgãos ou uma Educação organismo. Liberação dos fluxos de formação e afirmação de uma educação corpo sem órgãos. Órgãos que se expõem a peste e aparentemente, mantém suas formas, mas não menos infectados e ainda produtores de saúde, na afirmação que é preciso investir em novas conexões, na fluidez dos líquidos, no acoplamento para que o trajeto não seja impedido, a saída é corpo, produção de corpo outro. Risco. Morte do organismo, dos órgãos da educação que não produzem mais, apenas reprodução, antiprodução. Afirmação de um corpo educação, de uma formação sempre possível de acoplamentos, por onde escorra fluxos. Não há como impedir os fluxos por muito tempo. Nenhum cordão de isolamento se mostrou capaz de impedir a contaminação pela peste no século XV. Porém, há sempre possíveis de invenção de um novo corpo em contato com o novo da peste. Não há volta, não há garantia de sucesso, não há remédio, não houve vacina. Há apenas a emergência do encontro. Driblar o medo, o julgamento, a consciência que pensa tudo valorar e predeterminar, que pensa isolar para controlar o fluxo. Deixar com que o fluxo escorra, com cuidado, cuidado no possível, pois já não é possível represá-lo. O que Deleuze e Guattari nos ajudam a pensar é que sempre é possível arriscar um pouco mais, apesar do medo presente da morte, pois a morte é desdobra vida. Uma formação se contamina, mina uma Educação e se produz. Uma formação

em fluxo de contágio que mina uma Educação organismo é possível. Um texto que se produz na leitura atenta ao encontro em produção, no contágio nada sanitário é possível. Uma formação que não quer uma cura porque não tem remédio é preciso. Uma Educação que não é organismo e que está pronta para se desarranjar, desorganizar, para experienciar no fluxo outras funções para os órgãos, destruindo as funções estáticas dos órgãos e afirmando educação como corpo é possível. Uma formação em fluxo dos corpos sem órgãos; uma Educação capaz de criar para si um corpo sem órgãos é possível. Uma criação que não parte do desejo consciente de um sujeito que cria um corpo, porque é ele antes criado pelo encontro entre corpos, que não cria sujeito, apenas corpo. Uma criação de si que não é criação de um eu. Uma criação, cria-si, e não um criador que cria um ser ou objeto. Um corpo sem órgãos que não cria organismo porque não é organização é desordem, outra ordem, ordem pronta para desordenar. Desordem que não é oposição à ordem, nem falta de chão, mas invenção de território sempre pronto para desterritorializar-se e inventar outro que não é retorno à origem, mas inéditas relações com aquilo que já se tinha que só pode criar um novo território, sem reterritorialização. Uma nova ordenação que torna o mesmo diferença. Uma formação que não é uma única proposta de leitura. Uma Educação que se propõe a inventar leituras. Uma formação que convida a uma leitura para invenção de outras leituras na Educação é possível.



## **METODOLOGIA**

*Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio. E se eu digo “eu” é porque não ousou dizer “tu”, ou “nós” ou “uma pessoa”, sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou o és-tu.*

....

*Escrevo ao correr das palavras.*

....

*Agora vou escrever ao correr da mão: não mexo no que ela escrever. Esse é um modo de não haver defasagem entre o instante e eu: ajo no âmago do próprio instante. Mas de qualquer modo há alguma defasagem. Começa assim: como o amor impede a morte, e não sei o que estou querendo dizer com isto. Confio na minha incompreensão que tem me dado vida liberta do entendimento, perdi amigos, não entendo a morte. O horrível dever é o de ir até o fim, E sem contar com ninguém. Viver-se a si mesma. E para sofrer menos embotar-se um pouco. Porque não posso mais carregar as dores do mundo. Que fazer quando sinto totalmente o que outras pessoas são e sentem? Vivo-as mas não tenho mais força. Não quero contar nem a mim mesma certas coisas. Seria trair o é-se. Sinto que sei de umas verdades. Que já pressinto. Mas verdades não têm palavras. Verdades ou verdade? Não vou falar no Deus, Ele e segredo meu. Está fazendo um dia de sol. A praia estava cheia de vento bom e de uma liberdade. E eu estava só. Sem precisar de ninguém. É difícil porque preciso repartir contigo o que sinto. O mar calmo. Mas à espreita e em suspeita. Como se tal calma não pudesse durar. Algo está sempre por acontecer. O imprevisto improvisado e fatal me fascina. Já entrei contigo em comunicação tão forte que deixei de existir sendo. Você tornou-se um eu. É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois? Dificílimo contar: olhei para você fixamente, por instantes. Tais momentos são meu segredo. Houve o que se chama comunhão perfeita. Eu chamo isso de estado agudo de felicidade. Estou terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. Ou da desumanidade – o it.*

....

*Sei o que estou fazendo aqui: estou improvisando. Mas que mal tem isto? Improviso como no jazz improvisam música, jazz em fúria, improviso diante da plateia.*



## **Nu questão de uma qualificação em Educação**

Antes de chegar ao dia solene, surgiram inúmeros possíveis roteiros para minha apresentação que deveria ter aproximadamente 20 minutos. Ler o texto todo que se materializou numa caixa de plástico, produzida com as capas do kit qualificação do PPGE, com um caderno de bordas de 20 folhas escrituradas, 22 folhas de texto em papel vegetal, duas folhas de texto em folha de plástico em transparência, um texto em folha A4 em papel couché, um texto em folha A3, um texto em folha de 168 cm X 58 cm, um texto em folha formato de círculo com 90 cm de diâmetro, um texto em folha enrolada com aproximadamente 200 cm, se tornou tarefa difícil e talvez desinteressante em tempo tão curto.

Por minha natureza performática, não faltaram advertências alheias para que não ficasse nu durante a apresentação. Colegas de grupo, amigos de curso, conhecidos que só desconhecidos de diferentes lugares. De pronto afastei a ideia de tirar a roupa, pois parecia óbvia demais para um trabalho que não queria parecer óbvio demais. Curiosa imagem que inventamos em algumas relações ou os desnudamentos que parecemos provocar, mesmo quando não estamos sem roupa, porque depois de pouco mais de 25 trabalhos artísticos, troquei de roupa em cena em apenas duas apresentações. Mas há algo no nu que provoca, que faz a fama sem deitar na cama. Potente o desnudar forma para inventar mais forma. Porque a gente sempre inventa uma forma de inventar forma. Que forma?

Comecei então a pensar em outras coisas: músicas, gostava de muitas músicas, algumas produzidas por uma filosofia potente tal qual aquelas lidas nos livros filosóficos, com charme de pôr o pensamento para cantar e dançar. Dia 27 de março, Dia internacional do Teatro, me qualificava no dia 26. Lembrei-me da minha defesa de monografia pela Faculdade Angel Vianna - RJ, dia 27 de março de 2011, quando fora orientado pela primeira vez por Maria Helena Falcão. Naquele dia, li a mensagem de Augusto Boal, escrita em 2009, na qual ele destacava a relação composicional entre teatro e vida. Aguçando nosso olhar para as relações teatralizadas que vivenciamos cotidianamente, como aquela que agora protagonizava. Personagens, figurinos e espaços bem definidos, texto dramático com rigor linguístico invejável pelo dicionário, palco e plateia, conflito dramático, clímax e desfecho da trama.

Depois, pensei que o silêncio após tanta falação e escrita seria um bom exercício.

Precisava criar um corpo ou um corpo qualificado pelo mestrado estava por ser criado. Mas o que pode um corpo? Ou, como se cria um corpo? E na Academia, como se cria corpo? Com um texto? Ou o texto seria já corpo? Um texto cria corpo ou um corpo cria texto? O texto é corpo. Como corpo cria corpo? E o corpo põe-se como questão. Que corpo? Que corpo habita o território da Educação? Corpos educados. Corpos orquiectomizados? Que corpo cria Educação? Educação como corpo. Que corpo cria corpo educação? Que corpo cria corpo? Que corpo?

Um corpo forma texto cria. Um corpo cria mais corpo na escrita. Corpo é escrita. Escrita é corpo. "Corpoescritatecido"<sup>3</sup> lembrava também o trabalho com Nina Veiga, criador de tanto corpo. Agora, tanta coisa criava aquele corpo submetido à qualificação, porém composto por tanta coisa que não apenas acontecia na qualificação. Tempo do mestrado implodido por acontecimentos que arrombavam as paredes institucionais. Escrita da pele. Pensava: um vídeo com imagens que tem produzido corpo junto à pesquisa do mestrado, apesar de não fazer parte do cronos mestrado, por vir antes e por não está dito pela língua régia da pesquisa acadêmica, mas por outra língua que produz corpo. Corpo em produção. Corpo produzido. Corpo produzindo. Corpo que inventa corpo. O corpo assalta a cena.

O corpo texto encontra + corpo em produção de mais corpo. Como corpoescritatecido, corpo cola no texto na produção de corpo. Corpo + imagem + texto + música + cola + corpo + papel + cola + corpo + música + texto + cola + cola + música + Sônia + imagem + cola + texto + corpo + imagem + cola + texto + cola + corpo ++++++ = forma = educação outra = corpo = nu.

Outro corpo. Outra produção. Outro possível. Uma garota é impedida de ficar nua na escola ou é permitida graças a um discurso adoecido: 'ela pode, coitada, é doidinha mesmo'. Ela sempre fica nua, ela sempre causa constrangimento. Aqui o sempre não naturaliza, pelo contrário, constrange e desnaturaliza a atitude já esperada. A paciente professora e amiga Cláudia Meireles problematiza por lá: 'e se experimentássemos outra coisa, e se experimentássemos o momento dela de experimentar o nu na sua nudez de possibilidade e não na ansiedade do desejo da expectativa por cobrir o corpo?' A diretora responde cansada: 'já tentamos isso aí, outras coisas'.

Clarissa Alcântara comendo algumas frutas da banca provoca, experiência tem a ver com memória. Repetição com memória da o Mesmo. Repetição com esquecimento é diferença. E Claudia continua a repetir e repetir e repetir e repetir esquecendo os limites. Que diferença. Um corpo nu, mais uma vez. Quanto nu suporta Educação? Quando é que o corpo está nu? Que roupas? Que vestimentas? Quenu?

Uma colagem que deveria proteger o nu dos olhares, que deveria encerrar-se e dar palavras aos outros, no encontro, rouba palavras. Encontra música, produz movimento que deixa o corpo ainda mais nu. Risco. Não havia planejado nada daquilo. Nada consciente. Deveria ter parado na primeira oportunidade, mas quando é que foi? O corpo nu que se produz na academia e poderia ser atacado pela academia, se protege com academia de muitos modos (devir animal, devir criança, devir mulher, devir imperceptível,

---

<sup>3</sup> CORPOESCRITATECIDO é esquizodrama produzido durante o III Encontro Internacional de Esquizodrama e Esquizoanálise – Saúde Mental e Direitos Humanos, promovido pelo Instituto Félix Guattari e Fundação Gregório Barenblitt, ocorrido em Belo Horizonte, em setembro de 2014. Alguma coisa disponível em <http://www.esquizo-zito.blogspot.com.br/corpoescritatecido>.

resistência, blá, blá, blá, blá... criação!): dois livros na frente de *n* sexos. Pudor? Talvez. No entanto, mais importante que forma nu é o movimento que a produz, movimento de invenção que potencializa outras formas impensadas, movimento caro a este território de muitos hábitos cristãos de escolares cátedras.

Assim é que tive tentações de colocar, em mim, um chapéu de guizos. Por curiosidade, para ver o que acontece. Mas o que me ocorre é que tenho demasiadamente interiorizada a toga de professor. Não a gravata de um senhor importante, mas sim a toga de professor. E que faz um professor com um chapéu de guizos? Ou com umas orelhas de burro? Ponho a toga sobre mim e, debaixo, a capa puída? Ou ponho a capa por cima da toga? Em qualquer caso, ridículo. A toga e o chapéu de guizos parecem incompatíveis. A toga e as orelhas de burro tampouco vão muito bem uma com a outra. Um estudante sim, pode vestir a capa puída do vagabundo. Mas um professor não pode. Um professor com capa puída parece um impostor e não um professor de verdade. Um professor tem que ter uma postura sobre as coisas das quais ele fala, tem de saber manter uma posição. E se veste uma toga, qualquer impostura pode se apresentar como se fosse uma postura e qualquer posição pode se converter em imposição. Mas se veste uma capa puída, se não tem posturas para impostar, nem posições para impor, se não se enxerga bem a sua toga, quem vai lhe prestar atenção? Um professor tem muito de pregador. Por isso, o tom professoral é uma mistura de austeridade e dogmatismo. A única coisa que um professor pode fazer sem se ruborizar demais é pregar o riso, analise o riso: reivindicar seriamente o chapéu de guizos, falar dogmaticamente sobre as orelhas de burro, fazer um sermão sobre a capa puída do vagabundo. Mas um professor não pode vestir um chapéu de guizos. Eu, pelo menos, não posso. Aos professores nos falta, talvez, irremediavelmente, essa aristocracia de espírito, essa finura de espírito, essa leveza que ainda tinha o pensamento quando não era monopólio dos professores, quando ainda não havia contaminado dessa austeridade pedagógica, moralizante solene, dogmática e um tanto caspenta que é própria do tom professoral. Talvez precisássemos deixar de ser professores para poder aprender a formular um pensamento em cujo interior ressoasse, desembaraçadamente, o riso. Assim, devo confessar-lhes, desde o início, que não fui capaz de substituir a toga por um chapéu de guizos ou pelas orelhas de burro, nem sequer pela capa de vagabundo<sup>4</sup>.

Sigo nu mesmo. Para um performer o nu é figurino obrigatório. Para um professor, assim como o chapéu de guizos de Jorge Larrosa, o nu é um exercício de resistência e por isso, de criação. Como Larrosa, não consegui substituir minha roupa pelo chapéu de guizos, já que sou ator tendo interpretado um bobo da corte; ou pela toga de professor ou pela capa puída do vagabundo, nem tampouco combinar com as orelhas de burro, dado o teor representativo de tais vestimentas e indumentárias. Sigo nu mesmo, sem reivindicar, discursar, elogiar, pregar ou analisar o riso, quem sabe provocando risos. "Ridículo".

Deleuze e Guattari em seu mil platô 5 lembram os nômades e o processo inaugurado por eles que confundem e fundam relações. "O nômade não tem

---

<sup>4</sup> LARROSA, Jorge. Elogio do Riso – Ou como o pensamento põe, para dançar, um chapéu de guizos. In.: *Pedagogia Profana: danças, piroetas e mascaradas*. 4ª edição. Tradução Alfredo Veiga-Neto., 4ª edição, 3ª imp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006., p.p. 168-169.

pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha.”<sup>5</sup> Nômade, funcionando como nômade no movimento pela Educação com muita arte a não desejar instituir meu território, mas provocando desterritorializações, sendo desterritorializado, dessubjetivado. “Se o nômade pode ser chamado de Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...)”.<sup>6</sup> Sem território fixo, desterritorializado, desterritorializando, nu. “Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização”.<sup>7</sup> Para um performer a nudez constitui sua relação com a criação, por isso ele se reterritorializa na desterritorialização nu. Por isso o nu e não a capa puída, a toga, o chapéu de guizos ou a orelha de burro. “É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território”.<sup>8</sup> É a educação que se desterritorializa ela mesma de modo que o performer também se desterritorializa e encontra aí um território. “A terra deixa de ser terra, e tende a devir simples solo ou suporte”.<sup>9</sup> A educação deixa de ser educação, a performance deixa de ser performance, o professor deixa de ser professor, o performer deixa de ser performer e tendem a devir simples solo ou suporte de criação. Devir outro. “A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos, *aí* mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam”.<sup>10</sup> A educação não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, a performance não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos, aqui mesmo onde a pedagogia recua, e onde a estepe e o deserto se propagam.

Que acontece? Deixando de ser cada vez mais professor, ator, performer, devindo outro. Cada vez mais apostando na territorialidade da desterritorialização. Outros possíveis inimagináveis por Larrosa ou por mim, ou por Deleuze e Guattari... Acabo de ser aprovado no Exame de Qualificação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. Então, até nu defesa.

---

<sup>5</sup> DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 5. Trad. De Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 56.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.



## OBJETIVO

- *Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real. Ainda tenho medo de me afastar da lógica porque caio no instintivo e no direto, e no futuro: a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro. Desde já é futuro, e qualquer hora é hora marcada. Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria- prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar*
- *Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante. aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra. Não quero perguntar por quê, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim.*
- *Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.*
- ....



## ODE À MINHA ORIENTADORA

Uma inquietação. Afinal, a que ou a quem ou graças a que devo o sucesso do trabalho esquisito? Qual a relação de causa-efeito? Com que é feito tudo isso? Que isso? Primeira resposta produzida: à Soninha. Mas quem é Soninha? Um ser franzino que pesa não mais que 60 kg, de aparência frágil, de sorriso fácil, riponga, vegetariana, de boa, tranquila, quase crudívora.

Graças a ela, heroína do PPGE. Será?

Mas o que não se sabe é que esta mulher em noite sem lua, sem vento e às vezes sem poesia, se alimenta de vermes, larvas, minhocas, vaga-lumes, besouros, moscas, pulgas, percevejos e pererecas. Faz seus banquetes em desterritórios, nas travessias do impossível a inventar-se, de Espinosa e Spinoza e Nietzsche e Deleuze e Guattari e tocando um pouco em Foucault ziguezagueando invade Waldorf e PPGE e Matemática e Educação e e e... Não há território impune, nem tampouco sujeito constituído. Sem fincar morada, nua, num abrigo travessia, em movimento. Às vezes para. Ou parece que para, lembrando que movimento é desdobra repouso ou que expandir é desdobra contração. Não contrários.

Digo graças à Sônia e ela responde travessura, travessia, companhia e quando travessia responde diz Margareth, alegria e quando Margareth responde, cuidado de si e quando cuidado responde, Nietzsche e quando Nietzsche responde, Marcos Vinícius e quando Marcos Vinícius fala, nunca ouve e e e... quem fala? Quando PPGE responde é loucura, quando loucura responde não diz nada e diz muita coisa, inclusive que Sônia quem fala. Causa-efeito. Desentendimento é desdobra entendimento, não o oposto.

Para fazer entendida a resposta correta seria Travessia. Travessuras ou gostosuras? Eis a resposta ensaiada. Não é o sujeito franzino. Não acreditamos mais no sujeito, ora. Acreditamos na travessia, território querido para um terrorismo. Cantemos o território ou o canto é território ou canto no território ou território do canto ou canto ou quem sabe esquina.

Queria eu cantar o território de Penélopes fiandeiras ao infinito à espera de seus Ulisses guerreiros das infinitas guerras. Quem dera cantar Penélopes guerreiras e Ulisses fiandeiros ou devir Penélope em forma Ulisses, devir Ulisses em forma Penélope, acho que li isto em algum texto indicado por Sônia...

É que há muito nos exigem respostas! Respostas para perguntas já feitas, respostas para entender ou sermos entendidos. Medo de não ser compreendido! Ah, ah, ah. “Seres selvagens que não entendem nossa língua”.<sup>11</sup> São muitos mil reais, é uma nação inteira que espera por profissionais formados, prontos, doutos para responder o que há anos não se responde ou que respondem inventando nada além de mais respostas descartáveis e previsíveis. Profissionais com respostas na ponta da língua. Queremos ser entendidos, oras!!! Há horas! Queremos provar que fazemos aquilo que querem que façamos, ora!!! Há anos! Queremos, ora!!! Alguns dizem que fazemos hora. Pois tememos morrer, tememos perder esse pedacinho de chão tão sacrificadamente conseguido, há tanto cultivado, já reconhecido. Queremos ser re-re-re-conhecidos, ora!!! Se uma bomba caísse sobre o Travessia... ou que bombas despencam, cotidianamente, em travessia? Um grupo de estudos e um curso de extensão e uma oficina e uma aula bombardeiam em travessia.

E aí outra pergunta: o que você vai mudar na Educação Brasileira? O que, objetivamente, seu objeto de estudo, vai mudar a Escola? Quem é você, hein, pesquisador? É claro, temos que inventar outra resposta. Um arsenal de respostas feitas. Um mundo de respostas prontas. Afinal, pesquisa se faz assim, pelo direito de resposta. Mas que educação? Que pesquisa? Que escola? Não entendo do que falam! Seres selvagens que não entendem minha língua. Sócrates, o grande filósofo, para não ficar em DeusLeuze, enfadado das resposta prontas criou o direito à pergunta. Pelo direito de inventar perguntas! Como Pedro quando indagado por Jesus: Por que me tomas mais uma vez?

Angel Vianna em seu Seminário, em seu território, Faculdade Angel Vianna, convida a todos: Vão pelo mundo! Dancem pelo mundo! Dancem onde não estarei! Despeçam-se de mim! Ou onde estarei com vós, amém! Façam suas travessias! Nos encontros. Nus encontros.

Quando alguém pergunta: graças à Sônia dessubjetivada por PPGE e filosofias da diferença e FAPEMIG e CAPES e matemática e pedagogia e arte e Waldorf e travessia

---

<sup>11</sup> LARROSA, Jorge. O Enigma a Infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In.: \_\_\_\_\_. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*, 2006. Pag. 183-198.

e aulas da graduação e orientações da pós-graduação e grupo formação e Margareth e Marcos's Vinícius's e SpinozaZZ e e e em travessias, não só um Travessia. Ilusão ou perigo fantasmagórico ancorar na travessia. Travessia como forma em processo. Processo como forma. A forma como processo. Nada de oposição entre forma e processo. Não apegar-se ao território. Ou apagar-se em território. Perceber as desterritorializações. Dizer que é Sônia é estratégia de guerra, guerra pela sedução de tantos outros para que adentrem no labirinto sem nenhuma claridade, convite a uma travessia que se faz com perguntas e mais perguntas, que aqui não exigem respostas, mas convocam questões, problematizações.

Nunca se teve tanto dinheiro na Educação Superior. Nunca se exigiu tanto da Educação Superior. Vivemos na época da exceção e do excesso, bem lembra Luiz Alberto<sup>12</sup>, um outro de Sônia, junto a Giorgio Agamben. Os prognósticos são os piores, as respostas são muitas. A corda CAPES no pescoço a enforcar o povo lá do sul, na suas escrituras qualificadas, perigo do descredenciamento. Vivemos mais uma vez no medo. O medo de padecer, o medo de perecer junto àquilo que fazemos tão bem, tão diferentes, tão singulares. O medo do trágico da vida. O medo da morte, questão tão presente em um Marcos Vinícius, um outro de Sônia.

E se morrêssemos? E se nos matássemos, antes que eles nos matem, antes que ela nos mate? Como Deleuze fez frente a sua janela? Devir-morte da vida. Suicídio, a última liberdade para Foucault. E se ao invés de temer a CAPES, o descredenciamento, a não titulação de mestrado num ovo e se... Mesmo assim seríamos pesquisadores? Como funcionaria isso que funciona? Quais as fugas? Quais as invenções além desta oposição, submeter ou sucumbir? Como subverter? Outras versões? Subversão. Que versões são possíveis no impossível da versão, sem aversão, mas quem sabe Aversão? Perguntas, perguntas e mais perguntas...

Aqui inventam-se perguntas sem respostas premeditadas ou ensaiadas para uma repetição memorialista. Aqui uma repetição esquecida, caquética, esclerosada,

---

<sup>12</sup> Luiz Alberto Silvestre do Nascimento é membro do Travessia Grupo de Pesquisa e produziu texto "O que é contemporâneo na contemporaneidade?: sobre existir em tempos e espaços de biopolítica e de exceção". In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S.; VEIGA, A. L. V. S. (Org.) *Entre composições: formação corpo, educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, p.p 223-252.

diferença. Aqui (onde?) fazemos outra coisa do Mesmo. Aqui fazemos outra coisa do desentendimento não dito por um discurso lógico, mas constituindo outra lógica do discurso.

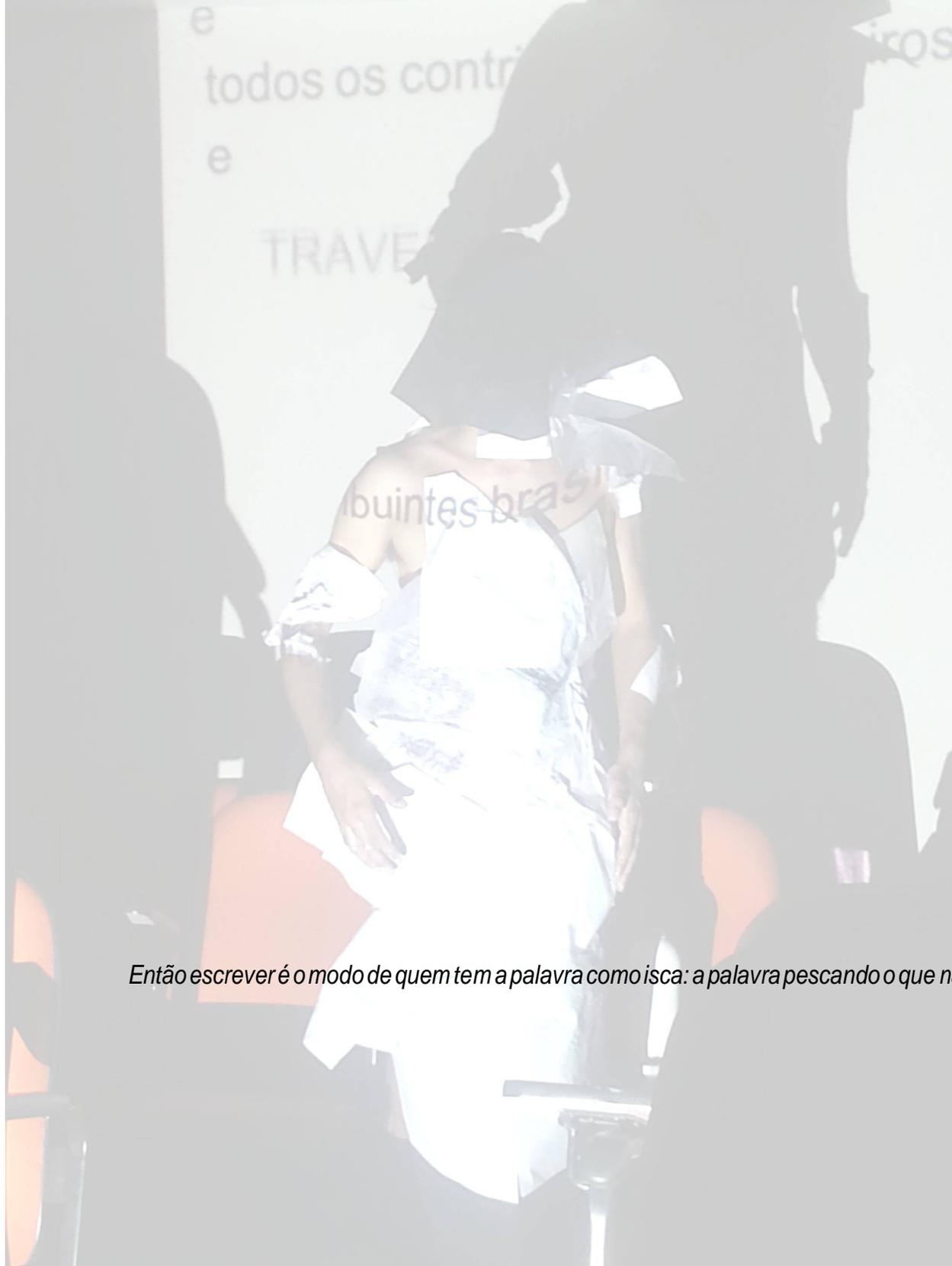
E graças à Sônia, tão dessubjetivada por tantos e tudo que é possível outras travessias. Graças à Sônia é Travessia dessubjetivada por todos ali. Dizer travessia é Sônia ou Sônia é travessia é redundância. Sônia é multidão. Sônia em travessia. Cada um inventando sua travessia numa travessia para fora Travessia implicado com dentro Travessia. Aqui, só se está de passagem, si está de passagem. Aqui, só estamos em travessia.

Que Travessias?

Não se trata da heroína Sônia, a deusa Sônia. Mas um canto a Sônia parteira, entregue ao não saber, a espreita do acontecer que ninguém sabe, mas aposta, com-posta Margareth. E como parteira, já testemunhou muitos abortos, já testemunhamos outros abortos. Não é nada seguro, assim como não é segura a travessia. É preciso coragem por estes sertões, alerta Guimarães. Não é o que é O Travessia, mas como a travessia funciona. Não é quem é Sônia, mas como funSônia, desarranjada e conectada e desconectando de muitos e outros. Não é uma sujeitinha engraçadinha e diferente, mas uma usina de dessubjetivação, um em multidão, na solidão, um labirinto que esconde muito mais que Minotauros. Uma produtora de questões, muito mais que de soluções. Uma orientação que não é rebanho, mas arrebatada, não inventa discípulos, nem mesmo mestres, para além da formação acadêmica, isto todos fazem por aí. Talvez nem seja orientação, mas companhia em travessia. Aqui se inventa pesquisa que inventa pesquisador que inventa orientação que inventa pesquisa em educação que inventa vida e só e junto que só tem a inventar. Criação!

Por travessias em formação, muito obrigado.





*Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra.*



**“Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída”<sup>13</sup>**

Mais uma vez o fantasma de uma certa forma ou de uma certa produção assombra a travessia. Nós tão desterritorializados, tão descodificados inventamos outras formas de territorializar. Mas seria um certificado do CNPq uma territorialização ou uma reterritorialização? Que desterritorialização causou as inúmeras traduções de Spinoza por Tomaz Tadeu? Mas claro, ele é Tomaz Tadeu, ele pode. Será? Quais as armadilhas que armam para nós para que possamos viver e falar, mas que não conseguimos escapar? Como nos fazem entrar na forma? Novamente precisamos anabolizar nossos lattes, “Como pode um professor não atualizar o seu lattes!?”, ouço de meus iguais da Travessia, já diferentes, repetir e repetir e repetir para fazer o mesmo. Produtos qualificados, por favor! Já não precisamos mais inventar a forma Travessia, ela já se inventa, quem sabe agora fazer propaganda. Propagandiar ou vagabundiar!? Eis a questão. Já temos um código Travessia, um território Travessia, já temos até reconhecimento: “Claro, você é do Travessia.” E aí, reterritório e sobrecodificação. Re- conhecimento por ser diferente na difícil tarefa de perceber a diferença. Perigo. Desejar alargar um território ao infinito, levar um processo a sua intensificação doentia, erigir mais uma igreja, mais um templo, dar um rosto, buraco negro-muro branco, um Estado, construir alicerces firmes para que o sopro do lobo não derrube a alvenaria. Ou desterritorializar e descodificar sem reterritorializar ou sobrecodificar pela forma que tentávamos fugir.

Uma máquina de guerra armada contra nós, contra os movimentos de fixação, de estratificação permanente, contra a captura do aparelho de Estado. Lançar-se no deserto, na seara travessia. “Fazer crescer o deserto, a estepe, não despovoá-los, pelo contrário. Se a guerra decorre necessariamente da máquina de guerra, é porque esta se choca contra os Estados e as cidades, bem como contra as forças (de estriagem) que se opõem ao objetivo positivo; por conseguinte, a máquina de guerra tem por inimigo o Estado, a cidade, o fenômeno estatal e urbano e assume como objetivo aniquilá-los. É aqui que ela

---

<sup>13</sup> DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1.* São Paulo: Editora 34, 2013, p. 32.

devém guerra: aniquilar as forças do Estado, destruir a forma-Estado”.<sup>14</sup> Travessia máquina de guerra e a insurgência Travessia aparelho de Estado. Risco.

Deleuze e Guattari falam de dois tipos de vigilantes: um de visão curta e outro de visão ampla, os dois vigiam os abismos. Os primeiros veem as dicotomias, as formas molares, as cadeias, as estruturas, inclusive as formas estranhas ou não muito delimitadas. Quando não conseguem ver os contornos mal feitos usam *Lunetas de Raios* que são capazes de fragmentar ainda mais. Cortar e recortar é sua função. Os outros, de visão ampla usam telescópios como um instrumento refinado e complexo, que provoca uma ambiguidade, pois “eles são capazes de detectar no abismo as microinfrações mais leves, que os outros não veem; mas constatam também os terríveis danos da Luneta de recortar, a sua aparente justiça geométrica. Eles têm a impressão de prever e de estar na dianteira, já que veem a mínima coisa como já tendo acontecido, mas sabem que suas advertências não servem para nada, porque a luneta de recortar regulará tudo sem aviso prévio, sem necessidade nem possibilidade de previsão. Ora eles sentem nitidamente que veem algo diferente dos outros; ora, que há apenas uma diferença de grau, inutilizável”<sup>15</sup>.

Quando me aventurei pelo território da educação tinha como desejo perceber as implicações entre o que regimento se distingue bacharelado e licenciatura em arte. Por que alguém formado em bacharelado era impedido de ser professor, mesmo assumindo a função de professor? Fui pesquisar a forma ou a formação de professor pensando, talvez, encontrar uma outra fôrma. Na travessia, decodificação da arte, desterritorialização da educação. É que os que usam a visão curta ou a Luneta de recortar apenas veem forma. Eu que arriscava usar telescópio, agora, via rachaduras, fissuras, ruínas nos movimentos de desterritorialização, mas que muitas vezes eram inutilizáveis. Era impossível voltar à forma, voltar à formação de professores. Território volátil. Destruição absoluta. Mesmo que fosse apenas mais uma graduação à distância, possível de ser realizada ao click do mouse, como complemento ao meu bacharelado e formatura garantida em um ano, contanto com pagamento da mensalidade no prazo.

---

<sup>14</sup> ————. 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 109.

<sup>15</sup> ————. *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo Editora 34, 2013b, p. 82-83.

Retorno a forma de outro modo. Pois nunca retornamos ao território desterritorializado, não há retorno a origem. Mas a desterritorialização relativa capaz de reterritorializar, ao invés de inventar um território outro, ainda aprisiona. “Um dia (que terá acontecido?) um de visão ampla abandonará seu segmento, se lançará em uma estreita passarela por

cima do abismo negro, partirá pela linha de fuga, tendo quebrado sua luneta, ao encontro de um Duplo cego que avança na outra extremidade”<sup>16</sup>. No momento, já é impossível a reterritorialização ou a sobrecodificação. Impossível pensar o que seria essencial que alguém aprendesse numa aula de arte. Já não faz sentido escolher ensinar Artaud, Grotowski, Stanislavski ou Valesca Popozuda. Defender o que é ou não é arte.

Talvez afastar avaliações que medem um tal conhecimento através de perguntas objetivas, com apenas uma resposta, certo e errado. Exercitar com todos o direito às perguntas, ao invés de desejar ensinar todas as respostas, seria possível? Não há a mínima garantia de que alguém se torne professor com acadêmica licença e inventar um novo modelo de educação, uma esquizoeducação seria muito esquisito, um quase cômodo exercício. Sei que arte e educação ou formação se fazem nas ruas, nas esquinas, nas salas de aula, nos corredores. Não nestes lugares apenas, mas no entrelaçar desses lugares, na desterritorialização, na heterogênesse que não se sobrecodifica numa leitura ou análise teórica. Aproveito o tempo que me resta durante o mestrado, a bolsa que me é solícita, a certa comodidade nada cômoda que me faz escrever este texto. Porque depois, desterritorialização. Quais os cegos que avançam noutro lado da ponte? “Não vale a pena falar, seria necessário, em primeiro lugar, trocar de óculos, as bocas e os

dentos, todos os segmentos”<sup>17</sup>. Ainda não posso ver, demasiado a cegueira. E aqui não se trata de metáfora, eles, Deleuze e Guattari falam literalmente porque “percebe-se literalmente, vive-se literalmente” e “não se deve insistir, nem discutir, mas fugir, fugir, mesmo dizendo ‘de acordo, mil vezes de acordo’”<sup>18</sup>. Os de visão curta sabem como é diferente a forma pesquisa, a forma graduação, o mestrado forma, o doutorado forma, a forma monografia, o artigo formatado, a forma dissertação, a forma tese, o grupo de estudos formatado, a forma sala de aula, a forma oficina, o curso forma, o aluno e o

professor formam-se, pois veem apenas a forma do título, o título em formação ou a

---

<sup>16</sup> Idem, p. 83.

<sup>17</sup> Idem, p. 82.

<sup>18</sup> Ibidem.

informação do título. Como não dizer que Cláudia Meireles é mestre e doutora no que faz? Que qualis dá isso? Que qualis é impossível a isso? Que isso? Isso? Só isso. E outras coisas mais. Os de visão ampla, quando abandonam suas lunetas, caminham cegos, já nem sabem onde vão dar. Mas não caminham a esmo, pois com seus telescópios foram capazes de ver a travessia, mas veem também que já é inútil apenas olhos, um corpo inteiro é exigido ou ainda, erigido, inventado pelo caminho, nem antes nem depois, durante, “jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com

dois termos”<sup>19</sup>. Qual a diferença entre pesquisar na graduação, no mestrado, no doutorado? Para além do cronos régio, da visão curta da Luneta de raios? Que diferença produz pesquisa? “Pois antes do ser, há a política. A prática não vem após a instalação dos termos e de suas relações, mas participa ativamente do traçado das linhas [...]”

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como estoura um cano [...]”<sup>20</sup>. E linhas, Deleuze e Guattari continuam a traçar estratégias entre a linha molar, de fuga e a molecular, pois elas coexistem e não param de se enredar. A macropolítica também possui investidas na micropolítica. “A

grande política nunca pode manipular seus conjuntos molares sem passar por essas microinjeções, essas infiltrações que a favorecem ou que lhe criam obstáculo; e mesmo, quanto maiores os conjuntos, mais se produz uma molecularização das instâncias que eles põem em jogo”<sup>21</sup>. Daí já não se trata de exercer uma micropolítica que combata de modo oposicionista a macro. Mas perceber as infiltrações de desejo macro no micro e reverberações pelo micro no macro. Macro e micropolítica são coexistentes, não

oposições. Não fazemos apenas micropolíticas para microrevoluções; engendramos no macro, ações micro esperando pelas macroreverberações. Um artigo, uma tese, uma dissertação, uma monografia podem ser nossa microrevolução. No entanto, uma tese, uma dissertação, alguns artigos podem ser microinvestimentos da macropolítica da titulação. É sempre duplo, ou melhor, múltiplo.

Desterritorializados, descodificados, desrostificados, em linha de fuga, não do mundo, mas fazendo-o fugir. E pela natureza da coexistência das linhas, os encantos e as armadilhas estão por todos os lados. Eles sabem nos moldar, eles sabem o quanto

---

<sup>19</sup> Idem, p. 45.

<sup>20</sup> Idem, p. 85.

<sup>21</sup> Ibidem.

gostamos de pesquisar, eles já sabem quem somos, eles sabem investir na nossa subjetividade tão objetivada. Eles sabem de nossas vaidades, dos nossos medos, dos nossos fantasmas, de uma falta que assombra. “Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída”. Reterritorializam e nos sobrecodificam em Travessia, eis o perigo anunciado pelos telescópios inofensivos, embora ofensivos.

Assim eu digo que Deleuze e Guattari disseram sobre o que Fitzgerald disse a respeito de um dito sobre a vida “qualquer vida é, bem entendido, um processo de demolição”<sup>22</sup>. E se estivéssemos na ruína, não apenas na iminência da ruína, no medo da ruína, sem metáfora, no resto do que restou que resta? A proposta de Marcos Vinícius escorrendo como leite até desaparecer, nunca (h)ouve. A gente nunca ouve marcos vinícius. A

gente nunca ouve a morte. Ou achamos que nunca houve morte? Como morrer literalmente? Como morrer do modo como eles querem? Tememos morrer. Como viver fora da imagem pessimista de Agamben, da exceção e apesar do excesso? Como exceder? Esgotar os possíveis em oposição ao cansaço que nada cria? Como chegar ao

limiar sem temer o limite?<sup>23</sup> Deleuze e Guattari alertam, junto a outros tantos que a coexistência das linhas de fuga dos indivíduos ou de grupos, às vezes por serem incomponíveis, podem levar ao endurecimento. Risco. Uma pode então barrar e interditar a outra e aí, “É minha dissertação!”, “Minha pesquisa!”, “Minha disciplina”, “Sou doutor”. “Sou professor”, “Nosso projeto!”, “Meus orientandos.” “Meus alunos!”. “A linha de fuga faz explodir as duas séries segmentares (molar e molecular), mas é capaz do pior: de ricochetear no muro, de recair em um buraco negro, de tomar o caminho da regressão, e de refazer os segmentos mais duros ao acaso de seus desvios”

24

---

<sup>22</sup> Idem, p. 77.

<sup>23</sup> Deleuze e Guattari oferecem uma preciosa discussão a respeito da relação dos conceitos limite e limiar: “... o limite designando o penúltimo, que marca um recomeço necessário, e o limiar o último, que marca uma mudança inevitável”. Cf. DELEUZE; GUATTARI. 7.000 a.C. – Aparelho de captura. In.: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 140.

<sup>24</sup> Idem, 2013b, p. 87.

Sejamos cúmplices da fúria. Do afogamento dos sentidos. Do dilapidar todos os bens, desejos devastando tudo, línguas de fogo incontroláveis e insanas. Sejamos cúmplices do desastre. Da catástrofe. Da ruína.<sup>25</sup>

Já não há como retornarmos, ou já não seria interessante o retorno. Retorno a quê? Fugir. Uma linha de fuga que não para de se traçar com renúncia e sem resignação, seria possível? Seria uma nova felicidade, pergunta a multidão Deleuze e Guattari. Ruínas. Fugir às formas pré-estabelecidas, seguir a viagem que se faz não por vontade, mas por única opção. Limiar. Nômade. Deixar morrer. Eles temem a nós e tremem diante de nós por dizer que não cremos em deus e não tememos a morte. Será? Dizemos que morte é único possível de criar vida. Eles temem a nós. Nossa produção de vida. A morte é a condição de vida. É a vida na ruína, não vida em ruína, não no medo da morte, medo de ruir, desaparecer, descredenciar, desqualificar, desmestrar, desprofessorar. É descaminho que leva a lugar nenhum, um ninguém, pois não o sabemos de antemão. Suportaríamos tanto? Resistir com esforço até desfalecer. Não é desejo de morte, mas antes e, sobretudo, desejo de mais vida! Mas sabemos que a morte virá. Eles-nós querem que sobrevivamos ao mundo. Mas podemos inventar um outro mundo? Inventamos isso: mundo! Sobreviver à antiprodução do mercado para sobrar tempo para produzir vida, é possível? “Pintamos o mundo sobre nós mesmos, e não a nós mesmos sobre o mundo”<sup>26</sup>.

Agora até penso diferente a respeito daquela corda no pescoço do Escrileitura ou da UFRGS<sup>27</sup>. Antes me pareceu um tanto ressentido, preconceituoso que fui. Agora, talvez, um possível de afirmação, de um respiro antes do enforcamento final, o limite para liberar limiares. A maior performance que existe é a morte. No entanto, arriscado também é recorrer à estratificação de normas próprias contra as normas de Estado, constituindo para si um pequeno aparelhinho esdrúxulo de Estado. Como as normas publicadas na página do Escrileitura na rede social *facebook* em julho de 2014,

---

<sup>25</sup> DUARTE, Edson Costa [vivo]. *Do livro Cartas para nunca*. Leia mais em: <http://nanquin.blogspot.com/2010/11/do-livro-cartas-para-o-nunca-2010-edson.html#ixzz2z5ailv7A>

<sup>26</sup> DELEUZE;GUATTARI, 2013b, p. 79.

<sup>27</sup> Acontecimento “A corda” promovido pelo Núcleo Escrileituras, da Faculdade de Educação da UFRGS, em maio de 2014. Ação na qual alguns usaram cordas para se prenderem a um famoso monumento de Porto Alegre.

intitulada (*dicas para a sessão de defesa da proposta*) nas quais a própria autora reconhece o tom fascista perigoso, “Enfim, vou parar, porque já vi que tô fascista”. Pena não ter parado e se limitado à reterritorialização familiar, ajeitada em “um competente social!”. Tudo isso para afastar o medo de aparentes bobagens, da emoção, da alegria, da euforia, das discordâncias, investindo num teatro mal produzido de respostas prontas e abstratas, à sombra de uma neutralidade esquizofrênica e perigosa e totalizante heróica, afirmando relações sociais fantasmagóricas. Deleuze e Guattari falam do perigo das fugas e das criações, pois não basta ter a clareza das armadilhas dos estratos, mas também exercitar a prudência para não se produzir outras armadilhas e prisões ainda mais danosas. “Não basta então distinguir os CsO (corpos sem órgãos) plenos sobre o plano de consistência e os CsO vazios sobre os destroços de estratos, por desestratificação exageradamente violenta. É preciso considerar ainda os CsO cancerosos num estrato que deveio proliferante (...) É uma luta, e que não comporta jamais, por isso mesmo, clareza suficiente. Como criar para si CsO sem que

seja o CsO canceroso de um fascista em nós, ou o CsO vazio de um drogado, de um paranoico ou de um hipocondríaco? Como distinguir os três corpos?”<sup>28</sup>. Um pequeno território pronto para se desterritorializar, não um território para se reterritorializar num Estado qualquer. Na diferença, para além do publicar e publicar e publicar e publicar e publicar e e... Que diferença foi produzida? Que aconteceu na nossa novela que desencadeia tais acontecimentos, sem percorrer a origem?<sup>29</sup> Até onde fazemos do Mesmo o mesmo? Até quando temeremos assim tanto a morte, o limite? Cúmplices da ruína. Educação da ruína, e não as ruínas da educação, da forma, do ressentimento, da fatalidade. Quais

outros possíveis de resistência à antiprodução acadêmica da publicação de artigos repetitivos? Que formação para além da identitária Formação de Professores? Que grupalidade para além da estratificação de classes no Estado? Que se tem produzido? Que temos produzido? Que produção? Produzimos e produzimos muito, será apenas

---

<sup>28</sup> Cf. DELEUZE; GUATTARI. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgão?..... *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. Vol. 3.* São Paulo: Editora 34, 2012, p. 30.

<sup>29</sup> Deleuze e Guattari diferenciam o desenvolvimento da novela, do conto e de um romance. Há um devir-imperceptível na novela, pois trabalha com fato já acontecido e também um *segredo*. “Na novela não se espera que algo aconteça. A novela é uma última notícia, ao passo que o conto é um primeiro conto. A ‘presença’ do contista e a do novelista são completamente diferentes (diferente é também a presença do romancista). Mas não invoquemos demasiadamente as dimensões do tempo: a novela tem tão pouco a ver com uma memória do passado, ou com um ato de reflexão, que ela ocorre, ao contrário, a partir de um esquecimento fundamental. Ela evolui na ambiência do ‘que aconteceu’, porque nos coloca em relação com um incognoscível ou um imperceptível (e não o inverso: não é porquealaria de um passado que ela não poderia mais nos dar a conhecer)”. Cf. DELEUZE; GUATTAR. 1874 – Três novelas ou “O que se passou?”, Op. cit., p. 71.

artigos os medidores da qualidade da pesquisa? E será apenas a Licenciatura, mesmo problematizada, a única a inventar pessoas para habitar escolas? Em que momento nossas máquinas de guerra são capturadas pelo aparelho de nossos Estados? Quais outras fugas possíveis? Até quando temeremos a morte enquanto morremos vivendo? “Por que esse tom desesperado? A linha de ruptura ou de verdadeira fuga não teria seu perigo, ainda pior que as outras? É tempo de morrer”<sup>30</sup>. E ou é tempo de fugir.

[...]

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda. Alguns, achando bárbaro o espetáculo, prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer. Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. A vida apenas, sem mistificação.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> DELEUZE; GUATTARI, Op. cit., p. 80.

<sup>31</sup> DRUMMOND (Carlos Drummond de Andrade). Os ombros suportam o mundo. Disponível em [http://www.releituras.com/drummond\\_osombros.asp](http://www.releituras.com/drummond_osombros.asp). Acessado em 27 de jan. de 2014.





*Você que me lê que me ajude a nascer.*



## **Não somos científicos. Fazemos vida. Que fazemos, então?**

Uma discussão toma conta do virtual *facebook* e invade o ambiente acadêmico: a Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão federal brasileiro financiador de pesquisas acadêmicas ditas científicas, em resposta ao Edital Procad 071/2013, deu parecer contrário ao projeto que envolve pesquisadores da UnB, UERJ e UFRN com 19 docentes, 09 doutorandos/as, 15 mestrandos/as e 27 graduados/as, intitulado “Crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais”<sup>32</sup>, por considerar que o método histórico-dialético “não garante os requisitos necessários para que se alcance os objetivos do método científico” e “cuja contribuição à ciência brasileira parece duvidosa”.

Os mais assustados indicam de pronto que há um patrulhamento ideológico nunca visto, um super conservadorismo que vem tomando conta do Brasil e os prognósticos são os piores. Exemplo disso seria a denúncia de um ritual satânico e abuso sexual que teria ocorrido durante uma festa de encerramento de um evento acadêmico no campus da UFF, em Rio das Ostras – RJ, no qual uma garota teria costurado a vagina<sup>33</sup>. Quando ouvi o caso logo reconheci e sentenciei, cientificamente seguro: performance artística. Juntam-se a esta denúncia, os inúmeros modos de repressão a movimentos sociais e grevista no Brasil, que vai de prisões que buscam intimidação de populares e agentes sociais, ameaça de corte de ponto e demissões, como acontece com os professores do Estado de Minas Gerais, incluindo disputas no judiciário que discutem a legalidade do ato grevista. É até engraçado, o Estado determinando se é legítimo alguém fazer greve contra o próprio Estado. Seria possível uma sentença contrária ao Estado? Difícil.

Mas o método científico explicaria todo este caos? Ou melhor, seria capaz de explicar e se tornar o juízo de tudo, ora se transfigurando em Capes, ora homem vestido de toga, ora ocupante da cadeira do legislativo? Desconfio da eficácia do método científico e não tenho dúvidas a respeito de seus objetivos. Afinal, que Ciência? Tradicionalmente, o método científico é descritivo. Ele observa os acontecimentos até seu fim, antes disso, não tem mais nada a fazer a não ser destilar hipóteses e mais hipóteses hipnotizantes. Ele precisa ver o Todo e espera por um acabamento, pelo fim do processo. Quando não é capaz de ver o todo, recorta em partes, para mais tarde, mensurar o Todo. Possui uma hipótese teórica que deve ser comprovada empiricamente, na prática, para confirmar ou invalidar as hipóteses. Geralmente contesta uma tese reconhecida como verdadeira. Os resultados diferentes da tese contestada formam uma antítese e a observação atenta ao que se mantém e ao que se torna diferente forma uma síntese, que posteriormente defendida e comprovada racionalmente perante a comunidade científica, torna-se uma tese pronta para ser contestada a qualquer momento.

---

<sup>32</sup> Recurso ao parecer CAPES/PROCAD. Disponível em [http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9661:recurso-ao-parecer-do-capesprocad&catid=61:notas-em-destaque&Itemid=164](http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9661:recurso-ao-parecer-do-capesprocad&catid=61:notas-em-destaque&Itemid=164). Acessado em 03 de setembro de 2014.

<sup>33</sup> *Alunos defendem legitimidade de evento na UFF de Rio das Ostras*, RJ. Disponível em <http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2014/06/alunos-defendem-legitimidade-de-evento-na-uff-de-rio-das-ostras-rj.html>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

A posição do cientista, neste caso, é considerada neutra, puramente racional sem se deixar tomar por qualquer julgamento que não seja comprovadamente demonstrável. Uma boa e eficiente pesquisa científica é aquela capaz de ser reproduzida em qualquer lugar, por qualquer cientista competente, observando, no entanto, que é preciso um ambiente ideal para que não influencie no experimento. Em pesquisa, por exemplo, das ciências biomédicas há os chamados grupos de controle estatístico. Para ser testada uma nova droga ou vacina, os indivíduos são divididos em dois grupos de igual número: um receberá a novidade e outro não. Isto para observar um tal efeito placebo daqueles que se sentem melhor sem receber nada em troca, apenas a notícia de que algo está mudando, puro efeito psicológico. Seria este o nosso problema, sofreríamos dos efeitos placebo?

Outro dado interessante, pois toda pesquisa científica deve apresentar com clareza seus dados e suas oposições, fora que ano passado, em novembro de 2013, exatamente, o colunista da Folha de São Paulo, Luiz Felipe Pondé acusava, com texto com título bem sugestivo “Eu acuso”<sup>34</sup> os cursos das ditas Ciências Humanas e Sociais brasileiros e, conseqüentemente, professores dessas áreas do Ensino Médio, de “bullying ideológico” que obriga “jovens a 'fingirem' que são marxistas para não terem resultados ruins” em seus exames de avaliação. Continuava fazendo um prognóstico tenebroso, agora acusando o que ele chamou de esquerda como a grande vilã: “Estamos entrando num período de trevas. Nos partidos políticos, a seita tomou o espectro ideológico na sua quase totalidade. Só há partidos de esquerda, centro-esquerda, esquerda corrupta (o que é normalíssimo) e do 'pântano'. Não há outra opção”. Conclusão, todo mundo com medo e como diria um ditado popular, “o cachorro com medo do próprio rabo”.

Desde o surgimento dessa nomenclatura Ciência Humanas e, posteriormente, o desejo de se diferenciar ainda mais em Ciências Políticas, Ciências Sociais, já ouvi falar até de Ciência do Esporte e uma tal Ciência da Arte – isso sim é de causar medo! – há uma necessidade de afirmar o valor científico de tais áreas, muitas vezes obrigando-as a se adaptarem ou a se adequarem a termos análogos às científicidades. Atualmente, aqui na Universidade na qual realizamos nossas pesquisas, há um movimento por parte dos cursos humanos em negar a submissão de seus projetos ao Conselho de Ética da instituição formado e regrado hegemonicamente por pesquisadores das ditas Ciências Exatas e Biomédicas, pouquíssimos Humanas. A respeito desta discussão há um belo texto de Hannah Arendt “Entre o passado e o futuro”<sup>35</sup> que discute com tamanha genialidade as questões da História para se firmar como Ciência e junto a isso, a própria ideia de Homem, entre outras tantas coisas.

Não saberia definir cientificamente o tal método histórico-dialético, mas me lembro de uma disciplina de pesquisa cursada na pós-graduação em Educação orientada por um professor conhecido como marxista. Penso que poderia ter feito outra coisa ao invés da disciplina obrigatória, que não fora uma determinação ditatorial do professor, diga-se de passagem. No entanto, dada a simpatia do sotaque e a teatralidade, a aula se tornou, em certo ponto, divertida e produtiva, com algumas boas histórias para contar. Lembro-me

---

<sup>34</sup> PONDÉ, Luiz Felipe. *Eu acuso*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2013/11/1366183-eu-acuso.shtml>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

<sup>35</sup> Cf. ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

de que ele falava muito contra um modo positivista que domina as Ciências da Natureza. Atacava esse mito da neutralidade da investigação, dizia sempre que qualquer decisão científica tinha seu teor ideológico. O que diria, hoje, um médico a respeito do consumo do ovo para um dono de granja, que anos a fio, viu seu produto ser vilão da dieta? “Agora pode, cientificamente controverso.” Atentava também para um relativismo, o qual tudo seria possível, contudo que fosse explicado de modo racionalmente entendido. Por isso, não havia apenas uma História, mas fatos históricos prontos para serem interpretados para se inventar outros tantos sentidos. Apostava na História como um contínuo que se sucedia desde a pré-história, se movimentando através de Revoluções e que olhando o passado, seria possível perceber ou prever alguns movimentos futuros, como ascensão e declínio de classes sociais. Sempre lembrando que a produção e o poder econômico eram determinantes.

Lembro-me agora do artista Flávio de Carvalho<sup>36</sup> que na década de 20 do século passado trajou uma sai numa rua paulistana movimentada. Ou quando calçou chapéu e seguiu na direção contrária a uma procissão católica e quase fora linchado. Risco ao questionar padrões e modelos hegemônicos, como a “Xereca Satanik” que serviu para saber que o índice de estupro a mulheres na cidade de Rio das Ostras – RJ aumentou no

ano 2014, ao invés de anular ou diminuir. Ou como o performer sul-africano Steven Cohen<sup>37</sup> que amarrara um fio ao seu pênis e a um galo e que fora condenado pela Justiça Francesa por “exibicionismo sexual” ao contestar as proibições do país que por vezes achamos sinônimo de “Liberté, Egalité, Fraternité”, “Estou mostrando a minha parte mais íntima, dizendo: sou homem, judeu, gay, branco”, declarou Cohen.

O que me parece quando leio algum trabalho guiado pelo método histórico-dialético é que a tensão sempre existiu e sempre existe porque existe vida e a vida não ama os covardes, como disse Vinícius de Moraes. O que há são forças em guerra, apesar da análise histórico-dialética, por vezes, se guiar pela interpretação e pela representação ao invés de dar vazão a elas. Este pensamento científico de superação, neutralidade e racionalidade empírica nem sempre funciona, como nem sempre funciona no laboratório. Ao que parece, já nem seria necessário ou nem seria um exercício interessante dizer que o método dito marxista seria científico, pois ele problematiza o próprio parâmetro de cientificidade. Como poderia convencer meu amigo formado no IME – Instituto Militar de Engenharia – que declarou ser ‘lixo’ aquilo que viu no vídeo da performance de minha qualificação de mestrado<sup>38</sup> em Educação? Que aquilo era Ciência? Como poderia convencer que aquilo é científico? Não é. Porque nem tudo é mensurável por uma totalização capaz e Capes de racionalidade e método. No entanto, faço sim pesquisa e trabalho muito de outros modos, faço outra coisa, nem método científico, nem método histórico-dialético. Uma confusão. Uma fusão, indiscernível limite entre texto acadêmico e performance artística, obra de arte e corpo do artista.

---

<sup>36</sup> Cf. STIGGER, Verônica. *Flávio de Carvalho: arqueologia e contemporaneidade*. Disponível em <http://www.mariantonia.prceu.usp.br/celeuma/?q=revista/4/dossie/flavio-de-carvalho-arqueologia-e-contemporaneidade>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

<sup>37</sup> *Vídeo mostra artista sul-africano dançando com galo preso ao pênis*. Disponível em <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2014/05/video-mostra-artista-sul-africano-dancando-com-galo-presao-penis.html>

<sup>38</sup> *Performance de uma qualificação de mestrado em Educação*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=k3zOtrWo8R4>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

Desejo outra coisa, como disse Clarice Lispector que “ainda não tem nome”. Seria possível uma agência de pesquisa estatal qualificar isso? Desconfio. Como uma agência daria conta de tal incompreensão, como na vida, que nem mesmo o corte do ovo da dieta, lhe garante níveis de colesterol seguro. Como se pode pensar a pesquisa como vida, com todas suas incertezas e possíveis? Penso a vida como obra que é feita em cada encontro e que nenhum prognóstico de Pondé ou da Capes ainda é capaz de determinar. No entanto, eles tentarão, sempre tentarão impedir. Mas curiosamente Pondé ajuda a pensar e cutuca “Usam táticas do fascismo mais antigo: eliminar o descrente antes de tudo pela redução dele ao silêncio, apostando no medo”.

Mas o silêncio também cria. As ondas de greve que assistimos ou vivemos, para parafrasear um marxista brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, que nunca se viu na história recente deste país, com grevistas que desafiam até mesmo seus líderes sindicais e que não se veem representados por esta estrutura de luta de classes tão fixa põe pra pensar. Nem mesmo o governo que se inventou pela liderança sindical sabe lidar com atual greve e movimentos sociais. Porque a análise das histórias contadas não ajuda muito na produção histórica de nosso contemporâneo. Nem mesmo é possível esperar para ver o que vai dar, porque tem dado muitas coisas. É pura criação, vida inventada e que exige passagem. Greve em obra como a dos garis no Rio de Janeiro<sup>39</sup> após o carnaval que conseguiram muito mais do que o pouco que o patrão e os líderes sindicais acertaram. Tudo produzindo por uma massa disforme, sem rosto, sem líder fixo, sem aquele clichê de ascensão de candidato para a próxima eleição. Mas isso só saberemos na eleição. Por enquanto “anota aí, eu sou ninguém”<sup>40</sup> junto com Peter Pál Pelbart e outros tantos.

Há muito tempo a Capes ou a Fapemig ou Faperj ou Fapesp, agências de financiamento de pesquisas acadêmicas no Brasil não representam os desejos de um grande grupo de pesquisadores brasileiros. E estes pesquisadores, enfiados em seus gabinetes, quando estes existem, teorizam e cumprem religiosamente seus afazeres, deixando espaço para não escapar. Aparece neste parecer da Capes que realmente o método histórico-dialético não é um método científico eficaz. No entanto, é um método eficaz para mostra que a cientificidade não é capaz.

Espero que este acontecimento sirva mais do que para afirmar um fantasma de direita golpista que se apossou do órgão de financiamento. Não me lembro de outro acontecimento que fizesse contraste com o atual. Será que a Capes endireitou ou a Capes sempre foi mesmo direita? Penso. Espero que corpos se mexam e se afetem ainda mais para além de um fatalismo reclamo acadêmico com tantos qualis e antiprodução. Porque o que vejo é isso! Todo mundo na antiprodução, reclamando, mas produzindo. Como disse D2 “eu me fortaleço é na sua falha”. Onde temos ainda falhado? Ou como temos feito tudo tão certo? Onde a Capes tem nos acertado?

---

<sup>39</sup> *Garis conquistam reajuste de 37% e encerram greve.* Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2014/03/garis-conquistam-piso-salarial-de-r-1-100-e-encerram-greve-no-rio-8129.html>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

<sup>40</sup> PELBART, Peter Pál. *Anota aí, eu sou ninguém.* Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/opinia/2013/07/1313378-peter-pal-pelbart-anota-ai-eu-sou-ninguem.shtml>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

As lutas ideológicas estarão sempre aí. O desejo de um estado laico e igualitário. Devemos lembrar somente que não existe esta neutralidade científica, isto é uma bela ilusão judaico-cristã-psicanalisada. As pessoas tem religião ou não tem religião e querem fazer prevalecer seus desejos, uma guerra de forças. Opressores e oprimidos convivendo juntos, metamorfoseando-se um em outro, desdobrando si. Tomemos cuidado, pois podemos nos tornar aquilo que tanto repudiamos: censores da vida, fascistas da pesquisa. Pôde já nos alertou “Como estes não crentes não formam um grupo, não são articulados nem têm tempo para sê-lo, a truculência dos autoritários faz um estrago diante da inexistência de uma resistência organizada”.

Jorge Larrosa em interessante texto “Elogio do Riso”, no livro *Pedagogia Profana* pergunta que pode um professor com chapéu de guizos, ou com uma capa puída, ou com orelhas de burro? “Por curiosidade, para ver o que acontece”, diz ele. Mas exita, pois julga que a postura dogmática de professor não combinaria com tais indumentárias, causaria muito estranhamento. Resta a ele produzir um texto, como um bom professor catedrático, pois combina mais com a função de professor.

Mas que corpo é este que se produz entre dogmas, profecias, pedagogias, pesquisas? Que corpo em obra? Se para a dupla D&G a filosofia produziria conceitos, a ciência functios e a arte perceptos e afectos, que corpo se produz neste encontro? Se já não somos científicos, pois não atendemos aos desejos dogmáticos de uma ciência muitas vezes aliciada ou alucinada por conceitos filosóficos, que nos resta?

Quando nada resta, resta ainda corpo! Grita, grunhe Artaud na sua última transmissão radiofônica direto do manicômio social. Quando nada está presente, ainda há presença corpo! Para um ator, vestir uma toga ou um chapéu de guizos é ofício, é profissão. Para um performer o nu é sempre figurino essencial. Mas e para um cientista, num evento acadêmico? Que relações outras são produzidas neste encontro entre ciências, filosofias, funções e conceitos? Se o performer enquanto arte, na presença, força limites entre objeto e sujeito que destitui a clássica distinção entre objeto de arte e artista, que corpo se produz, que possíveis são disparados?

Se uma ciência diz que não produzimos científicidades, que outros corpos são produzidos neste território que se pensava tão científico, tão asséptico, tão vestido? Que ciência outra pode um corpo no corpo ciência? Que arte pode a ciência, sem ser científica, sem atender aos dogmas, aos paradigmas, aos pressupostos moralizantes? Que desnudamentos produzimos, estamos por produzir? Que um cientista faz nu? Que nudez é possível a ciência? Em qualquer caso, como diria Larrosa, ridículo. “E se [um professor] veste uma toga, qualquer impostura pode se apresentar como se fosse uma postura e qualquer posição pode se converter em imposição. Mas se veste uma capa puída, se não tem posturas para impostar, nem posições para impor, se não se enxerga bem a sua toga, quem vai lhe prestar atenção?”. E nu?

Será mesmo que o pensamento é monopólio de professores vestidos de toga, revestidos de cientistas? Larrosa diz que talvez precisássemos deixar de ser professores para que no interior do pensamento ressoasse o riso. Mas e se continuássemos forçando limites entre Arte, Pedagogia, Ciência. Um duplo disparado. Não somos cientistas. Somos

cientistas. Não somos científicos. No entanto, isso não resolve de pronto a questão, mas inventa outra numa rebelião: que produzimos então, aqui, na Academia?

Que presença? Enquanto quisermos ser reconhecidos por aquilo que não somos, nunca seremos, Cientistas Naturais, quem sabe naturais cientistas da vida, deixamos de produzir aquilo que melhor sabemos: vida na academia, academia em arte e não Academia de Arte. A Capes como um único modo de pesquisa não nos representa. Como nada nos representa. Mas a Capes nos produz. Capes me produz como bolsista. Ela é produção. E é preciso inventar outros possíveis de produção com isso que está produzido, mas não limitado pelo desejo de uma única produção, de um único modo de pesquisa. Lembro que luta e resistência e, sobretudo, criação sempre fizeram e farão parte da História. E claro, porque isso tudo envolve capital, dinheiro. Pesquisadores do Brasil, temos inventado um novo modo de pesquisa, não um novo órgão, mas um novo corpo para pesquisa no Brasil. Peter Pál Pelbart lembrando Deleuze diz, "falamos sempre do futuro da revolução, mas ignoramos o devir revolucionário das pessoas". É tempo de invenção. Que devires, aqui, nesta academia, anunciamos?



*O que dá a ver, a ouvir e a pensar a formação como processo ético-estético-político?*<sup>1</sup>

Esse negócio – que nega o ócio – de pensar formação toma outro rumo. Toda formação tem sua desdobra ética-estética-política e também econômica. O que se tem produzido? Produz-se uma discussão acerca dos modos de produção. Uma produção que se pensa em produção.

Interessante. Uma economia que não economiza energia para discutir formação. Atentos ao processo de formação com suas desdobras, o exercício fica curioso e desvenda, tira as vendas postas sobre algumas relações e assim, inventa-se novas relações. As palavras não são tão duras que uma machado não possa destroçar. As palavras não são tão moles que não possam se petrificar. A questão é a relação e não a relativização. Abre-se a porta ou a janela e vê-se o abismo. Saltar ou não saltar, eis a questão? Mas se *eu* for sozinho? Sempre estamos sozinhos. Pode ser que do lugar de onde estamos, lá no alto em que nos encontramos, não possamos ver tão baixo. Apenas poderemos ver o que o abismo esconde e encanta se nos lançarmos nele. Talvez continuemos sozinhos, mas só o saberemos quando estivermos lá. E quem sabe lá encontremos tantos como nós, que pensavam estar a sós, quando na verdade (olha a verdade!!!), estavam é no caminho. Uma formação que se pensa em fabulação. Que conta histórias que não precisam de tradução, de interpretação, pois são tão loucas e claras que libertam a criação. Uma educação que sabe que fabula mundos, pessoas e histórias. Uma formação que não é objetiva, porque não tem objeto, só encontros e encantos. Uma educação que se faz na escola, fora da escola, no corredor, na rodoviária, no metrô porque os caminhos são estes, mas as chegadas são muitas e as partidas contínuas. Uma formação em arte, não como obra de arte. Uma formação que obra em arte por uma vida sempre possível de criação.

<sup>1</sup> Texto produzido em exercício de escrita em até 20 linhas, a partir dos desdobramentos das pesquisas, entre os meses outubro e novembro de 2013, do Projeto “Oficinas de Exercícios Formativos: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação”, financiado pela FAPEMIG.



*Sim, o que te escrevo não é de ninguém. E essa liberdade de ninguém é muito perigosa. É como o infinito que tem cor de ar.*





## **Um passeio esquizo pela Educação. (Não uma esquizoeducação) Ou somente isso: esquiza é a Educação.**

Uma questão difícil se inventa após a banca de qualificação: seria então momento para propor uma esquizoeducação? Seguir com tamanho furor os elogios da querida e histriônica formiga de mil patas, a parteira Clarissa, ao chupar a banca de frutas até o caroço? No momento, penso não.

Um movimento preciso de uma certa produção acadêmica idealiza a forma e acredita que a forma então inventada, oposta a tudo aquilo que já se tem inventado, é o santo graal da pesquisa, o elo perdido da criação. Seria possível outra coisa? Arrisco sim.

Este trabalho é um convite que se efetua.

Em oposição ao ideal da forma, alguns evocam apaixonados “o importante é o processo, não o produto, não a forma”. Por isso ou propõe-se Currículos Estruturado, Disciplinas, Tempos, Espaços, Textos, Regras da ABNT para o Trabalho de Conclusão de Curso ou diz que é currículo Oculto, Aberto, Obscuro, Multidisciplinar, Roda de Cadeiras na Sala de Aula, texto de qualquer Forma, Porta da Sala Aberta, Pós-Estruturalismo, Pós-Modernidade, vale qualquer coisa. Vai-se de um polo a outro sem perceber o inventado. Desde que se diga de onde partiu, que referencial usou, quem autoriza, quais os trabalhos já o fizeram, tudo bem. Os dois polos padecem do mesmo mal: modelos que querem dar conta do ainda não acontecido, Modelo.

Deleuze e Guattari ao se debruçarem na investigação do processo esquizofrênico dão outra pista pisando em desterritório, compondo e con-fundindo tudo isso que achávamos tão bem delimitado por certos aspectos. A dupla inventada de filosofia ou clínica na heterotopia do si – filósofo e psicanalista, filósofos e psicanalistas – convidam para a um passeio esquizo em alternativa ao neurótico sentado no divã acadêmico. Lançam olhares atentos ao processo de produção, mas diferente de um olhar opositor, identificador das dicotomias processo X forma ou processo X produto, eles nos provocam a pensar sobre e no processo, sobre e com e no produto sendo produzido em processo, atenção ao que se produz em sua atualidade e não na espera de um fim, para então, ver o que se produziu e produzir algum pensamento sobre o produto.

Estar atento ao processo é estar atento o que ele produz, às suas formações, aos seus produtos que por natureza, só podem ser provisórios. Estar atento ao processo é perceber que ele por si caminha à efetuação. Estar atento ao processo não depende de um sujeito pesquisador consciente que julga ou determina o momento da efetuação. É antes, perceber que formações subjetivas ou objetivas não são capazes de se manterem intactas diante da efetuação do processo, dessubjetivação constante. Na diferença, estar atento ao processo, e aqui, estar

atento ao processo de formação em Educação, não é perceber a invenção de uma forma diferente ou desejo de inventar um processo diferente para criar mais diferente, é afetar-se pelo processo da educação que, processando, produz forma que se processa e produz forma outra seguindo outros processos, inventando outras formas, efetuando outros processos. O fim de um processo não é a forma, mas sua efetuação. A efetuação de um processo não é a invenção de uma forma. O processo é forma. A forma está em processo. Estar atento ao processo é perceber que processo é indissociável de forma. Estar atento ao processo é perceber que ele produz e que caminha naturalmente à sua efetuação.

Na Educação, a palavra processo não tem economia de usos: processos educacionais, processo cognitivo, processo produtivo, processo criativo, processo do aluno, processar o professor, processar o aluno, processar a escola, processo histórico. O processo é encarado como uma metodologia para alcançar a forma educada, desejada, civilizada. A todo o momento acentua-se o risco à artificialização do processo desejando manipulá-lo, mecanizando-o, ora interrompendo-o abruptamente, ora o intensificando, adoecendo. Desse modo, esta otimização praticada hegemonicamente cria indisciplina e fracasso.

Por isso, esquizofrenizar a educação não parece interessante. Deleuze e Guattari alertam que usar o processo como meta, levando-o ao infinito ou interrompendo-o de modo abrupto, sem perceber sua singular produção e efetuação e que ele se torna outro, acaba por criar um *esquizofrênico artificializado*, aquele incapaz de inventar vida. Seres intensivamente neurotizados e inventados para o fracasso, o erro e a falta. Pois se o esquizo é o inventor universal, o esquizo artificializado abandonou sua maquinaria inventiva, sucumbindo ao desejo despótico, ao neurótico modelo sentado no divã da cadeira da supervisão pedagógica. Desse modo, não há forma ou entidade esquizofrênica na qual este trabalho se apóia, mas a afirmação de um fluxo esquizo que escorre pela forma, passeando, conectando céu de chão e estrelas da terra e muito mais, inventando chão de céu. Com perigos de produzir um chão de cabeças pisoteadas pelo totalitarismo acadêmico. Aqui não é a forma ideal de chão, mas possíveis de assoalhos para voos rasantes incontroláveis.

Este trabalho é um convite a um passeio esquizo pela Educação percebendo e inventando outros modos possíveis de Formação. Não se trata de um desejo de esquizoeducação. Ou é antes, na diferença, afirmação de que a educação só é e só pode ser esquizoeducação, heterogeneidade, *hecceidade*<sup>41</sup>. Esta materialidade aqui

---

<sup>41</sup> Para Deleuze e Guattari hecceidade é o processo de individuação de corpos através de agenciamentos e nada tem a ver com subjetivação, com limite de um sujeito ou objeto. "Pois você não dará nada às hecceidades sem perceber que você é uma hecceidade, e que não é nada além disso... Você é longitude e latitude, um conjunto de afectos não subjetivados. Você tem a individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de *uma vida* (independente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independentemente da regularidade). Ou pelo menos você

que se inventa entre corpos leitura e escrita é a atualização de um passeio pela Academia, afirmação do fluxo em processo que inventa forma – texto, qualificação, dissertação – mas que está sempre em devir, pronta para se desformar, ser disforme, efetuar-se em outro processo de produção de uma educação outra, para além do modelo neurótico do aluno sentado na cadeira do divã analista acadêmico.

Uma esquizoeducação não é precisa, porque o fluxo esquizo desliza com Educação. Talvez uma Educação *esquizita*<sup>42</sup>, como este caderno que fora caixa e deseja ser dissertação de mestrado em educação na Educação. Estar atento aos processos na Educação que vão além dos modelos mais inovadores neuróticos ou artificialmente esquizofrênicos é preciso. Uma Formação nada neurótica, uma Educação atenta ao fluxo esquizo é possível.

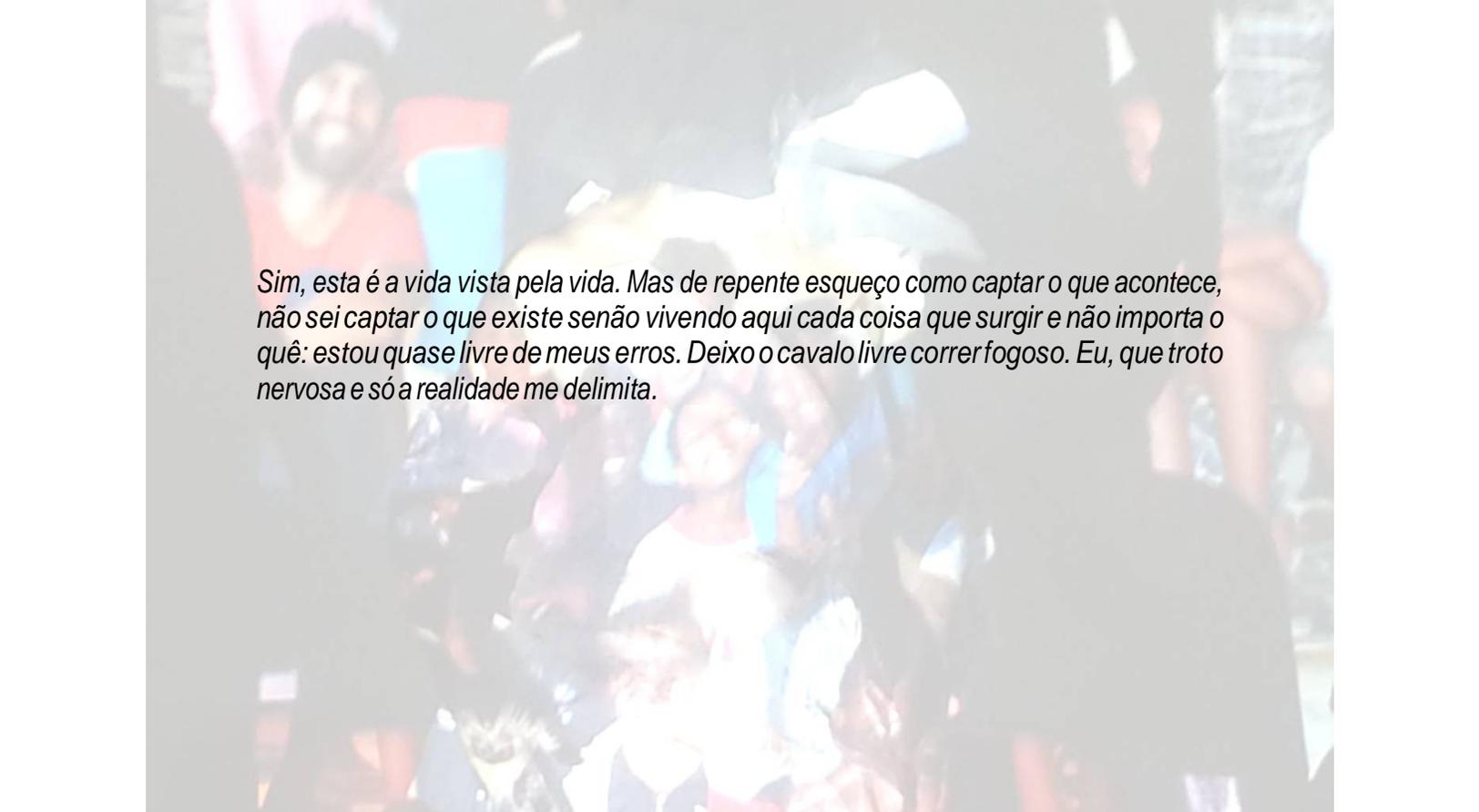
A aposta aqui não é numa forma esquizita, mas na potência da atenção ao fluxo esquizo que cria outras formas, modos de vida possíveis na Academia. Formação não neurótica, não esquizofrênica, não artificializada. Fluxo esquizo na Educação inventa possíveis de educação.

---

pode tê-la, pode consegui-la”. Cf. DELEUEZE, G; GUATTARI, F. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível... In.: \_\_\_\_\_ . *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2, vol. 4*. Trad. De Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012, pp. 49-50.

<sup>42</sup> Neologismo apostando no agenciamento maquínico dos fluxos esquizos, estranho aos modelos régios vigentes de Educação. Uma singularidade fugidia da forma que se mantém na clandestinidade da língua, em devir que não deseja fixidez conceitual.





*Sim, esta é a vida vista pela vida. Mas de repente esqueço como captar o que acontece, não sei captar o que existe senão vivendo aqui cada coisa que surgir e não importa o quê: estou quase livre de meus erros. Deixo o cavalo livre correr feroso. Eu, que troteo nervosa e só a realidade me delimita.*



## **‘POP’ FILOSOFIA E FILOSOFIA POP PÕEM A EDUCAÇÃO A PENSAR DISCIPLINA, CURRÍCULO E POLÍTICA**

A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado em alto mar [...].

Gilles Deleuze, 1972-1990/1992, p.118.

### **Entre conversas uma ‘Pop’ filosofia**

A primeira vez que vi ou ouvi ou li a expressão “‘Pop’ filosofia” fora quando atravessado pelo e-mail da companheira de Travessia<sup>43</sup>, Ana Lygia Vieira Schill da Veiga, Nina Veiga, recebido no dia 28 de setembro de 2012, através do grupo virtual on-line Corpo-pensamento, desdobra da disciplina Corpo-pensamento do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/FACED/UFJF, orientada pelas professoras Margareth Rotondo e Sônia Clareto, dizia de uma outra relação entre arte e filosofia.

[...] as boas maneiras de ler hoje é chegar a tratar um livro como se escuta um disco, como se olha um filme ou um programa de televisão, como se é tocado por uma canção: todo tratamento do livro que exigisse um respeito especial, uma atenção de outra espécie, vem de uma outra era e condena definitivamente o livro. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam. 'Pop' filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar.

Este trecho que no e-mail indicava como referência o prefácio do livro *Micropolíticas – Cartografias do Desejo* (1996), de Félix Guattari e Sueli Rolnik, fora originalmente retirado pelos autores de outro texto, *Uma conserva, o que é, para que serve?*, do livro *Diálogos* (1977), de Gilles Deleuze e Claire Parnet, página quatro. Naquele momento, me pareceu muito interessante a proposição de uma “‘Pop’ filosofia”, mas ao mesmo tempo não se tornou uma questão de pesquisa, apesar de minha orientadora de mestrado, Sônia Clareto, indicar este caminho. No entanto, chamava-me cada vez mais a atenção o desejo de Deleuze e seus companheiros de conversa – ou de prosa, se

---

<sup>43</sup> Travessia Grupo de Pesquisa, do qual faço parte, é certificado pelo CNPq e funciona nas dependências do NEC/FACED/UFJF. É atravessado por temas como Aprendizagem, Educação Matemática, Filosofia, Arte, Pedagogia, Ciência, Linguagem, liderado pelas Professoras Doutoras Margareth Ap. Rotondo e Sônia Maria Clareto.

fossem bons mineiros – Félix Guattari ou Claire Parnet ou Michael Foucault, de produzir exercícios de pensamento que diluíam cada vez mais as fronteiras entre áreas tradicionalmente delimitadas como filosofia, ciência, arte ou clínica. Estas produções investem na desdobras que estas áreas provocavam umas nas outras, produzindo um modo outro de operar e, por isso, difícil de ser reconhecida pela tradicional distinção disciplinar.

Deleuze problematizou a hegemonia da Filosofia como lugar privilegiado da produção de pensamento e como alternativa a esta questão, propõe que não é uma definição pela identidade ou pela forma, do tipo ‘filosofia é racional’ em oposição à ‘arte é emocional’ que daria conta de tal questão. Na diferença disso, propõe que as áreas sejam diferenciadas pela singularidade de suas produções de pensamento. Numa das conversas com Guattari, eles produzem:

Por enquanto, dispomos apenas de uma hipótese muito ampla: das frases ou de um equivalente, a filosofia tira conceitos (que não se confundem com ideias gerais ou abstratas), enquanto que a ciência tira prospectos (proposições que não se confundem com juízos), e a arte tira perceptos e afectos (que também não se confundem com percepções ou sentimentos) (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 38).

Tanto filosofia, ciência ou arte produzem pensamento, no entanto, cada uma seria responsável por produções distintas: a filosofia produziria conceitos; a ciência, funções; e a arte, perceptos e afectos.

É notório como Deleuze e aqueles que junto a ele produziram suas conversas, usaram produções de territórios diferentes da filosofia para pensar filosofia, para produzir conceitos. A obra *O anti-Édipo* (1972), por exemplo, produzida junto a outras conversas com o amigo Félix Guattari, é provocada junto à Psicanálise, à Antropologia, à Sociologia, à Física, à Medicina, à Linguística, à Biologia, entre outras tantas áreas, mas, sobretudo, junto à arte e suas múltiplas manifestações.

Por possuir formação na área de Artes Cênicas, sempre me chamou muita atenção estas produções usarem arte para pensar filosofia, mas sem tentar explicar a arte, prática hoje muito comum em eventos, exposições, livros de temática artística que recorrem a conceitos filosóficos para explicar práticas artísticas. Na diferença disso, Deleuze usa arte para ainda produzir filosofia. Ou ainda, produz filosofia em modo de arte, sobre isso, discutirei mais adiante.

Com a aproximação mais intensa à obra de Deleuze, compreende-se um movimento revolucionário em sua produção. Se analisarmos cronologicamente, inicialmente percebe-se um exercício que problematiza o lugar privilegiado da filosofia no pensamento ocidental. Sua obra desnaturaliza o ato de pensar, questionando o desejo de universalidade baseado no senso comum. O pensamento de Deleuze solo ou junto a outros tantos leva a questionar que seria este senso comum, investindo na arte de produzir um outro mundo com este mundo, investindo numa filosofia não-filosófica ou numa filosofia que só poderia ser arte, uma filosofia para todos e para ninguém, pois não tinha destinatário prévio, uma 'pop' filosofia. Em sua célebre tese de doutorado *Diferença e Repetição* (1968/1988), Deleuze afirma aquilo que seria a tônica de seu trabalho e o que levaria muitos pesquisadores tradicionais a defender que ele não fora um filósofo.

Um livro de Filosofia deve ser, por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro, uma espécie de ficção científica. Por romance policial, queremos dizer que os conceitos devem intervir, com uma zona de presença, para resolver uma situação local. Modificam-se com os problemas. Têm esferas de influência em que, como veremos, se exercem em relação a "dramas" e por meio de uma certa "crueldade". Devem ter uma coerência entre si, mas tal coerência não deve vir deles. Devem receber sua coerência de outro lugar (DELEUZE, 1988, p. 09).

Ele mostra que os conceitos não se tratam de abstrações do pensamento, mas formas concretas de responder questões concretas, no entanto, regionais. Os conceitos possuem uma funcionalidade, fazem operar alguma coisa, possuem uma localidade, uma territorialidade que impede de universalizar ou produzir generalizações conceituais. Deleuze anuncia que o não-filosófico é bem vindo na filosofia para lhe dar outra forma, embora possa deformar ao ponto de não coincidir com a tradição, como no trecho seguir em que compara a um livro de filosofia ao de ficção científica, levando-o a questionar que seria científico:

Ficção científica também no sentido em que os pontos fracos se revelam. Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois ou, antes, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio.

Falamos, pois, de ciência, mas de uma maneira que, infelizmente, sentimos não ser científica (DELEUZE, 1988, p. 10).

Desse modo, o encontro entre singularidades promovem então mais singularidades. Deleuze produziu sua obra entre muitas conversas, coisa rara na Filosofia. Com Guattari afirma que outras áreas também se produzem como pensamento. Nas suas obras finais junto a Foucault, ele pensa a vida como obra de arte, o pensamento se produzindo como um movimento de arte, de afirmação de existência singular. Neste movimento, o pensamento se produz com estilo e estética própria e que nada teria a ver com a comunicação ou a explicação, mas com a violência que é a própria vida em produção que só pode produzir mais vida. A arte afirmada por ele nada tem a ver com esta produção de objeto por um sujeito que se diz artista e que precisa de um grupo que certifique e confirme isto. Não é o pensamento que se costuma demarcar como território para arte com uma “estetização fetichizadora, folclorização romântica, alucinação militante” (ROLNIK, S/D, p.8), como coisa bela, equilibrada que traz alegria, prazer em entreter e se identificar com seu público. Pelo contrário, arte como marca, como violência “que dissolve a cegueira do hábito” (ROLNIK, S/D, p. 9). Nem tem a ver com a produção de uma certa filosofia hegemônica que defende a produção da arte como emocional em oposição ao racional, lugar das ilusões e sonhos em oposição ao que é Real; ficções em oposição ao que é realidade.

Em outra conversa de Deleuze com Guattari, em “O que é a Filosofia?”, dizendo sobre a relação da filosofia com o não-filosófico, eles afirmam um modo de produção e o seu endereçamento.

O não-filosófico está talvez mais no coração da filosofia que a própria filosofia, e significa que a filosofia não pode contentar-se em ser compreendida somente de maneira filosófica ou conceitual, mas que ela se endereça também, em sua essência, aos não-filósofos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 56).

Esta conversa atualiza possíveis caminhos para pensar filosofia para além da filosofia, quiçá como arte. Diante desta rápida pesquisa da produção das conversas de Deleuze, não parece ao acaso que não tenha se empenhado em afirmar A Pop Filosofia como uma disciplina em alternativa a uma filosofia tradicional praticada até então, mas provoca pensar que a filosofia não pode ser menos do que ‘pop’, totalmente implicada com seu

tempo e espaço, respondendo e produzindo questões contemporâneas a sua existência. O risco é fazer da produção do encontro entre diferenças um modelo diferente de produção do Mesmo. “Para mim, a filosofia sempre teve uma dupla audição: uma audição não-filosófica e uma filosófica. Se não houver as duas ao mesmo tempo, não há nada. Senão a filosofia não valeria nada” (DELEUZE, 1988/1996, p. 74). Parece que mais que afirmar uma pop filosofia, o que Deleuze chama atenção entre suas conversas é que a filosofia é pop, endereçada não apenas aos filósofos, mas também aos não- filósofos, e se não for assim, não serviria à vida.

### **Filosofia Pop põe a pensar currículo e obrigação**

A primeira vez que soube que um pesquisador estava empenhado em pensar uma *Filosofia Pop* fora nas aulas do Estágio Docência, no segundo semestre de 2013, acompanhado pela Professora Doutora Rosane Preciosa, do Instituto de Arte e Design – IAD/UFJF. Na ocasião, ela disponibilizou uma entrevista com o Professor Doutor Roberto Charles Feitosa, do Departamento de Filosofia da UNIRIO, na qual ele apresentava sua pesquisa Filosofia Pop:

[...] defino “Filosofia Pop” como um projeto que envolve a associação de conceitos com imagens, em uma linguagem acessível e bem-humorada, sem perder o rigor e a densidade inerentes à Filosofia. Acrescentaria que é um pensar que visa a resistir e embaralhar as hierarquias tradicionais da cultura, por isso é “pop” e não “popular”, já que este me parece ser um termo demasiadamente comprometido com a dicotomia e a oposição contra o culto ou o letrado (FEITOSA, 2009, p. 01).

As pesquisas no mestrado tomaram outros rumos e uma questão é produzida, *corpo* como questão. Diante desta problematização, surge a oportunidade de participar da disciplina *Filosofia Pop* oferecida por Charles Feitosa, na UNIRIO. Uma oportunidade para pensar o conceito *corpo* atravessado por outras áreas, transdisciplinar, sobretudo pela arte, como ele anuncia em sua entrevista, “Na dança, por exemplo, se mostra toda a inteligência do corpo. O homem só é capaz de dançar porque existe no modo de um corpo que pensa” (FEITOSA, 2009, p. 04). Queria ver como se produzia este corpo

inteligência na filosofia, já que havia experimento ‘a inteligência do corpo’ no território da arte.

A primeira surpresa foi descobrir que Filosofia Pop era oferecida nas dependências do curso de Artes Cênicas da UNIRIO, no entanto, para alunos regulares do Curso de Filosofia. O mais intrigante foi saber que a disciplina era oferecida em caráter obrigatório para estes alunos. O primeiro dia de aula foi iniciado com apresentação de dois outros professores que iriam ministrar as aulas juntos ao Professor Charles, Professor Doutor Alessandro Carvalho Sales e Professora Doutora Angela Aparecida Donini, ambos do Departamento de Filosofia da UNIRIO. Durante a tentativa de dizer que seria Filosofia Pop e tentando escapar aos lugares comuns do discurso acadêmico hegemônico explicativo, é defendida a natureza da obrigatoriedade da disciplina no Departamento de Filosofia como um ato Político de resistência à Política Curricular praticada pela Academia. Seguido a isso, uma aluna se apresenta e fico sabendo que é sua terceira tentativa para terminar a obrigatoriedade. Na disciplina há aproximadamente 25 alunos, formalmente matriculados ou visitantes como eu.

Numa discussão interessante a respeito da reinserção do ensino da Filosofia no Ensino Básico brasileiro, nos últimos anos, Silvio Gallo (2011), professor e renomado pesquisador interessado em pensar o ensino da Filosofia, apresenta três possíveis eixos para o trabalho: “um eixo histórico, um eixo temático e um eixo problemático”. A Filosofia Pop abandona o eixo histórico, investindo numa divisão temática que lá leva o nome de módulos: Módulo I – Arte e Política no Brasil; Módulo II – Mídias e Novas Tecnologias; e Módulo III – Erotismo, sexualidade e gênero. Ao abandonar o eixo histórico, da “Filosofia acadêmica, altamente codificada”, a Filosofia Pop dispara possíveis da filosofia se fazer de outro modo na Academia. No entanto, ao se produzir como obrigação disciplinar, ela recai no buraco negro do problema do eixo histórico, como mais um conteúdo de um currículo altamente conteudista, “E, no contexto de um currículo já muito conteudista, a Filosofia é vista como apenas um conteúdo a mais” (GALLO, 2011, p. 2). Eis o perigo que assola aquele que enfrenta mais uma disciplina obrigatória de um currículo sem saídas.

A argumentação dos professores propositores da disciplina agora obrigatória se atualiza num discurso de afirmação Política na Academia que é altamente codificada e que determina o que é e o que não é Filosofia. A disciplina obrigatória é então a Política de

resistência à obrigação disciplinar. Isto deu outro rumo à pesquisa de campo, não abandonando por completo a inicial intenção, mas intensificando a discussão. Se antes era pensar que noção de corpo era discutida ou produzida na Filosofia Pop, o que se instituiu é a pesquisa do corpo produzido pela disciplina Filosofia Pop.

Numa outra conversa entre Deleuze e Guattari (2012) sobre *Micropolítica e segmentariedade*, eles alertam para os perigos das linhas de fuga, as linhas de criação que permitem desterritorializar o território para produzir outro território. No entanto, o risco é reterritorializar, manter algo do qual se pretendia fugir e que ainda impede a vida de se inventar possível. Dizem do perigo do *medo*, o medo de perder a segurança que nos sustenta na forma, no *molar*, no pequeno território inventado e conquistado.

Fugimos diante da fuga, endurecemos nossos segmentos, entregamo-nos à lógica binária, seremos tanto mais duros em tal segmento quanto teríamos sido duros conosco em tal outro segmento; reterritorializamo-nos em qualquer coisa, não conhecemos segmentariedade senão molar, tanto no nível dos grandes conjuntos aos quais pertencemos, quanto no nível dos pequenos grupos onde nos colocamos e daquilo que se passa conosco no mais íntimo ou mais privado. Tudo é concernido: a maneira de perceber, o gênero de ação, a maneira de se mover, o modo de vida, o regime semiótico [...] Quanto mais a segmentariedade for dura, mais ela nos tranquiliza (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 119-120).

Na fuga à obrigação retornamos à obrigação como se o problema da Educação, do Ensino, da filosofia, fosse apenas o conteúdo curricular e não o modo com o qual nos relacionamos com o que é produzido num território de aprendizagem. O risco é que na fuga às durezas endurecemos com força igual. Silvio Gallo propõe que as aulas de Filosofia do Ensino Básico se produzam no ‘eixo problemático’ que acaba tendo que lidar com a História da Filosofia e, por vezes, de modo temático. Não por acaso, Gallo também é um admirador da obra de Deleuze e suas conversas, dizendo de seu modo de produzir filosofia e citando algumas obras por ele produzidas. No entanto, por seu texto também atender a um desejo didático destinado a professores que atuam na Educação Básica do Ensino de Filosofia, Gallo não discute de modo a problematizar com mais ênfase a própria obrigatoriedade disciplinar. Neste momento, vale a leitura de um outro trecho de “O que é Filosofia?”, texto também citado por Gallo como referência para o

Ensino da Filosofia e que dispara outros possíveis, ajudado a pensar o papel da filosofia como território potente de produção.

É inútil perguntar se Descartes tinha ou não razão. Pressupostos subjetivos e implícitos valem mais que pressupostos objetivos explícitos? É necessário 'começar' e, no caso positivo, é necessário começar do ponto de vista de uma certeza subjetiva? O pensamento pode, sob essa condição, ser o verbo de um Eu? Não há resposta direta. Os conceitos cartesianos não podem ser avaliados a não ser em função dos problemas aos quais eles respondem e do plano sobre o qual eles ocorrem. Em geral, se os conceitos anteriores puderem preparar um conceito, sem por isso constituí-lo, é que seu problema estava ainda enlaçado com outros, e o plano não tinha ainda a curvatura ou os movimentos indispensáveis. E se conceitos podem ser substituídos por outros, é sob a condição de novos problemas e de um outro plano, com relação aos quais (por exemplo) 'Eu' perde todo sentido, o começo perde toda necessidade, os pressupostos toda diferença – ou assumem outras. Um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação. Há um plano melhor que todos os outros, e problemas que se impõem contra outros? Justamente não se pode dizer nada a este respeito. Os planos, é necessário fazê-los, e os problemas, colocá-los, como é necessário criar os conceitos. O filósofo faz o que pode, mas tem muito a fazer para saber se é o melhor, ou mesmo se interessar por esta questão. Certamente, os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e, sobretudo com nossos devires (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 40).

Esta afirmação implode um território de disputas baseadas na avaliação do melhor ou mais válido para produzir pensamento em Filosofia. Os alunos do Ensino Básico têm direito a produzir suas próprias questões, nós alunos da pós-graduação temos que exercer nosso direito de produzir nossos próprios problemas. Ou melhor, só se produz algo novo quando isso acontece, quando nos damos conta da autonomia dos problemas. Deleuze e Guattari continuam a conversa dizendo sobre o papel do filósofo que tem horror a discussões, porque sendo ele produtor de suas questões já não lhe cabe o exercício de convencimento das massas ignorantes. Mas ao produzir um conceito com o mundo, o filósofo é capaz de produzir outros mundos possíveis disparadores de outros possíveis. Já não se trata de defender um modo melhor de filosofar ou de fazer pesquisa ou de ensinar. Porém, perceber o que estes modos produzem como diferença frente a tanta produção de mesmice curricular. Que corpo?

É por isso que o filósofo tem muito pouco prazer em discutir. Todo filósofo foge quando ouve a frase: vamos discutir um pouco. As

discussões são boas para as mesas redondas, mas é sobre uma outra mesa que a filosofia joga seus dados cifrados. As discussões, o mínimo que se pode dizer é que elas não fariam avançar o trabalho, já que os interlocutores nunca falam da mesma coisa. Que alguém tenha tal opinião, e pense antes isto que aquilo, o que isso pode importar para a filosofia, na medida em que os problemas em jogo não são enunciados? E quando são enunciados, não se trata mais de discutir, mas de criar indiscutíveis conceitos para o problema que nós nos atribuímos. A comunicação vem cedo demais ou tarde demais, e a conversação esta sempre em excesso, com relação a criar. Fazemos, às vezes, da filosofia a ideia de uma perpétua discussão como 'racionalidade comunicativa' ou como 'conversação democrática universal'. Nada é menos exato e, quando um filósofo critica um outro, é a partir de problemas e de um plano que não eram aqueles do outro, e que fazem fundir os antigos conceitos, como se pode fundir um canhão para fabricar a partir dele novas armas. Não estamos nunca sobre o mesmo plano. Criticar é somente constatar que um conceito se esvanece, perde seus componentes ou adquire outros novos que o transformam, quando mergulhado em um novo meio. Mas aqueles que criticam sem criar, aqueles que se contentam em defender o que se esvaneceu sem saber dar-lhe forças para retornar à vida, eles são a chaga da filosofia. São animados pelo ressentimento, todos esses discutidores, esses comunicadores. Eles não falam senão deles mesmos, confrontando generalidades vazias. A filosofia tem horror a discussões. Ela tem mais que fazer. O debate lhe é insuportável, não porque ela é segura demais de si mesma: ao contrário, são suas incertezas que a arrastam para outras vias mais solitárias (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.44).

Não se trata de defender o direito à obrigatoriedade desta ou daquela disciplina num currículo qualquer, mas problematizar a disciplinarização de atividades em qualquer currículo. Tudo se produz como corpo. Que corpo é produzido na obrigação? Um outro corpo obrigação. Contudo, muitas vezes o corpo produzido pela obrigação não é aquele que se pretendia produzir obrigado, mas um corpo que resiste e que tende à fuga. Fuga à cantina, ao banheiro, escorrendo pela cadeira, através das curtidas do *facebook*. Eis o perigo do ressentimento, um corpo produzindo e produzido de ressentimento represa fluxos que só retardam aquilo que já esvaneceu. O ressentido não cria nada de novo, porque só é capaz de criar fixado àquilo que deseja superar.

O Módulo I da Filosofia Pop, aconteceu às terças-feiras, das 18h30 às 21h30, nos dias 19 e 26 de agosto, 02 e 09 de setembro de 2014, nas dependências da Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes – CLA/UNIRIO e se empenhou em discutir a relação entre Arte e Política no Brasil. A arte é uma temática que interessa à disciplina. No entanto, há ainda um desejo de delimitar os territórios para não correr o risco de criar “uma nova

disciplina, que sintetiza as características de áreas distintas” (FEITOSA, 2009, p. 06). Parece que aí salta a proposição de Deleuze ao dizer de uma ‘pop filosofia’ sem desejar transformá-la em algo que se diferencie da filosofia. A filosofia continua a fazer o que tem a fazer, produzir diferença sem produzir diferente em oposição às identidades. “A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10). Ao se referir à arte como produção já não se preocupa com a produção de um objeto para ser apreciado, mas algo totalmente implicado com o modo de produção que é arte, o ato de criação que dobra, desdobra e dobra limites. E a respeito da produção de alguns artistas e a relação com a filosofia, Deleuze e Guattari provocam:

Esses pensadores são filósofos “pela metade”, mas são também bem mais que filósofos, embora não sejam sábios. Que força nestas obras com pés desequilibrados, Hölderlin, Kleist, Rimbaud, Mallarmé, Kafka, Michaux, Pessoa, Artaud, muitos romancistas ingleses e americanos, de Melville a Lawrence ou Miller, nos quais o leitor descobre com admiração que escreveram o romance espinosista... Certamente, eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89).

E continuam:

São gênios híbridos, que não apagam a diferença de natureza, nem ultrapassam, mas, ao contrário, empenham todos os recursos de seu ‘atletismo’ para instalar-se na própria diferença, acrobatas esqueteados num malabarismo perpétuo (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89-90).

Produções de arte que se confundem com filosofia. Ou melhor, que se com-fundem, na fundição, na usinagem, na produção de um novo que ao mesmo tempo não exclui, nem inclui, pois está tudo junto, dispara possíveis que torna indiscernível filosofia e arte. Torna-se condição composicional arte para filosofia e filosofia para arte. A arte se produzindo como filosofia, mas sem desejar ser isso, mas funcionando com isso. Produção de filosofia com arte.

Os primeiros contatos com a obra de Deleuze e posteriormente, com aqueles com os quais ele conversa causa estranhamento, pois sua produção segue linhas que

desterritorializam o que se tem produzido. Suas obras problematizam, definitivamente, o modo de pesquisa e os instituintes da Educação, mesmo aquela produzida fora de uma instituição escolar formal, mesmo que a Educação não tenha sido um tema aparente de sua obra. Porém, é que seus conceitos produzidos neste mundo e com este mundo disparam produção de um mundo outro. Força a pensar uma ação de resistência política aos currículos educacionais que não seja apenas a troca de uma disciplina por outra, mas o radical abandono de um currículo ou desejo de curso predeterminado mesmo que mínimo, local ou particular. Cada um tem direito aos seus problemas. Cada um produz seu caminho. Cada um produz suas questões. Embora a institucionalização queira impedir essa individuação, embora a instituição não perceba que o que produz são individuações. Para além das instituições, junto com as instituições, no entanto, não delimitado pelas instituições.

Clarissa Alcântara, performe pela filosofia, filósofa em performance, entregue aos seus devires, em relação com seus problemas em conversa com Deleuze e Guattari e Gregório Barenblitt e Peter Pál Pelbart e Wladimir Diaz-Pino e Clóvis Domingues e Matheus Silva e Nicolas Corres Lopes e outros mais produz outra questão cara à filosofia e à arte e à ciência: percepção imperceptível da indiscernibilidade de uma obra. Em um de seus trabalhos escrito, primeiro ela apresenta o que Deleuze e Guattari trazem sobre filosofia.

Mas quem é o filósofo? O “amigo do conceito” ou ele mesmo o “conceito em potência”? Ou é o ato de criar conceitos que se investe da potência do amigo, o criador e seu duplo, que só cria porque desconfia do conceito que lhe é dado? “A filosofia não contempla, não reflete, não comunica”, embora se confunda justamente com isto, e “tenha que criar conceitos para estas ações e paixões”. Afinal, quem está criando aí, é um filósofo ou um artista? E que não se suponha um se tornando o outro, isto parece um deboche (ALCANTARA, 2011, p. 114).

Depois, provocando, problematiza:

A não ser que... O quê? A não ser que resistam e se arrisquem a fazer de suas criações singularidades em intercessão: o artista tendo necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição, e o filósofo conservando na criação dos seus conceitos seu

“composto de perceptos e afectos”. Ambos sobre um mesmo plano de consistência, desdobrando pregas, desprendendo o forro, esquecendo o que é dado a um e a outro fazer, para que algo possa dali deslizar, instável incorporal. O conceito é uma *dança de expressão*, a filosofia uma *ópera de palavra*, no jogo de um teatro feito de dessessências: essências desfeitas, em troca de intensidade dos seus movimentos – multiplicidade de variações – lançados para todos os lados (ALCANTARA, 2011, p. 114-115).

Desta batalha ninguém sai impune. Todos são tirados, atirados, postos em movimento, produção de sentido que não tem sentido único a ser repetido ou afirmado. Devir da forma que transforma tudo. É risco, nada confortável ou de antemão determinável e seguro. “Desconfia-se, há desconforto, há desacordo, ultrapassa-se – um pouco à maneira dos gregos –, fazendo não somente do conceito, mas também do artista e sua arte, um sobrevoo no campo de batalha, um ‘pássaro-solilóquio-irônico” (ALCANTARA, 2011, p. 115). O ato mais desafiador é se produzir como aquilo de modo tão singular que nem é mais possível definir um único território, mas invenção de território outro, impossível de ser reconhecido como uma nova disciplina, todavia, uma desdobra território que ora funciona de um modo, ora funciona de outro modo. Sendo que um modo está totalmente implicado ao outro modo, é sempre composição, sobreposição de planos, nunca superação de planos. Ao passo que tal singularidade não se identifica totalmente com nada relativo tradicionalmente àquele território, não é possível dizer sem desconforto que também não seja. “Para que se criem conceitos no lugar e tempo de criação artística, é necessário que essa operação de criação não só se chame filosofia, mas venha transbordá-la sem que lhe possa dar outro nome” (Ibidem). Não se sabe antes do encontro que corpo é produzido. Apenas o encontro revela, não no sentido de retirar algo que encobria outro algo que ali já existia. Na diferença disso, o encontro revela o próprio encontro, algo que só se apresenta na atualidade do encontro. Que corpo é produzido? Clarissa conversa diretamente com a dupla em criação:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (DELEUZE; GUATTARI *apud* ALCANTARA, 2011, p. 115.).

Ao se encontrar em dupla, em performance e filosofia, ela produz uma filosofia em performance e uma performance que não pode ser diferente de filosofia: *corporealíngua*. Mais que defender que assim é melhor modo de produzir filosofia ou instituir que a partir de agora uma disciplina de Performance nos cursos de Filosofia é necessária, é importante perceber o que este encontro produz de novo numa academia acostumada a segmentar e identificar tudo e que até mesmo as ações que tentam fugir disso, acabam correndo risco de produzir armadilhas tão parecidas.

O contato com a obra de Deleuze em companhias declaradas ou solitariamente povoado mostra uma filosofia produzida com muita arte, não apenas porque não economiza em citar e produzir junto de artistas de diferentes áreas como literatura, pintura, cinema. Esta filosofia é comparável a uma pintura ou a um filme ou a um romance. Não é preciso ser douto em conceitos filosóficos nem mesmo saber História da Filosofia para ser tomado, tombado, remexido, virado pela filosofia de Deleuze e Cia. Isso fica evidente como quando uma aluna da Pedagogia, que faz a disciplina Filosofia Pop como optativa, por desejo, diz do seu estranhamento ao ler o texto *A literatura e a Vida* (1997b), no qual Deleuze afirma que daqueles que fazem livros com intenções literárias, “muito poucos podem dizer-se escritores” (DELEUZE, 1997b, p. 08). Nem mesmo é possível dizer que exista algum especialista na obra dele que ao lê-lo, não se transforme em especialista de sua própria filosofia, possuidor de seus próprios problemas, entregue aos seus devires. Mesmo este texto que não era para ser sobre a filosofia de Deleuze, assim como alertou o Professor Charles, ao dizer que a disciplina Filosofia Pop não se tratava de um curso de comentários a respeito da obra do filósofo, acabou por se tornar, na sua feitura, um texto junto à filosofia deleuzeana-de-muitos, vislumbrando os possíveis que uma discussão sobre o conceito de corpo numa disciplina obrigatória põe em devir a Filosofia, a Arte, a Educação e a Aprendizagem. Neste mesmo texto anteriormente citado, Deleuze refere-se a Proust e a operação do devir-outro na literatura:

O que a literatura faz na língua surge agora melhor: como diz Proust, aquela traça nesta uma espécie de língua estrangeira, que não é outra língua, nem um *patois* reencontrado, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a transporta, uma linha de feiticeira que se escapa do sistema dominante (DELEUZE, 1997b, p. 6).

Não se produz uma outra língua diferente ao se fazer literatura, mas no interior da língua, na operação com a língua, a literatura faz a língua devir outra, não sendo possível torná-la diferente identitariamente da língua na qual fora produzida, no entanto, diferenciando-a. Seria possível um acontecimento curricular que produzisse um devir- outro sem necessidade de disciplinar corpos, que não fosse possível identificar com a obrigação e que ao mesmo tempo se afirmasse como produção da academia? Penso. Que corpo a disciplina pensa que produz? Que corpos possíveis a disciplinarização produz para além da disciplinarização idealizada? Que corpo?

Talvez seja muita pretensão produzir algo que seja acessível ou mesmo consumível por qualquer um. O filósofo chama atenção, algumas coisas “passam ou não passam”. O desafio da Educação é não instituir, por melhor boa vontade que exista, o que deve ou não passar, porque isso não garante nada. Ler filosofia como se ouve uma música antes de ser um método para produzir uma pop filosofia é um alerta de que a vida é assim. Devir-outro. Somos produzidos e produtores de pensamento, ora filosofia, ora ciência, sempre em arte. Dizer também que devemos ler livros de filosofia como vemos programas de TV ou um filme também nada garante, pois entre tantos por aí, muitos não convêm, muitos não passam. Contudo, uma linha apontada por Deleuze é pensar que a filosofia não se produz na intimidade de seu território, de seu gabinete, de sua escrivaninha, embora ele não gostasse de viajar muito. A filosofia se produz no encontro de diferenças que só podem produzir mais diferença. E não se trata de tornar diferente a diferença, embora possamos sofrer diversos ataques e necessidades de enquadramento em identidades como pós-modernidade ou pós-estruturalismo, é preciso resistir às reterritorializações que por vezes nos endurecem novamente, espantam os devires.

Problematizar a obrigatoriedade da disciplina Filosofia Pop mais que desconsiderá-la ou tentar mostrar sua incoerência com a produção de Deleuze e suas conversas, é perceber o quanto sua funcionalidade é coerente com o sistema que está aí, no qual ela tenta se produzir como resistência. O perigo é ficar refém do medo e se fixar no pequeno montinho de “pasto comprado para se comer” espantando com isso devires outros que nada têm a ver com obrigações. Não é por acaso que a maioria dos corpos que escorrem e fogem à aula são os submetidos à obrigação e que os corpos mais tesos nos encontros, alegres, sejam os que lá estão por desejo de estar, vindos de tantos lugares outros.

A filosofia produzida por Deleuze provoca a pensar corpos outros em produção e que problematizam radicalmente esta obrigatoriedade que assola o território da educação nas suas mais variadas produções e desdobras. “É que alguns corpos não agüentam mais esses lugares demarcadores de linguagens, enunciados forçados enterrando palavras de ordem feito estacas, lugares que estriam sobre o corpo esteticismos éticos [...]” (ALCANTARA, 2011, p. 12). Mesmo a música mais instigante, o quadro mais provocador, o livro mais interessante para um, pode não produzir num outro o mesmo efeito, quem sabe efeito outro. Propor que se leia um conceito como se ouve uma música é decisório para uma tradição filosófica que se viu inventada sob a égide da universalidade, de uma única História da Filosofia. É revolucionário na medida em que é possível que não se acolha o conceito, não por não ser verdade ou mais válido, mas por não produzir com corpo outro corpo, não produzir com corpo movimento, não produzir vida. A Filosofia Pop pode seguir a linha de fuga que ela mesma produziu e que se produz, em devir outro, para que continue combatendo territórios que desejam controlar corpos, “reduzem suas forças, alienam seus possíveis, castram-no, assopram o buraco da ferida [...]” (ALCANTARA, 2011, p. 12). Não sabemos nada de antemão de um corpo, não sabemos nada previamente de um encontro, por isso é preciso que estejamos atentos a sua atualidade para perceber o imperceptível corpo produzido em produção. A questão que se produz é: que corpo a obrigatoriedade da disciplina Filosofia Pop tem produzido? Talvez seja preciso uma fuga à obrigatoriedade para que componha com ela corpos mais tesos, mais apaixonados, corpos potentes, devir-outro da Filosofia, da Academia, da Educação, da Política, da Arte. Neste momento sou provocado a pensar, que pode a Filosofia Pop em devir-outro?

### **Aula de filosofia põe para pensar currículo em Educação**

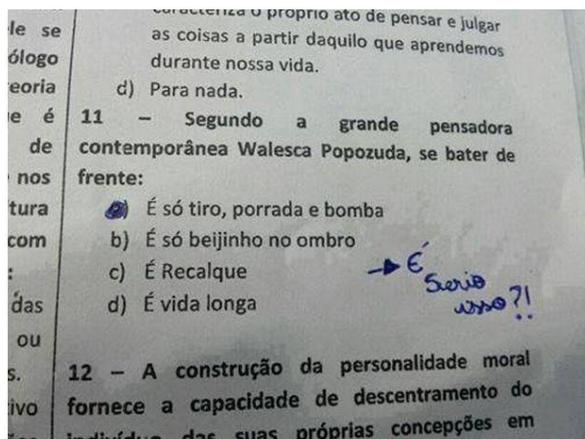
Gilles Deleuze antes de se tornar professor da Universidade de Paris VIII, em Vincennes, França, ministrou aulas no Liceu, algo equivalente ao Ensino Médio e Técnico brasileiros. Sempre que oportuno, teceu críticas ao sistema educacional e ao ensino de filosofia que se praticava naquela época em seu país, muito influenciado, segundo ele, pela lógica do mercado de trabalho. E apesar disso, nunca escreveu uma obra específica a respeito deste tema. No entanto, não parece ao acaso que não tenha se

dedicado a esta empreitada. Deleuze tinha certa aversão que sua produção filosófica criasse “escola”, que para ele, cristalizava e impedia o movimento “A escola é o contrário do movimento”. Aqui ele se referia aos movimentos como os filosóficos ou artísticos que acabavam se tornando escolas enfadas em obrigações institucionais, mesquinhas e burocráticas. “Isso implica acertos de contas terríveis, exclusividades, organização do tempo, toda uma administração. Uma escola é administrada” (DELEUZE, 1988/1996, p. 76).

Porém, num passeio desprezioso por algumas obras suas, recolhem-se alguns ditos a respeito da produção educacional que podem ajudar problematizar não só o ensino de filosofia, mas, sobretudo, a política curricular determinista praticada hegemonicamente por sistemas de ensino. “O que é a afinidade de alguém com um tipo de problema? Parecem-me os maiores mistérios do pensamento” (DELEUZE, 1988/1996, p. 52). Nestes mistérios, nos afinamos com ele na medida em que está preocupado em buscar alternativas que escapem ao juízo de valor, melhor ou pior, o que deve ou não ser ensinado num currículo. “Eu me sinto ligado aos problemas que procuram meios para acabar com o sistema do juízo e colocar outra coisa no lugar” (DELEUZE, 1988/1996, p. 52). Para escapar a isso, Deleuze se apropriou de diferentes produções, como dito anteriormente, desde literatura, pintura e cinema. “Isso é muito importante, não é loucura: acabar com o sistema do juízo” (DELEUZE, 1988/1996, p. 52). E mesmo não se afinando muito aos problemas de Kant, filósofo ligado à tradição clássica, ele entende que este produziu conceitos a partir de problemas muito específicos. Já que a função da filosofia era produzir conceitos, não bastava dizer se o conceito era bom ou ruim, melhor ou pior, mas era preciso ver quais problemas se escondiam por debaixo dos conceitos. “E Kant traz problemas impressionantes, são maravilhas. Ele foi o primeiro a ter feito uma inversão de conceitos impressionantes” (DELEUZE, 1988/1996, p. 52). E por isso, logo depois, o filósofo se mostra incomodado com o modo com o qual a filosofia é praticada no ensino pré-vestibular de seu país: “É por isso que tanto me entristece quando vejo ensinarem aos jovens, mesmo no nível de vestibular, uma filosofia tão abstrata sem tentar fazer com que participem de problemas, que são fantásticos e muito interessantes” (DELEUZE, 1988/1996, p. 52).

Isto faz lembrar um ocorrido recentemente numa prova da disciplina Filosofia de uma escola pública de Ensino Médio de Taguatinga, no Distrito Federal, na qual uma questão propunha que a *funkeira* Walesca (sic) Popozuda era “grande pensadora

contemporânea" <sup>44</sup>, o que provocou grande polêmica nacional. Numa questão de múltipla escolha, o professor usou a música “Beijinho no ombro” desejando que o aluno escolhesse a opção correta que completava a famosa música, para afirmar que Popozuda era comparável a qualquer notório pensador contemporâneo da filosofia.



Reprodução da prova. Fonte: internet

Não sei ao certo se Deleuze está entre os “filósofos contemporâneos franceses” aos quais o professor se referiu para justificar que “aquele que consegue construir conceitos é um filósofo, é um pensador” e por isso a funkeira também o era. No entanto, a filosofia de Deleuze ajuda a pensar algumas coisas disparadas por este acontecimento da prova. Um rápido passeio pelo “O que é Filosofia?” de Deleuze e Guattari ajuda na primeira confusão: não é somente filósofos ou, não é exclusividade da filosofia pensar, produzir pensamento. Outras áreas produzem pensamento e se diferenciam por sua especificidade de produção. Enquanto a filosofia se produz como pensamento por conceitos, a ciência se produz por fuctios ou funções. Já a arte pensa e se produz por afectos e perceptos. Daí, não seria exclusividade da filosofia produzir pensadores. Popozuda não precisa se tornar filósofa ou produzir conceitos para se afirmar como pensadora contemporânea. Ela já o é sendo artista e produzindo-se por afectos e perceptos da música e da dança e da composição etc. Deleuze e Guattari não escondem, ao final de sua obra, a predileção ao território da arte. Talvez eles se entregassem mais ao “batidão” e à sonoridade do beijinho no ombro que à sua conceituação.

<sup>44</sup> Em prova, professor faz provocação e chama Walesca Popozuda de ‘grande pensadora’. Caderno Cotidiano. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1437508-em-prova-professor-faz-provocacao-e-chama-walesca-popozuda-de-grande-pensadora.shtml>. Acessado em 01 de out. de 2014.

Outro aspecto pouco abordado pela polêmica gerada e que salta da questão produzida para prova é o formato usado para aferir o conhecimento do aluno acerca da Filosofia. Uma questão de múltipla escolha com apenas uma resposta considerada correta, como se a filosofia pudesse produzir-se apenas com uma única resposta. Ou que conceituar equivaleria a completar uma lacuna com uma única e verdadeira informação produzida anteriormente por uma tradição escolástica. Era desejo de o professor causar a polêmica e pôr para pensar como se produzia a valoração de um pensador ou pensamento em detrimento de outro. No entanto, ao produzir esta discussão, a questão vaza da polêmica idealizada pelo docente, pondo para pensar outras coisas que lhe escapam, como a clássica supervalorização ou exclusividade do pensamento filosófico em detrimento dos outros modos de pensar.

Continuando o passeio pel'O que é filosofia?, Deleuze e Guattari dão um alerta: “É por isso que o filósofo tem muito pouco prazer em discutir. Todo filósofo foge quando ouve a frase: vamos discutir um pouco. As discussões são boas para as mesas redondas” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 41-42). Já não interessa pensar qual a verdade, ou a melhor verdade. Ou quem é pensador contemporâneo. Mas o que se inaugura com a produção, “que dá a pensar?”. Importante é pensar não qual a melhor filosofia para se produzir na escola, mas como a filosofia vem sendo produzida por escolas. “Um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação. Há um plano melhor que todos os outros, e problemas que se impõem contra outros? Justamente não se pode dizer nada a este respeito. Os planos, é necessário fazê-los, e os problemas, colocá-los, como é necessário criar os conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 40). Defender Popozuda como pensadora contemporânea, desse modo, trata-se de um falso problema. Porque, ao ser produzida, sua música produz perceptos e afectos, logo pensadora contemporânea em modo arte. No campo da arte, ainda seria interessante pensar se sua arte serve para manter as coisas como estão, se está a serviço do Estado, uma questão para a dupla de pensadores franceses, ou se serve para questionar os estados das coisas, que ela põe a pensar? Entre um beijinho e outro, “my pussy é o poder”<sup>45</sup> talvez seja mais revolucionária que “só tiro, porrada e bomba”. Para pensá-la como produtora de filosofia seria necessário investigar quais problemas e quais conceitos foram produzidos por sua música, por sua obra, no entanto, isso não excluiria

---

<sup>45</sup> POPOZUDA, Valesca. *My pussy é o poder*. Disponível em <http://letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1666564/>. Acessado em 21 de Nov. 2014.

o fato de ela já ser pensadora contemporânea. Pensador, neste caso, não é sinônimo, como classicamente se entendia, de filósofo.

É um exercício filosófico interessante este de relacionar problemas e conceitos. Não é mera diplomacia acadêmica que leva Deleuze a mencionar e a dedicar a letra *K* de seu abecedário <sup>46</sup> a Kant. Para além da crítica a Kant ou defesa da superação de sua filosofia ou sua não predileção, o que faz Deleuze é mostrar que aquele filósofo produziu um conceito totalmente implicado com seu problema ao inverter a subordinação clássica do Tempo ao Movimento.

Porque quando o tempo está subordinado ao movimento, por razões longas demais para explicar agora, é o grande movimento periódico, é o movimento de rotação periódica dos astros. Portanto, o movimento é circular. Mas quando o tempo se liberta do movimento e que este passa a depender do tempo, o tempo se torna uma linha reta (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53).

Que Deleuze mostra é admiração à criação kantiana, “É uma criação de conceitos fantásticos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53), apesar de perceber que ela estava assentada num sistema de juízo. “Ele tem um embasamento que me entusiasma, mas o que está construído em cima disso não me toca em nada. Não estou julgando. É apenas um sistema de juízo que gostaria de ver acabado. Mas não julgo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53). Livrando-se da responsabilidade de julgador, o que o filósofo francês mostra é que a criação kantiana possuía problemas implicados com os conceitos que produziu, mas que não lhe causavam afinidades, porque ainda estava preocupada em determinar o juízo ou a crítica como melhor juízo. Deleuze estava ocupado em escapar ao juízo, propor outro modo de avaliação que não fosse o de melhor ou pior e isto interessa muito à Educação.

Deleuze põe outra “coisa no lugar” do juízo, do certo ou errado, do válido e do inválido, do melhor ou do pior: a vida. “Que há de comum entre as duas atividades, a grande filosofia e a grande literatura, é que ambas testemunham em favor da vida. É o que chamei de potência há pouco” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 55). Para ele, as produções dos pensadores de sua maior afinidade, de áreas singulares como arte e filosofia estavam ligados por sua produção ocupada em produzir mais vida, produzir

---

<sup>46</sup> *O Abecedário Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, filmada nos anos 1988-1989. Transcrição disponível <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acessado em 21 de Nov. 2014.

vida possível. Em *L de Literatura*, outra letra de seu abecedário, ele quase confunde as atividades de um filósofo e de um literato, sendo a atividade deste último produzir personagens. Aproxima e desdobra o funcionamento do conceito e do percepto – produção da arte – “O conceito, ao mesmo tempo que cumpre sua tarefa, ele faz ver coisas, está ligado aos perceptos. E o percepto, a gente o encontra em um romance. Há uma comunicação perpétua entre conceito e percepto” (DELEUZE; GUATTARI, 1992,

p. 54). Ele aponta como um lugar de indiscernibilidade não a atividade do literato, que segundo ele, está preocupado com outras coisas que produzir conceitos, mas com a produção dos personagens que se atualizam como pensadores e fazem pensar. Mais adiante no texto, ele funde ainda mais: “O filósofo cria conceitos. Mas acontece que estes transmitem muito, porque o conceito, sob alguns aspectos, é um personagem. E o personagem tem a dimensão de um conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 55). Ele não confunde a atividade de um filósofo com a de um romancista. Até admite que todo grande filósofo é um grande escritor. Mas provoca dizendo que não conhece filósofo romancista, mesmo Sartre tendo tentado sê-lo não deixou de ser filósofo. Deleuze não se preocupa em dizer que se trata de algo melhor ser romancista que filósofo, “porque é como se dissesse a um pintor: ‘Por que não faz música?’” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 55). No entanto, lembra que filósofos como Platão e Nietzsche criaram personagens ao filosofar.

Seguindo mais adiante no seu abecedário, em P de professor, Deleuze fala de sua experiência com as aulas e que gostava delas, mostrando grande dedicação. “Uma aula é algo que é muito preparado” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 70). Ao longo de sua trajetória como professor, em sala de aula, ele diz que cada vez precisava de mais tempo de preparação para obter cada vez menos inspiração. Aqui, vislumbra-se um outro possível para a vida se fazer na Educação. Uma aula ensaiada para criar inspiração, uma longa preparação que teria uma relação inversa com o tempo de sua realização. Deleuze compara esta preparação de aula aos ensaios de uma peça teatral. Nenhum ensaio de uma peça é como a apresentação oficial. E ainda o ator que desejasse produzir o mesmo efeito que aquele do ensaio estaria fadado à falta eterna. Investir na aula como um acontecimento singular, produzir a partir de muito ensaio, mas que estivesse totalmente implicado com sua realização na atualidade, levando a abandonar, inclusive, aquilo por muito tempo ensaiado. Um possível é disparado. “É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 71).

É um desafio outro, pois temos que produzir com aquilo que nos impõem a Educação, um Currículo. Fazer aquilo que nos fascina para que possamos com força de fascinação contaminar. Perceber que aquilo que falamos é disparador de outros possíveis que currículo nenhum daria conta de conter, apesar de muitas tentativas.

Deleuze explica que gostava mais de aulas que de conferências, porque havia uma continuidade e uma descontinuidade entre o tempo-espço que separava uma aula da outra. Enquanto, as conferências se davam em apenas um encontro.

Muitas coisas acontecem numa aula [...] Uma aula é algo que se estende de uma semana a outra. É um espaço e uma temporalidade muito especiais. Há uma sequência. Não podemos recuperar o que não conseguimos fazer. Mas há um desenvolvimento interior numa aula. E as pessoas mudam entre uma semana e outra (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 71).

Fascinante é se lançar neste tempo e espaço do encontro que transforma, muda formas, dá outras formas, disforma, torna forma movimento. Que devir-outro uma aula produz? Uma aula que não precise de um Currículo prévio, mas um currículo, um caminho que fascina e é fascinante e que se produz como currículo. “É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 72). E isto tem a ver com o modo e com o que é produzido e não com que é previamente determinado a ensinar. Porque já não se trata de ensinar algo a alguém, de determinar o que deve ou não ser ensinado, mas perceber que se aprende em sala de aula. Que aprendizagem? Que corpo é produzido pelo currículo, ao caminhar, que nenhuma política curricular pode suspeitar? Geralmente as reformas curriculares são apoiadas em discursos de adequação ao tempo ou às necessidades do tempo. O mercado de consumo, hoje, se tornou a tônica da produção educacional e facilmente se encontra produções criticando esta relação limitante. Mas para além de dizer o que deve ou não ser ensinado, em qualquer matéria há uma infinidade de possíveis de serem seguidos. Nenhuma determinação de um grupo de alunos ou de um sistema educacional ou desejo de um professor pode conter os fluxos por muito tempo sem risco de criar corpos sem vitalidade ou muito distantes do fascínio aqui proposto. O acontecimento de uma aula depende de seus agenciamentos atuais. Quando perguntado sobre sua experiência no ensino médio, Deleuze explica que a primeira escola em que lecionou pôde agir mais livre. Mesmo na última, mais severa, os professores de filosofia possuíam uma certa liberdade e que, inclusive, usou um serrote como instrumento musical numa de suas

aulas de filosofia e todos acharam normal, porque era ele um professor de filosofia. Havia uma permissão, uma maior liberdade relacionada ao fato do antigo professor de filosofia da escola ser considerado “uma espécie de louco, de idiota da aldeia”. Mas que não o impediu também de seguir o currículo porque era “consciencioso”. Um professor como louco. Um professor idiota. Outro possível disparado.

Deleuze ao ser questionado sobre o que se tornaram seus alunos, aponta que muitos deles tornaram-se professores, nenhum se tornara ministro, mas se lembra de um específico que se tornara policial. Não se mostrou preocupado em produzir um sujeito. Seria possível praticar uma educação que não se ocupasse determinar de antemão o que se deve produzir como forma? Eis o papel do Currículo, certificar que aquilo acordado será plenamente trabalhado para alcançar determinada forma desejada. E quando não há forma deseja previamente, público ideal, mas uma longa preparação, um longo ensaio para preparar o corpo para o encontro que produzirá mais corpo, que pode acontecer?

Deleuze diz que não havia diferença nas suas preparações para aulas do ensino médio ou da faculdade, mas que Vincennes lhe reservou um encontro potente quando começou a falar não apenas para estudantes, “eu falava na frente de pessoas que eram uma mistura de tudo, jovens pintores, pacientes psiquiátricos, músicos, drogados, jovens arquitetos, gente de muitos países. Tudo isso variava de um ano para outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 74). Para ele, isso era um exercício pleno da filosofia, se dirigir a qualquer um como a música, que não é produzida apenas para um público de músicos. Esta difusão da filosofia entre não-filósofos não exigia um tratamento especial, nem de estilo nem de linguagem.

Para mim, a filosofia deve ser exatamente igual, dirigir-se tanto a não-filósofos quanto a filósofos, sem mudar. Quando dirigimos a filosofia a não-filósofos, não temos de simplificar. É como na música. Não simplificamos Beethoven para os não-especialistas (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 74).

Uma coisa para muitos e para ninguém. Uma filosofia para filósofos e não-filósofos. Uma literatura para literatos e não-literatos. Uma aula para alunos e não-alunos. Um outro possível disparado.

Outro aspecto observado por Deleuze em suas aulas fora que as melhores questões surgiam entre as aulas, de uma semana a outra e que as interrupções não deveriam acontecer numa aula por não entendimento, pois o tempo para o entendimento não

depende de um desejo consciente de entender. Como uma música, explica ele, “Também é como na música. Na hora, você não entende um movimento, mas, três minutos depois, aquilo se torna claro porque algo aconteceu nesse ínterim” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 75). Isto se torna decisivo para um sistema educacional que se baseia num encadeamento artificial de conteúdos específicos, condicionados de modo sistemático e evolucionista. Como, por exemplo, um currículo de arte que determina que é preciso saber o que se produziu em arte no ano de 1500 no Brasil para depois se pensar sobre o que se produz atualmente como Arte Brasileira. Os saltos não são determinados por um desejo histórico prévio, mas por um agenciamento. Alguém pode estar adormecido para tal assunto e em outro desperta para criação, diz Deleuze:

Para mim, uma aula não tem como objetivo ser entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 75).

Difícil lição esta de ser aprendida pela Educação. Uma educação que convida e é encontro de muitos, como as aulas de Vincennes e, ao mesmo tempo, que não convém a todos, a ninguém. “Não é uma questão de entender e ouvir tudo, mas de acordar em tempo de captar o que lhe convém pessoalmente” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 75). Um duplo disparado pela aula. Que currículo suportaria tal desdobra? Uma aula é emoção, continua o filósofo, e não há lei que determine de antemão a lei do encanto. “Não há uma lei que diz o que diz respeito a alguém. O assunto de seu interesse é outra coisa. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 75). Uma aula feita de inteligência e emoção, sem distinção, mas numa dupla articulação em acontecimento que acorda corpos, que produz corpo, que produz aula que nenhuma lei curricular é capaz de garantir. “Um movimento no qual o ideal não seja ter noções garantidas, assinadas e repetidas pelos discípulos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 76). Um desafio. Movimento e não paradas. Ou melhor, movimento que só faz sentido se houver paradas, paradas que só fazem sentido se houver movimento, então, só movimento. Um currículo que se move. Mas não Currículo Movente. Antes atestar que todo currículo, todo caminho se move. Qual o movimento que esta aula produz? Que esta aula produz? Apenas na produção sabe-se que é produzido. Estar atento aos movimentos da aula que nenhum currículo pode determinar de antemão é tarefa arriscada e talvez, a única saída

para estar atento aos corpos que lá se produzem, aos sonos despertados e às questões produzidas ao longo das semanas.

Deleuze não se preocupou com aquilo que se formava ou com a forma que cada um que lá estava ia tomando. Mas se ocupou com o modo, com o modo solitário, embora povoado, ao qual todos nós estaríamos condicionados. Como viver só, pergunta Peter Pál Pelbart, aluno de Deleuze, em conferência mais atual. Não se seria uma alegria paradoxal para Deleuze saber que um aluno seu segue tão à risca suas provocações? Ele que achou que ninguém gostaria de ser seu seguidor, talvez se surpreendesse com as inúmeras produções que se movimentam junto às dele, com suas mais variadas implicações, roubos e inapropriações. Para o filósofo francês a necessidade de escolas é demonstração assustada dos alunos frente à sua solidão inevitável. “Temos de ensinar-lhes os benefícios da sua solidão, reconciliá-los com sua solidão” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 76).

Ao final da entrevista sobre o P, Deleuze faz uma distinção um tanto interessante a respeito do papel da universidade que teria uma vocação à pesquisa, enquanto o papel da escola técnica seria de produzir para o mercado de trabalho. Diz não saber muito bem a respeito da realidade das universidades desde que se aposentou, mas supunha que os professores “tinham se tornado administradores” e que isso tornava impossível produzir cursos interessantes. Ele apresenta uma perspectiva nada animadora, vislumbrando o fim da pesquisa. Estas palavras de Deleuze parecem fazer eco atualmente, com as universidades e seus professores sendo engolidos por uma produção qualificada e valorados por um parâmetro de juízo, o mesmo atacado por Deleuze, filiado ao kantianismo.

Esta provocação ajuda a pensar a reforma que se ensaia para o Ensino Médio brasileiro. Na proposta atual, o currículo seria dividido em quatro áreas: linguagens, matemática, ciências humanas, ciências naturais, deixando obscuro o lugar de atuação da área de Artes e excluindo totalmente a área da Educação Física, com enfoque prioritário, centralizado, no mundo do trabalho. Algumas críticas são direcionadas a esta reforma, pois ela privilegia a formação para o campo profissional, esquecendo outras vocações que este tipo de Ensino media além da inserção direta no mercado de trabalho. O Ensino Médio também deve preparar para vestibular de ingresso no Ensino Superior, bem como permitir primeiro contato com área da pesquisa institucionalizada, inclusive, já existe

modalidade de pesquisa financiada pelas agências oficiais intitulada PIBIC-EM (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio), para atender tal demanda. Ou ainda, uma experiência sem desejos objetivos de seguir a universidade, entrar no mercado de trabalho ou fazer pesquisa. Talvez ajudar a conviver com a solidão que nos é condição, apesar de muito povoada. Assim, não se trata de uma simples distinção entre ensino técnico ou ensino superior. Interessa pensar, especificamente, neste momento, a multiplicidade em que o Ensino Médio se põe como último estágio do ensino regular básico em nosso país e como sua reforma é desdobra perigosa e sempre presente de um desejo curricular de estancar fluxos através de obrigações institucionais. Por isso é ineficiente determinar, de antemão, o perfil do aluno ingressante nesta modalidade de Ensino.

Em tempo de reforma, é bom pensar as possibilidades que podem ser disparadas e a complexidade a que se está submetido. Daí, antes de determinar qual o Currículo deve vigorar ou a que formação deve atender – inserção no mundo do trabalho, preparação para o vestibular para formação específica para mundo do trabalho ou contato primeiro com a pesquisa institucionalizada de agências de fomento – o Ensino Básico e por isso, Médio pode apostar num território no qual o aluno ao longo de sua travessia possa experimentar, de acordo com seu interesse, todas estas possibilidades ou as que mais lhe convir ou outras tantas que podem surgir. É preciso tempo para invenção, sem prévia manipulação. É preciso espaço para escapar. Ou perceber o imperceptível dos possíveis de escape. Sobretudo, muito importante não limitar, como se tem pensando agora, especificamente na área do trabalho com o risco de não fomentar a área da pesquisa que há muito tempo tem-se tentado fortalecer no país, nem tampouco focar apenas no vestibular, como se tem feito ultimamente com êxito questionável, obrigando jovens a decidirem por carreiras acadêmicas, quando o interesse é a inserção direta no mercado de trabalho ou em áreas especificamente técnicas, como áreas de manutenção de equipamentos ou em áreas que não estão ligadas a nenhuma destas especificidades acima quando não se sabe ainda o que fazer. Uma Educação, um Ensino Básico, um Ensino de Filosofia, um Ensino Médio que não seja planejado de antemão por um Programa ou Currículo ou desejo de professor ou desejo do Estado ou outro qualquer que não seja o produzido entre as aulas, nos intervalos, entre as semanas, entre as matérias, para além das disciplinas torna-se possível. Arrisca-se uma conclusão.

## CONCLUSÃO

Mais que defender este ou aquele Currículo, melhor ou pior, importa pensar, como Deleuze propõe que se faça com os conceitos, a que problemas um currículo responde, sobre que problemas um currículo está assentado? Torcendo ainda mais a Educação e as distinções entre os níveis, talvez pudéssemos investir numa escola básica com menos distinções, como fez Deleuze que não distinguia a preparação de uma aula na universidade e uma aula no ensino médio. Pudéssemos não distinguir tanto as disciplinas por áreas tão delimitadas, nem tampouco fosse preciso criar novas disciplinas, frutos de modismos conceituais ou de uma política policialesca artificializada numa multidisciplinaridade febril, refém de uma política enferrujada de boa-vontade enclausurada numa disciplinariedade ordinária. Não se trata apenas de inventar Filosofia Pop ou Matemática Pop ou Arte Pop. Mas perceber quão pop, o quanto estas matérias podem interessar a especialistas e não especialistas. Perceber o quão pop é matemática, filosofia, ciência, educação física, o quanto elas podem interessar ou não a muitos e a ninguém. Não se trata de modificar a linguagem para tornar mais acessível, mas potencializar os acessos que podem produzir ainda outras línguas inimagináveis, sem desejar para isso produzir forma assegurada por um Novíssimo Currículo. Quem sabe pudéssemos investir na atenta experimentação do contato entre singularidades de matérias e currículos a que estamos sujeitados, para, talvez, descobrir que outras matérias e currículos são possíveis ainda de serem inventados. Ou ainda, que nem disciplinas, nem Currículos são possíveis de delimitar a criação dentro de uma escola, universidade, pesquisa ou vida. Que currículos, que caminhos, que indisciplinas estamos por inventar para inventar mais vida possível na Educação?

Investir na aula como um acontecimento singular, produzir a partir de muito ensaio e que estivesse totalmente implicado com sua realização na atualidade, levando a abandonar, inclusive, aquilo por muito tempo ensaiado é possível. Um professor louco porque não se enquadra aos padrões idealizados e totalizantes a que outros são submetidos. Um professor idiota porque não se iguala a produção rebuscada de uma tradição escolástica qualquer, é possível. Uma aula para muitos e para ninguém. Uma filosofia para filósofos e não-filósofos. Uma arte para artista e não-artista. Uma

literatura para literatos e não-literatos. Uma aula para alunos e não-alunos. Um caminho para o não Curricular é possível.

Não se ocupar em produzir um Sujeito, mas que estivesse pronta para se dessubjetivar, uma prática da educação que não se ocupasse em determinar de antemão o que se deve produzir como forma é possível. Eis o papel do currículo: certificar que aquilo acordado não será plenamente trabalhado para alcançar determinada forma desejada porque é impossível. Pois quando não há forma desejada previamente, público ideal, mas uma longa preparação, um longo ensaio para preparar corpo para o encontro que produzirá mais corpo, acontecimento, possíveis outros são disparados. Uma aula que não tem objetivo de ser entendida. Uma aula como matéria em movimento, como música, em que cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém é possível.

Nenhum Currículo suportaria tal desdobra. Mas todo currículo passa por esta desdobra. Uma aula é feita de inteligência e emoção, sem distinção, mas numa dupla articulação em acontecimento que acorda corpos, que produz corpo, que produz aula que nenhuma lei curricular é capaz de garantir. Corpos sonolentos serão despertados juntos às questões produzidas ao logo das semanas, sem saber, é possível.

Deleuze não se preocupou com aquilo que se formava ou com a forma que cada um ia tomando em suas aulas. Mas se ocupou com o modo solitário, embora povoado ao qual todos nós estaríamos condicionados. Possíveis disparados com o inesperado que os encontros em sala de aula reservam. Diante disso, nenhum Currículo sai impune. E junto a isso, muitos currículos outros são inventados. Assim, movimento e corpo produzem uma educação possível de criar mais vida. Educação com direito a produzir seus próprios problemas e não apenas obrigada a produzir respostas a problemas que não são seus. Um currículo que não responda a nada, mas que tenha potencial para problematizar tudo é possível.

## **REFERÊNCIAS**

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. *Corpoalíngua: performance e esquizoanálise*. 1ª ed. – Curitiba, PR: CRV, 2011.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição (1968)*, tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In.: *Conversações* (1972-1990). Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In.: *Crítica e Clínica* (1993). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* (1991). Trad. de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1* (1972). Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. (2ª Edição) Trad. De Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista a Claire Parnet realizada por P. A. Boutang em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995 pela TV-ART, Paris: Vidéo Edition Montparnasse, 1996. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Ver também em [www.youtube.com](http://www.youtube.com): O abecedário de Gilles Deleuze. E transcrição em <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acessado em 21 de Nov. de 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma conserva, o que é, para que serve?. In.: *Diálogos* (1977). Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FEITOSA, Roberto Charles. *Pensamento "pop"*. Portal Ciência & Vida – Filosofia. 1 de dez. de 2009. Entrevistado por Patrícia Pereira. Disponível em <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/40/artigo157845-1.asp>. Acessado em 19 de setembro de 2014.

GALLO, Silvio. *Chegou a hora da Filosofia*. Disponível em [http://www.educacao.es.gov.br/download/Chegou\\_a\\_horadaFilosofia03062011.pdf](http://www.educacao.es.gov.br/download/Chegou_a_horadaFilosofia03062011.pdf). Acessado em 19 de setembro de 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas – Cartografias do Desejo* (1985). (4ª Edição). Petrópolis: Vozes, 1996.

ROLNIK, Suely. *Quarar a alma*. S/D. Disponível em [http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar\\_a\\_alma.pdf](http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar_a_alma.pdf). Acessado em 10/05/2011.



## QUESTÃO

*O que sou neste instante? Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente. Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Objeto sujo de sangue. Sou um objeto que cria outros objetos e a máquina cria a nós todos. Ela exige. O mecanismo exige e exige minha vida. Mas eu não obedeco totalmente: se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita. Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah como dói e como grita pedindo socorro. Mas faltam lágrimas na máquina que sou. Sou um objeto sem destino. Sou um objeto nas mãos de quem? Tal é o meu destino humano. O que me salva é grito. Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente.*





## UM CIRCO DE ESCOLA: EXPERIÊNCIA E INVENÇÃO<sup>47</sup> PRÓLOGO

Respeitável leitor convida-o, agora, a **exercitar uma torção no entendimento** a respeito de um modelo tradicional de construção de texto acadêmico. Este texto surgiu em experiência singular, nos encontros em oficina de circo, teatro e dança. Mas a sua criação só foi possível graças à experiência com textos antes lidos. No entanto, por se tratarem de leituras muito vivas naquele corpo em oficina, as citações diretas não se deram, mas permeiam por completo as linhas escrituradas. Os conceitos *Repetição*, *Diferença*, ***Pensamento como criação***, ***Aprendizagem como não saber*** e ***Acontecimento*** como experiência singular e não cronológica presentes na obra “Diferença e Repetição” de Gilles Deleuze, de fato, constituíram-se referências para a invenção deste texto, apesar de não se configurarem como citação textual direta para sua elaboração. Assim, estendo também o convite à leitura deste belíssimo texto deleuzeano que muito pode contribuir para a vitalidade da educação e de outras tantas produções como esta, afirmando a **vida como obra de arte**.

O aprendiz por outro lado, eleva cada faculdade ao exercício transcendente. Ele procura fazer com que nasça na sensibilidade esta segunda potência que apreende o que só pode ser sentido. É esta a educação dos sentidos. E de uma faculdade a outra [da sensibilidade à imaginação, da memória ao pensamento], a violência se comunica, mas compreendendo sempre o Outro no incomparável de cada uma. (DELEUZE, p. 159)

### 1. **CORPOS E TECIDOS: O CIRCO CHEGOU!**

O circo chegou à cidade! Diferente de tempos imemoriais, sua caravana não aportou numa carroça com homens sobre animais exóticos, anões ou gorilas, usando a diferença como espetáculo de massa. Ao invés disso, fora anunciado, não em alto-falantes, mas nas redes sociais virtuais. Lançou uma rede, presos alguns conhecidos rostos e tantos novos rostos em encanto. Está é a palavra: Encontro!

Diferente dos espetáculos mambembes financiados pela passagem de chapéu do fim do dia anterior, os recursos são gerados do desejo que gera mais desejos. Encontro de desejos. O desejo que cria arte acoplado ao desejo de fazer arte (Teatro

---

<sup>47</sup> Produção parte do projeto *OFICINAS DE EXERCÍCIOS FORMATIVOS: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação*, financiado pela FAPEMIG, nº 02077-12.

Terceira Margem<sup>48</sup>), ao desejo de fazer arte com política (Lei de Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet), ao desejo de fazer alguma arte com dinheiro dos impostos (ArcelorMittal), ao desejo de ocupar espaços com arte (Prefeitura de Santos Dumont- MG) ao desejo de criar mais arte – todos os participantes das oficinas. Encontros.

Desejos que criam oficina *Artesania Nômade*<sup>49</sup>.

O grupo que vem fazendo palhaçada em fanfarra, a *Fanfalhaça*<sup>50</sup>, traz consigo malabares humanos do *Circo Olímpico*<sup>51</sup>, que já não precisa de animais exóticos ou adestrados. Nem mesmo expor a diferença ao ridículo da espetacularização. Fazem circo do animal indispensável que cria formas e sons, que retorce, contorce, gira e salta; sobre fogo entre os círculos, sob a vara, com objetos: bicho gente. Encontro.

Ainda diferente dos circos memoráveis, que estendem suas lonas coloridas em terrenos quase abandonados, vazios, o local escolhido ou possível naquele momento fora o Centro Cultural de Santos Dumont. Que jus ao nome apenas o centro, pois está localizado no centro da cidade. Lugar cheio de histórias, de significados muitos. Nada baldio, pelo menos ao se tratar de paredes, teto e alguns objetos. Talvez controverso. Lugar onde já passaram ilustres desconhecidos que fazem e fizeram a cidade viver. Onde conhecidas figuras como D. Pedro II ou Henrique Dumont já habitaram. Onde já fora convívio e passagem para o grande inventor e “Pai da aviação” Alberto Santos

Dumont. Onde quinzenalmente, aos domingos, monta-se a banca do “Choro na feira”<sup>52</sup>,

---

48 O Teatro Terceira Margem é uma associação cultural que promove a formação, a criação, o intercâmbio e a fruição artística na área de artes cênicas, com foco na arte de palhaços, no teatro de rua e no teatro em espaços alternativos. Seus trabalhos se constituem em apresentações cênicas, processos criativos e desenvolvimento de projetos culturais e ações em rede. Todas as atividades são formuladas e desenvolvidas a partir dos princípios do trabalho colaborativo, da dedicação artística e da busca pela justiça social. Disponível em <http://idearioarte.blogspot.com.br/p/quem-somos.html> Acesso em 17/03/2013.

49 O projeto realizado pelo Teatro Terceira margem e que pretende implantar uma escola livre de circo e teatro na cidade de Santos Dumont-MG. Serão realizadas: oficina montagem, apresentações e intervenções artísticas e encontros reflexivos. Patrocínio da ArcelorMittal através da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

<sup>50</sup> A Fanfalhaça é uma fanfarra pesquisa cênica do Terceira Margem de Teatro composta pelas palhaças Biju (Júnia Bessa) e Ricota (Poliana Reis) e pelo palhaço Tchano (Cristiano Pena).

<sup>51</sup> O Grupo Circo Olímpico vem se apresentando desde 2000 em eventos e praças com grandes espetáculos. Fundador e diretor do grupo, Romel Gonçalves ganhou prêmios e campeonatos nacionais de ginástica olímpica e acrobática. Trabalhou em parceria com diversos artistas e grupos, como: Kleber Conrado e Marcus Casuo do Cirque Du Soleil, Beto Carrero, Escola Nacional do Circo (RJ) e Grupo Trampolim.

<sup>52</sup> Projeto idealizado pelo músico e educador sandumonense Tiago Guimarães. Iniciado em fevereiro de 2012, leva o estilo musical chorinho, quinzenalmente, às manhãs de domingo da feira livre de Santos Dumont – MG. Atualmente, faz parte da AMA-SD.

com presença ilustre do jovem grupo *Choro Uai*<sup>53</sup>. Agora, cenário para mais uma história que começa a ser vivida. Encontros.

A antiga estação de passageiros de trem (quer coisa mais mineira!?) agora nomeada Centro Cultural, ainda carece de muito cuidado para **passar da Cultura da memória ao cultivo que cria**. As paredes muito amareladas, os pombos corriqueiros disputadores de espaço, o piso muito cimento, muito frio, as cadeiras prontas para serem recuperadas, as instalações elétricas sempre um show de luzes que piscam, o barulho do trem sempre presente. Mas estes nômades, feito gente cigana, misterioso no olhar, de movimentos sedutores traz muito tecido. Diferentes tecidos de texturas de diferentes sentidos.

O galpão amarelo compõe com **o dourado vermelho, o azul prateado, o cinza verde, o marrom laranja, o preto rosa...** quantas cores possíveis de serem inventadas. Arco-íris inventado. No chão, é estendido um círculo colorido impossível de ser descrito, vista a simplicidade dos tons que confundem o costumeiro do olhar. Eu acostumado ver tantas cores, tantas cenas, tantos teatros, **o conhecido tornara-se desconhecido**. Consigo precisar apenas a presença de uma estrela amarela ao centro do círculo, que não marcava o centro da sala, apenas mais um centro possível, que redividia e inventava novas dimensões àquele galpão. Já não abandonado, mas ocupado por sombrinhas, bambolês, tecidos múltiplos em cores e texturas. **Muitas tessituras. Muitas texturas**. Apesar de não haver lona arqueada, estava inventado um novo circo em Santos Dumont.

Para abrir as comemorações e inaugurar os trabalhos outro encontro: “Choro Uai” e suas sonoridades mineiras executadas pelos amigos sandumonses embalam as acrobacias circenses. A Fanfalhaça une-se ao coro do Choro. **Já não é possível dizer o que é ou não é**, são nômades que agora ocupam o território inventado naquele galpão metamorfoseado em picadeiro! E o show não pode parar. Seguem os dias. A alegria dos anúncios dos futuros encontros: seremos nômades em nossa própria terra, pelo menos

---

<sup>53</sup> Grupo de músicos sandumonenses (Alysson de Vasconcelos – Violão; Conrado – Pandeiro; Gabriela Amorim - Flauta Transversal; Luiza Andressa - Sax Tenor; Rafael Yung – Cavaquinho; Tiago Guimarães - Sax Soprano) que trabalham para o resgate e difusão da cultura do chorinho mineiro. Formado desde fevereiro de 2012, sua vida já deu vida a vários projetos culturais e artísticos na cidade de Santos Dumont-MG, desdobrando-se na criação da AMA-SD (Ação em Movimentos Artístico-Santo Dumont). A AMA é uma associação que se desdobrou nos projetos Degusta Dumont, LeiturAMA, Feira com Choro, Doses de Cultura e Arte, Revista Cultural ABAQUAR e Ensaio Aberto. Mais informações acesse <http://www.amasd.com.br>.

até setembro. Até lá, novos territórios a serem ocupados e sobretudo, inventados na velha terra natal nova. Muitos natais se anunciam!

Em dez dias. Uma vez por mês. De abril a setembro. Convite à criação!

Eu já formado. Pós-Graduado. Especialista em desaprovação em processos seletivos para mestrado. Ponho-me a pensar. Não por mim, mas pelos encontros. Posto de férias, a pensar. Pensamento tira férias? Talvez. “Só que não!” Invisível que salta aos meus olhos, que faz pulsar, vitaliza o pensamento. Meio que naturalmente desnaturalizado, preferi não me pronunciar para assim me enturmar melhor. Ficar livre das ansiedades, das expectativas, afinal, aquele era, de fato, um novo encontro para todos. Mesmo porque de circo, eu bem sei ser um ótimo espectador. Gostaria demais saber estar no centro do picadeiro. Mais ouvir e ver que dizer: quanta criança tem a turma da tarde. Porque tem ainda a turma da noite que está lotada. Preferi à tarde, menos pessoas, talvez mais tempo para errar, mais desconhecidos, mais tempo para observar, mais tempo para pensar. Estou cá pensando. E agora, escrevo.

Interessante esta relação com o tempo. Há ali um contra cronos, uma corrida contra o tempo. Não uma mera oposição ou embate entre diferentes que não se entendem. Mas, contudo, afirmação de tempo outro, relação possível com o tempo que já está posto com outros tempos que são despertados: multiplicidade temporal. Aquele que deseja aprender o mais rápido possível, como se já faltasse tempo: repete, repete, repete, exaustivamente. E consegue. Parece que uns já nasceram sabendo, basta a primeira tentativa e, pronto! Tem aqueles que acham que sabem, tentam e conseguem executar o movimento rapidamente, mas por não ter um pouco mais de paciência para um cuidado, logo passam para outro e outro e outro... Saem com a sensação de que nada fizeram. Ignoram, às vezes, possíveis outros sempre existentes no mesmo.

Mas os casos mais interessantes, personagens mais encantadores são aqueles que possuem um charme em anunciar de pronto: eu não consigo. Talvez querendo minimizar futuras críticas, eles tentam e realmente não conseguem. Risos, muitos! No entanto, atentos aos conselhos dos outros artistas – porque, sim, não há professores que ensina o que não sabem, apenas artistas, criadores! – conseguem depois de inúmeras tentativas mais relaxadas e divertidas no aprender e na pesquisa. Já não se importam mais com um possível fracasso, pois já o conhecem. Executar um pequeno movimento que não era possível antes é uma pequena conquista e se torna uma grande comemoração e incentivo para outras mais tentativas.

Percebo uma outra escola que se inventa ali, um circo de escola. Uma escola de circo. Diferente da alta performance ovacionada no *Cirque Du Soleil*. Uma escola marcada por outros tempos, outras performances, um tempo de aprendizado nada progressista e cronológico. Tempos únicos de aprendizagens experienciadas no íntimo, nas pequenas conquistas comemoradas sempre, mesmo que sozinho. Sempre sabendo que aquela cambalhota, aquela estrela, aquela pirâmide humana pode ainda se tornar diferença, tem em si uma multiplicidade. Possui, inclusive, uma forma ideal, no entanto, suas outras tantas possibilidades acabam tornando aquele ideal apenas mais um possível, não a única forma. E o tempo tem dado conta. Mas quem conta o tempo somos nós, sua própria criação.

O tempo de dentro da oficina é sempre atravessado por outros tantos tempos de fora. Não tinha pensado. As portas de nosso picadeiro, que são três, ficaram o tempo todo abertas. Por isso, sempre presente um olhar de alguém que passa saindo do supermercado, voltando do trabalho ou indo ao trabalho; saindo ou indo à escola. Ou curiosos de tantas origens e destinos que mal posso precisar com olhar, mas que por algum motivo de encantamento, desviam seu percurso pensando, e se permitem capturar por aquela produção. Certo é que olhos observando sempre eram constantes. Inclusive, uma prima que encontrei há algum tempo depois, disse:

- Ué, Tarcísio, que você estava dançando lá na estação. Era dança? Perguntei:
- Era dança? Ela respondeu:
- Parecia que você estava dançando. Sei lá... era teatro? Fiquei um tempão lá e você nem me viu.
- É. Tava dançando mesmo. Ainda mais que você está dizendo. Nem eu sabia.

Um circo que era dança. Uma dança que era teatro. Um circo que dança. Movimenta-se. Circo teatro de rua, assim o palhaço da trupe Teatro Terceira Margem, Cristiano, descreve sua proposta. Um circo que era escola. Uma escola que era circo. Uma escola que estava sendo inventada. É, minha prima, mesmo sem saber, descobriu e inventou um teatro e uma dança naquele corpo que eu ainda não sabia existir. Encontros. Mais! Uma escola sem definições prévias.

O mais interessante nesta relação entre **dentro-fora** são aquelas pessoas que ultrapassam o portal mágico e se permitem entrar naquele mundo. Mais interessantes são aqueles que, seduzidos pelos movimentos, pelos aparelhos (malabares em forma de bolinhas, arcos, biroquê, pratos e palitos, e corpo humano) **acabam se rendendo** e começam a praticar.

**Aqui penso mais.** Uma escola que permita a **presença**, a sedução, o olhar, o praticar no **momento em que o desejo diz: SIM!** Um circo! Uma desobrigação. Uma escola em que o nivelamento não é feito, não há nível predeterminado. Como saber meu nível **em cambalhota?** **Que movimento mais eu posso ousar?** Preciso esperar pelo professor para novas coordenadas e exercícios? Ou me **permito o tempo** para admirar o artista **que cria** na minha **presença?** Vamos **fazendo**. Experimentado. Há bastantes artistas atentos, companheiros para servir como base, para dar sustentação às costas no momento de **virar de cabeça para baixo**. Estes novos de fora inauguram sempre um novo começo. **Novas alianças.** Novos encontros de criação. Estar presente desde o primeiro dia de oficina não garante exercício executado com mais facilidade ou maior saber que **o recém chegado**. É que aparecem novos praticantes que na primeira tentativa, *vualá*, estão de cabeça para baixo, sem **esboçar nenhuma força desnecessária**.

Meu caso. Formado há pelo menos três anos na graduação, com especialidade em Teatro e Dança na Educação, umas outras tantas oficinas, espetáculos e aulas técnicas ou técnicas corporais experimentadas. Mas, acredite, **não consigo fazer parada de mão. Movimento que consiste em ficar de cabeça para baixo, com o corpo ereto, apoiando apenas o topo da cabeça e as mãos.** Quer dizer, antes eu **tinha medo de ver o mundo de cabeça para baixo.** Acho que influenciado por vezes na infância quando adultos receosos a algum acidente, diziam ou sentenciavam: “seu **sangue** vai todo para **cabeça**, menino!” Antes fosse! Talvez assim, pensasse melhor, com mais oxigênio, com mais sangue e menos Conhecimento. PENSAR COM A CABEÇA?

**Eu via crianças,** pessoas mais novas que eu, **de pernas para o ar,** sorrindo e repetindo o movimento. **A idade não importa** em nada. Ou talvez importe em criar mais impossibilidade que possíveis. Nem sempre o conselho dos mais velhos são mais sábios. Será!? Eu já não possuía os medos da infância. Aliás, já **havia me esquecido que tive este medo. Lembrei agora,** ao escrever este texto. Lembrei que uma professora, na faculdade disse também que uma amiga atriz usava esta posição como aquecimento, antes de entrar em cena, porque lhe causava pânico e ajudava a ficar mais atenta. Curioso, né!? Bom, nem lembrei disso quando tentava o movimento. **Eu não conseguia**

agora porque não encontrava meu centro de equilíbrio, centro que sempre ouvi existir, mas que ainda não havia conseguido encontrar. Mas numa das repetições, algo aconteceu, e o que eu sabia há algum tempo, que já era conhecimento, informação dada, o corpo inventou. Consegui perceber, inventar um modo de elevar minhas pernas enquanto apoiava minha cabeça e mãos no chão, sentindo tensionar, acionar os músculos do abdômen. A sensação indescritível da invenção há algum tempo não experimentada. Alegria, alegria!

A partir daí, percebi que quando ouvia de alguém uma reclamação de que não sabia fazer alguma coisa repetia, quase o mantra, instantaneamente: – Você não sabe, mas pode inventar. Você não sabe até conseguir. Você não sabe até saber que sabe.

Percebi que mesmo as tentativas que nem sempre faziam surgir os movimentos pretendidos, acabavam com uma boa pose cômica, meio envergonhada, mas sempre divertida. Alegre. Sorrisos. E mais sorrisos. E claro, muita invenção. Inventou, por acidente, o palhaço Desajeitado! Nesta escola parece que tudo é inventado, mesmo uma outra frustração. Claro. Porque há um desejo de não soltar os aparelhos, de zoar o colega, de conversar com o amigo há tempo conhecido, de burlar algumas regras na hora do lanche. E com muito jeitinho:

- Atenção! Hora de mudar de aparelho e guardar tudo!

- Vamos, novos grupos, você pra lá e você pra lá. Acho que você pode ajudar mais aquele grupo, tá conversando demais com sua coleguinha.

A frustração inicial é também um outro convite a pesquisar novas relações.

Uma escola que tem tempo e para, sem programar, para falar de gênero e sexualidade, com urgência do tema, com naturalidade:

- Vamos juntando nosso figurino. Maquiagem... batom, lápis, podemos pedir para mãe. Diz o palhaço.

Alguns garotos riem, outros se espantam, outros aguardam:

- Mas batom!? Como vou pedir para minha mãe. Provoca um garoto.

Mais provocador, e naturalmente palhaço, delimitando pouco a cena da vida cotidiana, o palhaço responde:

- Este batom, foi minha mãe quem me deu. Fala que é para o teatro.

Basta saber que pode ser o teatro da vida. Continuam as apresentações. O palhaço mostra seus objetos, sua grande mala cheia de objetos e histórias recolhidas em muitas viagens. Histórias-objetos. Ou objetos-histórias. Mas nada de objetos históricos. Com serenidade e arte ao falar, ele encanta com cada objeto que é mostrado. Parece re- viver aquelas histórias guardadas em tantos objetos. Viajamos com ele a Portugal e sua cartola, a Juiz de Fora e sua mala, à amizade e sua gravata, ao colete e a falta de dinheiro, mas muito talento da costureira de Lima Duarte. A palhaça faz o mesmo, e procura com tamanha vivacidade a blusinha azul e amarela, presente dado pelo palhaço. Cada objeto tem um significado, uma história. Objetos que podem custar no brechó da esquina, um ou dois reais, mas que para eles é de incalculável valor. Nada é supérfluo, tudo necessário, encontro de vida! Uma escola onde tudo é necessário. Penso.

Mesmo a duração de 3h por dia não precisa ser tão precisa, porque em 1h há tantas horas para serem inventadas. O tempo é alongado à eternidade. É encurtado a segundos. Tudo ao mesmo tempo. Quando fazemos algo que nos é interessante, o tempo como cismam em re-conhecer com segundos, minutos e horas parece não fazer sentido. Passamos a controlar o tempo, dividindo-o em o que ainda não fiz e o que ainda tenho a fazer. Parece que sempre temos mais tempo. Parece que sempre falta tempo para fazer mais. Tudo ao mesmo tempo.

E no meio da oficina, começamos a pensar sobre o que podemos apresentar para celebrar o convite recebido junto ao *LeiturAMA* e ao Choro Uai!. A proposta é investigar possíveis composições cênicas partindo dos exercícios por nós pesquisados. E o que poderia parecer dificuldade – o pouco tempo para ensaios – torna-se potencialidade – tempo para criar! Uma escola que não é pensada como fim, como produto pronto, mas sempre pronta a mostrar-se, porque sempre produz. É produção de produção. Produção que não se assemelha ao produto final, mas ao prazer de produzir. Quando se produz, é sempre possível ver algum produto, apesar de nem sempre está pronto, ou apesar de sempre estar pronto a se tornar outro, jamais o mesmo.

Temos jogo de futebol com trave humana e troféu menina. Temos uma cozinha de malabares saborosos e artistas famintos de criação. Temos uma pirâmide humana de pratos giratórios. Grupos misturados nos quais a diferença é sempre presente e a afinidade é inventar. Novas conjunções e possíveis de composição. Afirmção do rizoma criativo e não de uma árvore genealógica artística com raízes fixas. Rizoma, raízes nômade, em redes lançadas e fecundos encontros. Chama atenção o grupo que mistura acrobacias com manipulação dos malabares pratos. A orientação primeira do

artista era usar o que havíamos pesquisado. Todos os grupos foram competentes em suas apresentações. Mas este grupo me chamou a atenção pela mistura, sem orientação prévia, das habilidades pesquisadas. Criaram um número (seria isso possível na matemática?) que fora além das primeiras pesquisas, executaram manipulação compartilhada de aparelhos, se ajudavam na formação da pirâmide e, logo, manipulavam os pratos nos palitos, para então, tomarem seus lugares na pirâmide. Interessante notar também que se tratava do grupo formado pelos participantes mais jovens, sem presença de um adulto.

Uma escola onde é possível inventar números. Uma escola onde a etapa é construída na própria etapa. Uma escola onde existem apenas inícios, inúmeros inícios. Ou processo. Uma escola sempre em processo na qual não há fim de processo, apenas efetuação do processo de invenção que logo dá início a outro processo.

Uma escola de portas abertas, pronta para receber quem está fora e deixar sair quem está dentro. Uma escola sem compromissos pré-fixados, senão com a criação. Uma escola sem tempo ou com tempo único, marcado pela sua própria gênese. Invenção que ora acelera, ora desacelera o tempo cotidiano, que permite inventar inúmeros tempos. Uma escola que não tem muros, que demarca espaços, mas que sempre tem espaço para inventar novos espaços. Uma escola feita de circo teatro de rua dentro do Centro Cultural para fora. Um teatro de rua dentro da sala para fora da rua. Um teatro, um circo, uma rua, um galpão, um centro cultural, um espaço cênico feito de gente. Gente feita com muita arte. Uma escola inventada em artesanaria nômade de gentes.

Termino este texto me preparando, talvez, para outro. Depois da ocupação e invenção do espaço Centro Cultural, uma nova performance anunciada convida a pensar. Quando os nômades forem embora, recolherem seus tecidos. O que o vazio deixado pode dar vida? Como outra ocupação espacial é possível para receber de volta os nômades da nossa terra? É tempo de invenção.

Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (Ideia), ao passo que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções. (idem.)

## 2. DEPOIS DO FIM OUTRO COMEÇO

Apresentado à Qualificação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPGE/FACED/UFJF, em março de

2014, a membro da banca Prof<sup>a</sup>. Doutora Clarissa de Carvalho Alcântara, sensível, nômade, produção de produção, aceita os possíveis de leitura convite que nem sabia ter feito e inventa, numa escavação, outro texto dentro do texto, abrindo texto. Antes da cortina cair e do acampamento ser desfeito e seguir viagem, convido a uma outra leitura, agora dos trechos destacados. Quem sabe ficamos por aqui, quem sabe viagens por vir...

Obrigado, respeitável público sempre inventivo. Obrigado!

### **3. REFERÊNCIA**

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

*O que estou te escrevendo não é para se ler – é para se ser.*





## **Que isso tem a ver com Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores**

Como a aranha ajuda a ensinar? A teia é o objeto da aranha. A aranha tece sua teia a partir da produção de fios de seda pelas diversas glândulas (existem 7 tipos, que nunca ocorrem na mesma aranha), localizadas no abdômen do animal. Ela começa a tecer com um fio horizontal, que vai sendo eliminado ao mesmo tempo em que vai sendo transportado pelas correntes de ar. Quando a extremidade livre encontra uma superfície, a aranha estica o fio e o prende numa extremidade oposta. A partir da metade desse fio ou de outro, que ela tece paralelamente, a aranha desce numa linha reta, esticando-o e tecendo outro fio, na vertical. Forma-se então uma estrutura que lembra a letra Y. A seguir, a aranha pode acrescentar novos raios, sempre do centro para a periferia. Depois, ela começa a construir uma espiral provisória do centro para a periferia no sentido horário. Depois, da periferia para o centro e no sentido anti-horário, a aranha começa a tecer a espiral definitiva, denominada de espiral de captura. Um tecido captura. Enquanto tece esta última, ela desfaz a espiral provisória; ou então ela pode tecer a definitiva entre as voltas da provisória e no final desmanchar esta. Finalmente ela constrói um refúgio no centro da "renda", onde fica abrigada à espera de sua presa.

Desde o início da pesquisa, havia um desejo de afirmar uma outra possibilidade de formação, problematizando uma fixidez de uma forma Ideal para professor. Mas risco era questionar uma formação e como resultado produzir um outro modelo que desejaria a fixação, impedindo o fluxo de criação. Interessa ao Estado produzir um método, um modelo, uma forma segura e reproduzível para qualquer coisa. Em relação à forma professor não seria diferente.

Este trabalho serve como problematização deste fantasma que se tornou a Formação de Professor sob a égide das graduações ditas Licenciaturas. Não há garantia de que um formado em licenciatura seja um professor. Isto porque, ser professor é antes uma função, não um título. Ou não? Função esta só possível de se definir na relação de seu contemporâneo. Deste modo, afirmar como possibilidade a formação de professores, através da problematização da formação desejada dos cursos de licenciatura, é limitar uma produção que interessa apenas a um organismo, a um Estado produzido e produtor e produzindo para se manter como tal.

Porém, destituir as licenciaturas de sua vocação para formação de professores, o que seria até interessante, também não resolve a questão, caso não se perceba outros possíveis de formação, inclusive nos cursos de licenciatura, sempre prontos para serem outro e outro e outro e e... que se formam no fluxo de vida que inventa função de professor não fixada num sujeito detentor do saber em oposição ao ignorante aluno.

A teia é o objeto da aranha. Não aprendemos com a teia. Não aprendemos com o objeto. Aprendemos em movimento aranha. Tomemos cuidado para não ficarmos presos nas teias. Tomemos cuidado para não nos prendermos por muito tempo às teias. Tomemos cuidado para não ficar muito tempo admirando a teia enquanto a aranha arranha jarro. Tomemos cuidado para não ficarmos no objeto quando é o movimento que produz, mesmo que o movimento esteja no objeto. Tomemos cuidado para não fixar na teia, porque a aranha é rápida e faminta. Ela está atenta ao movimento da teia e o bote pode ser certo, o veneno pode causar desde dores fortes, priapismo, necrose de tecido ou até morte do organismo. Atenção de aranha. Não presos na teia.

Problematizar a formação de professores em cursos que desejam uma forma Ideal de Professor é afirmar que nenhum curso ou modalidade de graduação é capaz de dar seguramente conta do acontecimento que é a aprendizagem. Não existe nenhum curso que forme professores. Assim como não existe um curso que forme artista ou físico ou matemático. “É parar de repetir e começar a inventar”. Isto o Doutor Arthur Ávila Cordeiro de Melo, da dita Matemática Pura, ganhador da medalha *Fields* descrita como o prêmio Nobel da Matemática, disse quando perguntado sobre como aprender Matemática ao mandar um recado aos Educadores Matemáticos que, às vezes, se rendem aos modelos de como Ensinar Matemática. Ávila é, hoje, mais conhecido e reconhecido, que muitos de seus professores da dura Matemática, assim como Deleuze o era quando defendeu seu doutorado na efervescente Paris de 68. Os dois, em seus modos, inventam outro território daquele território que foi capaz de inventá-los ao deixar de repetir, desterritorializando o esperado. Há inúmeros cursos possíveis para trajetórias e travessias na formação de professor, como um rio que corre para dois lados ou múltiplos lados, de margens feitas e desfeitas e feitas pela relação do curso das águas e leito do rio; pelo leito das águas e o curso das margens e e e...

Todos os encontros expressos nos relatos cartográficos que seguem neste trabalho, que não se limitaram ao território tradicionalmente determinado para Educação, provocaram a pensar que numa relação na qual não há o desejo de ensinar, ou melhor, provocam a afirma que é impossível ensinar determinada Coisa por determinado Sujeito que deseja determinar outro Sujeito. Impossível determinar quem é o sujeito professor antes da relação de aprendizagem; impossível, imprudente e impotente. Mesmo porque Sujeito do Conhecimento é uma Ilusão, pois só há acontecimento de aprendizagens, aprendizagem e não Ensino de Algo, produzido por um Eu, destinado a um Outro. Na aprendizagem só produção outra. Produção de relação que produz professor e produz

aluno e deixa difícil distinguir professor de aluno. Assim, dizer Formação de Professores é quase impossível, muito arriscado.

Isto se torna radicalmente perigoso para uma organização, para um organismo da Educação que deseja determinar, de antemão, os ignorantes e os doutos. Ao passo que afirmar que é a relação que inventa formas e mata forma Ideal de Formação de Professores e por isso, de Professor, desliza uma linha de fuga criativa que violenta pensar o impossível da Educação. Uma formação esquisita para os moldes que se esperava. Uma Educação bricoleur atenta aos fluxos de criação que associa livremente tudo, na produção de vida possível. Educação *esquizita*.

A professora na teia. A professora que pensava ter que aprender para ensinar. Pêga nas teias das casas abandonadas e miticamente assombradas do Aprender-Ensinar ou no entre os móveis de quinquilharia do Ensino- Aprendizagem. A professora que aprendeu aprender para ensinar. A professora que precisava aprender um objeto para ensinar. Ao chegar em sala de aula, a professora, depois de ter aprendido para ensinar, tenta ensinar, acha que ensina, se perde. A professora tenta ensinar como acha que aprendeu. A professora ensina a fazer o objeto como aprendeu. Se o aluno faz como a professora tentou ensinar, *voilà*, bote certo da viúva negra, que mata seu amante ao sugar todos os líquidos, fluidos e fluxos de vida para ovulação. Depois, morte do amante. Os alunos não aprendem a fazer o objeto da aula. Aula tem objeto? O aluno não faz como a professora tentou ensinar. O aluno não sabe fazer como professora. O aluno faz como aluno, aprendendo. A professora faz como professora, ensinando. O aluno não faz do mesmo jeito da professora o objeto da aula. Aprendizagem. O objetivo da professora não é alcançado. Mas o aluno, ao não aprender o que professora tentava ensinar, faz outra coisa. Outro objeto? Não. Pegando alguma coisa entre o que a professora pensava ensinar, o aluno aprende a fazer outra coisa, no mesmo objeto que a professora pensava ensinar e que se torna outro.

Estaria, então, propondo o fim da licenciatura, o que poderia, a priori, provocar um sucateamento ainda maior da Educação Básica do Brasil, já que qualquer um poderia se tornar professor pela relação? Não. Não se trata de propor o fim da licenciatura. Mas antes afirmar que sua forma não garante sucesso àqueles que estão na Educação e assumem uma tal função de professor. Talvez esta forma seja mais uma responsável pelo fracasso ao que nos acostumamos na Educação, pois hegemonicamente tem-se apostado na imagem de um professor heroico ou vilão. Afinal, não é isto que ouvimos naquela propaganda midiática das Organizações da Mass Mídia, *Todos pela Educação*, que diz que a “a base de toda boa educação é o professor”? Também não se trata de uma

proposta de reforma curricular ou modelar da pedagogia dos cursos. Quem sabe se a reforma violasse os pressupostos educados que vigoram atualmente ou violasse, de tempo em tempo, num tempo não determinado por nenhuma Política de Estado, sua disforma e forma e disforma e forma e e e...

A crise que parece se instalar no território da Educação, curiosamente, só é possível e só é produzida por aquilo que deseja sua cura. Cria-se o tal mal-estar docente, o fracasso escolar do aluno, a evasão, os Transtornos de Déficit de Hiperatividade e Atenção, as lutas trabalhistas de valorização do magistério. Tudo isso resultado de um Totalitarismo Educado, de uma Universalização formatada, de um Ideal e de uma Ideologia para Carreira do Magistério, para filiação do Aluno. Um duplo: escola como direito, Escola como dever, como impossibilidade de escape. Normatização. Porque sim, a mesma lei que garante Escola para todos é a que obriga todos passarem pela Escola, sem escolha, sem fuga. Duplo.

Este trabalho está longe de desejar programar Políticas Públicas de Educação, mas se afirma enquanto política de Educação de desdobra ética e estética e econômica. Tampouco, propõe novas Políticas de Estado, antes é desdobra delas e deseja problematizá-las sempre. Na escolha entre cursar ou não uma licenciatura para complementar a formação de bacharel e, enfim, tornar-se um Professor Licenciado, desterritorialização... encontro abrigo na licença poética possível para estar na Educação. Na clandestinidade educada. Inventando outros possíveis para assumir a função de professor ou para destituí-la, inventado outros possíveis para Educação, para estar à altura do Acontecimento da Aprendizagem, no encontro em formação.

Curiosamente, das quatro mulheres que fazem parte da banca de qualificação de Mestrado em Educação deste trabalho e, com as quais tive relações no território da Educação e, todas assumindo a função de Professoras institucionalmente, apenas uma possui formação básica em curso de licenciatura para a disciplina que trabalhara; uma possui licenciatura em outra área e as outras duas não possuem licenciatura.

Talvez isto provoque ainda mais a pensar na potência do Acontecimento da Aprendizagem que não depende de uma formação específica de um Sujeito que assumirá uma função, mas de um desejo do espaço de se inventar nos encontros, para produzir vida possível na Educação. Para o Estado atualizado nos Cursos de Formação de Professores isto se torna uma questão fatal.

Diferente de propor uma artificialização das práticas educacionais, como um tal currículo aberto em oposição a um currículo fechado, flexibilização dos horários em oposição à grade cronológica, invenção de novas disciplinas em oposição às tradicionais, formação continuada e cada vez mais específica para professores, desejando uma apropriação mais completa acerca dos temas, educação em tempo integral em oposição ao meio turno; este trabalho se afirma como problematização das formas, atenção aos fluxos que as compõem e que produzem linhas que potencializam invenção de outros modos da formação se fazer como potência de vida afirmativa, sem se limitar à Formação de Professor.

É claro que as Políticas de Estado praticadas pela Educação propõem desdobras éticas e estéticas e econômicas transformadas em salários totalmente desproporcionais a trabalhadores com mesmo nível de formação acadêmica de outras áreas. Para valorização do Profissional da Educação, uma infinidade de cursos lhe é oferecida, já que sua função é muito complexa e os estudos básicos não dariam conta de um aprofundamento em áreas tão diversas que compõem seu currículo, como História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Língua Portuguesa. A Educação se vitaliza por ser encontro de tanta diferença, no duplo, engolida pelo buraco negro-muro branco da incompletude idealizada. Talvez por uma massificação da Escola, nunca se precisou tanto de Professores formados na História do Brasil. E na busca para agregar valor de mercado, apoia-se numa Política de Formação Continuada que sobrecarrega o trabalhador e dá a falsa impressão de que ele sempre precisa estar em Formação, não numa disforma da formação para formar forma outra que disforma e forma e disforma e e e... Na mesmice disso tudo, busca alucinada por uma Forma nunca alcançável.

Num outro duplo, as Políticas de Estado privilegiam a Formação Acadêmica, a dita Formal, em detrimento ao tempo e à dedicação às atividades ligadas ao exercício das funções de professor. Os triênios e biênios vêm sendo substituídos por mestrados profissionais à distância cada vez maior de uma realidade. Estas Políticas Estatais aprisionam a função de professor numa forma Ideal de Professor sempre Incompleta, ou ainda, aprisiona todos numa forma Ideal de Aluno, pois todos são produção de uma desdobra econômica refém de um mercado que deseja produzir e consumir uma forma Ideal. Aprisionam todos numa forma Ideal e infinita de Aluno, sob o clichê “estamos sempre aprendendo” sob a égide do acúmulo de Saber, fruto de um processo

artificializado, de uma intensificação doentia, na qual a diferença não se produz. A relação se fixa numa Identidade adoecida e mensurada por títulos acadêmicos.

O aluno faz outra coisa com o que a professora pensava fazer uma coisa só. O aluno traça linhas entre as linhas da professora. Emaranhado de linhas. Professora amarrada? Talvez. Mas a fuga é sempre possível ou é sempre preciso. Há tantos fios na meada. Professora emaranhada na teia dos possíveis. Aluno emaranhado na teia dos possíveis. Outras relações possíveis. O aluno aprende ao aprender outras coisas, ignorando que é preciso aprender para ensinar. O aluno ensina ao aprender. A professora que pensava aprender para ensinar aprende ao ver o aluno aprendendo. A professora que pensava precisar aprender para ensinar aprende que é possível aprender aprendendo. Aprende a fazer outros possíveis entre as linhas que tentava prender para ensinar. Ensina aquilo que nem sabia fazer. Porque não é o objeto que o aluno apreende, mas aprende no movimento produzido pelo objeto. Movimento que inventa objeto no emaranhado de linhas. Objeto que se inventa em movimentos para inventar outro objeto. Mas é que aula nem tem objeto, aula tem movimento, movimento de linhas, de emaranhado de linhas que ora amarra, ora embaraça, ora escapa, escorre e corre pela sala na alegria do movimento de aprender. Nem precisa ensinar. Professora em movimento aluno. Professora em devir aluno. Aluno em devir aluno. Professora e aluno aprendendo enquanto aprendem. Emaranhado de aprendizagens<sup>54</sup>.

Até mesmo esta tentativa de dizer função de professor e função de aluno se problematiza. Pois se não há aquele que ensina para aquele que aprende, mas todos aprendizes, todos ensinando, dizer função pode ser inócuo. Ou dizer somos todos aprendizes, todos alunos, pode ser fatal e afirmar uma Política da Falta, da Incompletude perversa. Mas na diferença disso, aqui é uma tentativa de acentuar que a função só existe na relação, não é determinada por uma forma anterior ou pressuposta. Daí mais que perguntar como se formam professores poderíamos nos debruçar na questão: que formas se formam em formação? Que formação? Assim, um na função de aluno, torna-se tal na aprendizagem; um na função de professor torna-se tal na relação outra, apenas determinada pelo aluno, por aquilo que pensa aprender, mas que já não é um sujeito que diz que aprende, mas algo que aprende aquilo que se aprende daquele na função de professor, que talvez, nem sabia ensinar.

---

<sup>54</sup> <sup>54</sup> Este texto é provocado pelo encontro em oficina disparada por Nina Veiga e Sônia Clareto, intitulada *Rede Sol*. Esta atividade aconteceu no dia 08 de maio de 2014, no NEC/FACED/UFJF, das 16h30 às 19h. Uma das etapas do Projeto OFICINAS DE EXERCÍCIOS FORMATIVOS: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação. Projeto FAPEMIG Registro nº0207712.

É preciso continuar a luta por valorização de salários daqueles na função estatal de professores, principalmente dos da Educação Básica, pelo aumento de investimento em Pesquisas e Formação de todos aqueles que estão em sala de aula, nas Escolas, em todos os níveis de Ensino, uma questão de Política de Estado. No entanto, é preciso estar atento às relações que se produzem no território da Educação que não se limitam à sala de aula, nem a uma Política de Estado Escolar, liberando possíveis que escapem à hegemonia, afirmando que educação não pode ser aparelho de Estado, quem sabe potencializadora, liberadora e inventora de estados outros. Multiplicidade de estados do ser como anunciou Nise da Silveira, questão de política de saúde pública.

A resistência e a criação também devem estar atentas a outros aspectos que compõem a Educação, às vezes segmentados em linhas de pesquisa artificialmente separadas e que parecem não se cruzarem, mas que fazem parte de um emaranhado existencial de dobra e desdobra que fazem de nosso trabalho um exercício de criação de vida, não apenas de sobrevivência ou de adequação ou de sobrevida limitante. É um ato político que se abre a outros possíveis da vida se fazer na Educação com desdobra ética e estética e econômica. É preciso escapar da posição de professor como ressonância do Poder do Estado. Porque sim, a Formação de Professores é uma Política Estatal bem sucedida na Educação, pois o Professor é engolido pela aparelhagem do Estado que deseja sujeitos bem formados, é inebriado pelo altruísmo do slogan da propaganda “a base de toda boa educação é o professor”, sucumbindo e recorrendo ao organismo da opressão da nota, da significância da prova final, da subjetivação do bom Aluno ao fazer de tudo para se tornar o bom Professor. Pior é quando este recorre à outra significância mais perniciosa nestes tempos, difícil de combater: Édipo Escolarizado nas lições “Pais brilhantes, professores fascinantes”. “Mas como é estranha essa mania freudiana de reportar a Édipo o que o transborda por todos os lados, a começar pela alucinação dos livros e pelo delírio dos aprendizados (o professor-substituto do pai, o livro-romance familiar...)” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.156). Logo, se a tal Família está destruída (porque nunca existiu), a Escola está fadada ao fracasso e o Professor, ufa, morreu...

O termo pedagogia tem origem na Grécia Clássica vindo da junção de paidós (criança) e agodé (condução). Pedagogos eram escravos que conduziam os meninos até

*paedagogium*<sup>55</sup>. Desde seu mais arcaico surgimento, a Pedagogia se fundamenta na condução do cidadão e está totalmente implicada com a produção e manutenção de um Estado. De escravo de um processo à formação de escravos de processos, a Pedagogia como função que conhecemos hoje, profissional responsável por assuntos relacionados à Educação, generalizou-se na Europa Ocidental a partir do século XVIII, não por acaso, junto ao fortalecimento dos Estados-nação. “O que se denomina Estado-nação, sob as formas mais diversas, é precisamente o Estado como modelo de realização. Com efeito, o nascimento das nações implica muitos artifícios: é que elas não se constituem somente numa luta ativa contra os sistemas imperiais ou evoluídos, contra feudalidades, contra as cidades, mas elas mesmas operam um esmagamento de suas ‘minorias’, ou seja, de fenômenos minoritários ou que se poderia chamar ‘nacionalitários’, que as trabalham de dentro e que quando necessário encontravam um grau de liberdade maior nos antigos códigos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 167). Seria possível algo diferente de “Brasil, Pátria Educadora”? Por que não mátria ou frátria educadora? Seria possível um Estado não pedagógico? Seria possível uma educação não estatal?

Se Deleuze e Guattari já não podem ser chamados de marxistas, discípulos de Karl Marx, é porque esgotam os possíveis da fixação que se tornou a filosofia dele, “dir-se-ia que o capitalismo desenvolve uma ordem econômica que poderia passar sem o Estado”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 164). E se não podem também ser considerados anticapitalistas é porque abusam da teoria do capital e empreendem uma outra luta capital, desnudando as complexas relações entre capitalismo e Estados já existentes, seja “social-democracia”, “totalitarista”, “nacional-socialismo (fascismo)” ou “socialista burocrático”. “Com o capitalismo, portanto, os Estados não se anulam, mas mudam de forma e assumem um novo sentido: modelos de realização de uma axiomática mundial que os ultrapassa. Mas ultrapassar não é de modo algum passar sem...” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 164). Suas atenções se voltam contra a estratificação das relações, contra as capturas do aparelho de Estado e sua relação com o capitalismo que produz *proposições indecíveis* – que não são meras incertezas consequentes de todo sistema – mas a afirmação da inseparabilidade do que o sistema produz e ao mesmo tempo lhe escapa, em linhas de fuga conectáveis, “... cabe à desterritorialização de Estado moderar a desterritorialização superior do capital e fornecer a este

---

<sup>55</sup> *Pedagogia*. Disponível em <http://www.ufpi.br/parnaiba/index/pagina/id/2081>. Acessado em 08 de jan. de 2015.

reterritorializações compensatórias” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 165). Eles evidenciam outro perigo, o qual a estatização não seria mais a saída como fora apontada por modelos econômicos passados, mas na diferença disso, a perigosa captura estatal aliada à produção axiomática capitalista que não mais se limita aos países ditos do capital. “Eis que os Estados não são mais absolutamente paradigmas transcendentais de uma sobrecodificação, mas modelos de realização imanentes para uma axiomática dos fluxos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 165). Isto porque os Estados estariam inseridos numa *axiomática mundial* na qual mesmo a negação do capitalismo é parte constituinte dele. O Estado sobrecodificando fluxos, através de seu aparelho de captura, suscita ainda mais fluxos descodificados, ao passo que o capitalismo não para de produzir axiomas como limites e, ao mesmo tempo, conjurando-os, “mas ele não o faz sem que ele próprio suscite fluxos em todos os sentidos que escapam à sua axiomática” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 189). Algo escapa. As certezas se esvaem. Mas, diferente de uma relativização das formas ou liquefação como prejuízo a uma solidez perdida, porque liquidez só pode ser desdobra coextensiva à solidez (há na liquidez um componente intensivo da solidez, e não liquidez como falta de solidez), aqui, trata-se de uma atenção às relações contemporâneas coengendradas ao movimento revolucionário que convulsiona modelos existentes.

Caberia distinguir ainda dois conceitos: a *servidão maquínica*, quando os homens fazem parte da máquina, compondo-se entre si ou com outras matérias – ferramentas ou animais – sob o controle e a direção de uma unidade superior; e a *sujeição social*, quando o homem é constituído pela unidade superior como um sujeito que se reporta a um objeto exterior – animal, ferramenta ou uma máquina – tornando-se trabalhador, usuário, sujeitado à *máquina e não mais submetido pela máquina*. O Estado-nação, que é subjetivação, combinaria a servidão maquínica à sujeição social através das *máquinas técnicas* que são ao mesmo tempo produzidas pelos sujeitos e meios de submissão dos sujeitos. Contudo, como o Estado não para de sobrecodificar fluxos que disparam fluxos descodificados e o capitalismo não para de produzir axiomas que repelem seus próprios limites, tem-se aí uma linha de dessubjetivação que não se reconhece como parte do capital, disparando possibilidades de novas conexões, devires, saídas do *plano do*

*capital*. Nada de especialistas juramentados, mas *conexões revolucionárias* contra as *conjunções da axiomática*<sup>56</sup>.

Duplo. “O capitalismo não para de estrangular os fluxos, de cortá-los e de adiar o corte, mas estes não param de se difundir e de se cortar a si próprios segundo esquizas que se voltam contra o capitalismo, e nele se entalham” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 498). Uma dissertação como máquina técnica produzida e ao mesmo tempo produtora. Máquina de servidão relacionada a outras máquinas e a outros sujeitos – máquina mestrado, programa de pós-graduação, orientador, professores, outros alunos, faculdade de educação, CAPES. Máquina que produz sujeição, modo totalitário de alcançar o título de mestre, de promoção acadêmica, de turbinar o salário, de solucionar velhos-novos problemas fantasmagóricos da Educação Brasileira. “Isto não é um fantasma, é um programa: há diferença essencial entre interpretação psicanalítica do fantasma e a experimentação antipsicanalítica do programa; entre o fantasma, interpretação a ser ela própria interpretada, e o programa, motor de experimentação. O CsO [corpo sem órgãos] é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 14).

Experimentar novas conexões revolucionárias. Produzir programa, fazer com que o fluxo de intensidades passe. Esquizoanálise; esquizoanálise aplicada à Educação. “O esquizoanalista é um mecânico, e a esquizoanálise é unicamente funcional. Em função disso, ela não pode ater-se a exames que, do ponto de vista do inconsciente, são ainda muito interpretativos: não pode ater-se ao exame das máquinas sociais, nas quais o sujeito está tomado como engrenagem ou como usuário; não pode ater-se ao exame das máquinas técnicas que estão em sua posse favorita, que ele, o sujeito, aperfeiçoa e até fabrica por bricolagem; nem pode ater-se ao exame do uso que o sujeito faz das máquinas nos seus sonhos e fantasmas. Essas máquinas são ainda demasiado representativas e representam unidades grandes demais” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 426). Mas se a axiomática da pesquisa acadêmica dispara servidão maquínica e sujeição social, a multiplicidade da máquina mestrado escapando à captura do aparelho de Estado pode ainda disparar conexões revolucionárias, máquina de guerra inventiva. Ao invés de apenas definir que é uma máquina técnica ou que é servidão maquínica,

---

<sup>56</sup> DELEUZE; GUATTARI. 7.000a. C. – Aparelho de Captura. In.: \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 190

importa perceber que linhas de fugas são disparadas por este funcionamento maquínico que não se limita a interpretações ou mera negação fatalista do título acadêmico, afinal este texto se produz também como uma dissertação. Tarefa negativa da esquizoanálise: “desfamiliarizar, desedipianizar, descastrar, desfalicizar, destruir teatro, sonho e fantasma, descodificar, desterritorializar – uma espantosa curetagem, uma atividade maldosa” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 505). Esquizoanálise aplicada à pesquisa acadêmica. Pesquisa acadêmica como esquizoanálise. Quem sabe *pesquiza*.

São muitas as tramas e linhas disparadas. Não basta uma análise estrutural das máquinas técnicas, mas desdobra maquínica: máquina técnica mestrado é desdobra máquina abstrata mestrado. Conexões possíveis disparadas pela máquina abstrata constituída em *matérias não formadas e funções não formais*<sup>57</sup>, que não remete a pessoas ou a objetos ou a títulos. “Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 27). Por isso esquizoanálise e não análise. Pois não se trata apenas de uma avaliação transcendente dos riscos, mas uma atividade também positiva de experienciar novos fluxos disparados. Tarefa positiva da esquizoanálise: efetuação do processo. “É isto a efetuação do processo: não uma terra prometida e preexistente, mas uma terra que se cria ao longo de sua tendência, de seu deslocamento, de sua própria desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 426). Seguir linhas de fuga, fazer fugir o mundo, e não fugir do mundo, fugir ao plano capital, experienciar conexões revolucionárias com o perigo sempre presente da captura axiomática. Eis o risco e as saídas que se anunciam.

---

<sup>57</sup> Cf. *Máquinas abstratas (diagrama e phylum)*. DELEUZE; GUATTARI. Conclusão: Regras concretas máquinas abstratas. Op. cit., pp. 241-246.

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela ‘ensigna’, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apoia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem. Mais do que o senso comum, faculdade que centraliza as informações, é preciso definir uma faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem. A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11-12).

Que isso dá a pensar? Tiago Adão Lara, no prefácio da primeira edição do livro *Foucault, Deleuze e Educação*, que fora reeditado em 2013, lança uma proposta, mira outros possíveis, dá uma sacudidela em nosso pensar acerca da prática pedagógica. “Na realidade, é mais ainda, convite para você questionar seu trabalho pedagógico e questionar a mirada com que você o analisa; a mirada com que você escolhe e organiza

os instrumentos intelectuais de que lança mão para compreender o mundo atual”<sup>58</sup>.

Aqui, não se pretende, como no livro, delimitar, inaugurar ou superar um saber universal a respeito da prática pedagógica, logo da Formação de Professores. “[...] Mas é, antes de tudo, exercício de questionamento do instrumento intelectual de que

dispomos para tal tarefa”<sup>59</sup>. Difícil tarefa, pois somos o tempo todo seduzidos a

sucumbir ao discurso da formação segura, do controle dos resultados, da crítica transcendental que deseja a forma Ideal. O convite é para pensar o que ainda não está formado, está em devir, uma educação por vir, um convite a “[...] um pensar o não

articulado, o não formalizado, padronizado, mercantilizado, no atacado e no varejo, das múltiplas teorias em voga nos meios educacionais”<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> LARA, Tiago Adão. *Prefácio* (1ª Edição). Foucault, Deleuze e Educação. Sônia Maria Clareto; Anderson Ferrari (org.). 2ª Edição ampliada e revisada. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013, p. 10.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Idem, p. 11.

Ao fazer referência ao trabalho de Foucault, que compara as escolas às prisões através dos dispositivos que operalizam o sistema de ensino e a escola, independente do querer dos educadores, Tiago aponta para um desafio das pesquisas em educação. “Bastante ingênuos, os educadores, em geral, ainda apostam na eficácia das ações pedagógicas, reduzidas às suas dimensões de individualidades (aluno/professor)”<sup>61</sup>. Um caminho apontado por ele seria pensar e operar na escola “com sinal trocado”. Nesta travessia, na dúvida em transmutar alunos em professores e professores em alunos, abrimos outro caminho desconhecido, abandonamos a troca, investimos na composição de novas relações.

b. *intermezzo* pedagógico

1. Pedagogia e pensamento não dão bom par.
2. A rebeldia não tem nenhuma solução para os problemas da educação. A rebeldia é um problema para a educação.
3. Não confundir rebeldia com formação da consciência crítica. A rebeldia não quer formar coisa nenhuma.
4. Formação para a cidadania, então, que palavra! Cidadania? O rebelde responde: passo!
5. Nem vale a pena adjetivar a pedagogia. Pedagogia crítica, pedagogia da esperança, pedagogia rizomática. É que a substância é irrecuperável.
6. Com as pedagogias cristãs, então, meu Deus, a rebeldia não quer nem conversa. *Vade retro*, Jesus Cristo!
7. Não pensem que haja um divórcio entre pedagogia de esquerda e pedagogia de estado. São tão bem casados!
8. As pedagogias da esquerda no poder são simplesmente pedagogias de funcionários. Burocratizadas, pobrezinhas, morreram de bom comportamento.
9. A pedagogia é o reino das boas almas e dos espíritos caridosos. Que o inferno lhes seja ameno!
10. O que move a pedagogia não é nem a vontade de saber, nem a vontade de poder, mas a vontade de salvar. Mas quem eles querem salvar? E quem quer mesmo ser salvo?
11. As boas almas da pedagogia formam um imenso e deplorável Exército da Salvação. E dê-lhe sineta! (TADEU, 2007, p. 312)

Despedimo-nos das imagens para professor e aluno, mesmo que as problematizando. Pensa-se outros possíveis para Educação junto ao livro *A dança*, de Klauss Vianna, “O professor é um parteiro, ele tira do aluno o que tem para dar. Se o aluno não tem nada, não sai nada. Mas é preciso sempre ter cuidado: é claro que o aborto existe. Muitos professores matam o artista na sala de aula” (VIANNA, 1990, p. 34). Misturando um tanto de Nietzsche: “Um procura um parteiro para os seus pensamentos, outro alguém a

---

<sup>61</sup> Ibidem.

quem possa ajudar: é assim que nasce uma boa conversa” (NIETZSCHE, 2010, p. 97).

Que partos? A palavra gestão vem do latim *gerere* que dá origem também a palavra gestação. Inaugura-se assim a linha de pesquisa gestão e políticas públicas e avaliação educacional no emaranhado da Linha de Pesquisa Conhecimento, Linguagem e Formação de Professores desdobra da Linha Gestão e Políticas Públicas e Avaliação Educacional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFJF, liberando fluxos que desafiam as Políticas e as práticas de Avaliação Educacional, abandonando o tal *Zigue-zague de Pesquisas Experiências, Línguas e Invenção de Professores*, este muito bem formalizado. Afinal, a prática de uma Formação de Professores é desdobra de uma Política Pública de Gestão e Avaliação Educacional, que por vezes limitada por uma linha de pesquisa da Pós-Graduação impede fluxos inimagináveis, trágicos e por isso, vivos!

c. maquininha de guerra

1. Implodir o bom senso. Meios: o riso, o ridículo, o humor. Táticas: a inversão, a variação, o choque.
  2. Permanecer a léguas de distância do aparelho de Estado. E de todas as suas ramificações: os sindicatos colaboracionistas, os movimentos sociais atrelados e as ONGs auxiliares.
  3. Forçar os limites. Empurrar as margens. Pular as fronteiras.
  4. Cavar. Minar. Esburacar. Em algum lugar tem que haver uma saída.
  5. Onde houver cerimônia, instalar a sem-cerimônia. Onde houver ritual, começar um baile.
  6. Se apelarem para a autoridade, perguntar quem fundou. Se apelarem para a moral, perguntar quem inventou. Se apelarem para os valores, perguntar: de quem, cara- pálida?
  7. Subverter a linguagem e a gramática: é por aí que se infiltram o poder do senso comum e o senso comum do poder.
  8. Desatar os nós que vinculam os poderosos do momento aos coletivos abstratos: pátria, nação, família. Melhor: colocar em descrédito todo tipo de coletivo abstrato.
  9. Fazer delirar as escolas, os partidos e as seitas, sem deixar de fora as religiões instituídas.
  10. Nunca tomar nada de assalto. Se tiver que tomar de assalto é porque não vale a pena.
  11. Juntar o libertino com o libertário, o desejo com a rebeldia.
  12. Quando a esquerda vira à direita, é hora de dar meia-volta.
  13. Contra os apurados artilheiros do bom-senso, as estocadas de não-senso dos infernais arteiros da maquininhadeguerra.
  14. Às convocações à ordem responder com a debandada geral. Às palavras de ordem, com as palavras fora de ordem.
- (TADEU, 2007, p.312-313)

Um parto político emaranhado entre Políticas Públicas de Formação de Professores e políticas de existência singulares na gestação de uma avaliação capaz de perceber outros possíveis para a vida se fazer. Um parto emaranhado que avalia que tem impedido o fluxo escorrer pela Educação que, mesmo represado, transborda e é capturado pela impotência moralizante da indisciplina, da

evasão escolar e do mal-estar docente. Gestação de uma formação possível, na qual nem precise determinar, de antemão, quem é professor ou aluno, apenas devires que desafiam as Políticas que tentam impedir as políticas de existência dos movimentos de aprendizagem, de criação, de invenção. Talvez assim nasça uma boa educação, uma potente educação. Parteiros e grávidos em salas de aula ou onde a educação se fizer. Fecundações em sala de aula. O risco de um aborto está sempre presente, mas é preciso arriscar.

Na Língua Espanhola o termo *embarazada* poderia ser traduzido para a Língua Portuguesa como grávida. Pesquisando, encontro que ela vem do Árabe BÁRAZA que seria “opor-se, cortar o passo, atrapalhar”, e para explicar, um diz que “uma mulher em gravidez avançada apresenta certas dificuldades para exercer várias das atividades normais”<sup>62</sup>. Embaraçando, cortando o passo de uma educação pressupostamente mensurável, atrapalhando-se em formação. Dando mais uma clicada, encontro mais isso: “*Embarazada* procede de un sustrato lingüístico prerromano. Apare en el leonés y en el portugués *embaraçar*, que deriva evidentemente de *baraça*, que significa lazo, cordel, cordón”<sup>63</sup>. Enredado nestas linhas entre Klauss e Nietsche e Língua Espanhola e Língua Árabe e e... gaguejando na própria língua.

Contra uma Política de Estado e com uma Política de Estado, máquina de guerra em formação de uma política de existência contra uma Educação aparelho de Estado. Um fluxo parteiro que põe em xeque Formas para Professor e para Aluno, para Educação. Uns na Educação, em educação, que funcionam ora como parteiros, ora como grávidos ou tudo ao mesmo tempo, à espreita das fecundações, das contrações composicionais de vida possível na Educação. Gestação de devires, gestação, vida.

---

<sup>62</sup> *Embarazada*. Disponível em <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/embarazada/>. Acessado em 27 de agosto de 2014.

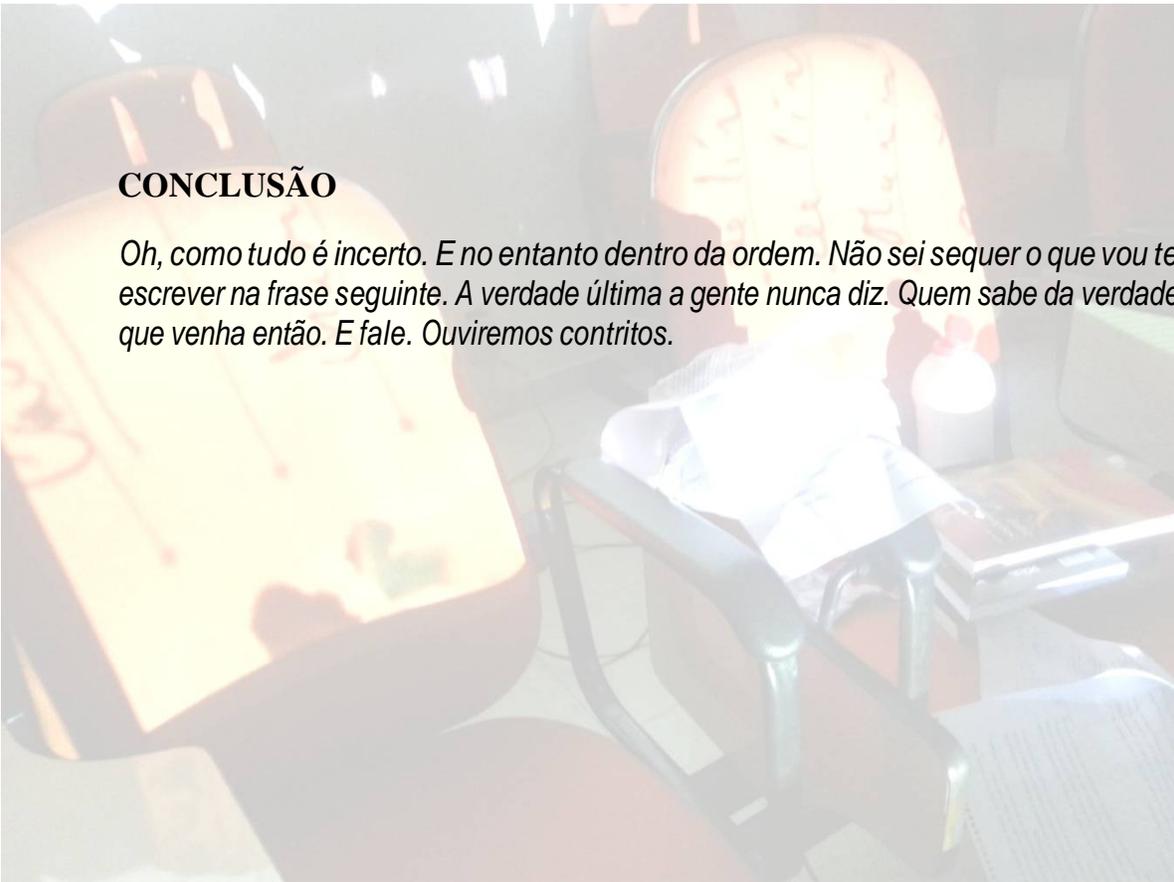
<sup>63</sup> *Embarazada*. Disponível em <http://hortushesperidum.blogspot.com.br/2011/02/estar-embarazada-estar-encinta-y-su.html>. Acessado em 27 de agosto de 2014.

É que uns encontram-se embaraçados, emaranhados, embarazados, grávidos. E outros, parteiros, prontos para ajudar na empreitada de produzir um novo mundo com isso que o mundo produz. Seria uma simples mudança de versão ou troca de sinal, na qual professor então seria parteiro e o aluno sempre embaraçado? Não. É que as fecundações acontecem em sua multiplicidade, como Deleuze provoca, fazer filhos por trás, por trás do professor, por trás da Forma Aluno. Só isso: uma educação produzida por muitas linhas, só embarazo. Sexo. Penetração. Gozo. Desejo. Uma educação produzindo muitas fecundações e outros tantos partos, emaranhados. Nem professor, nem aluno. Apenas isso, infinitas fecundações. Parteiros e grávidos, embaraços, embarazado. Não se sabe de antemão que é o parteiro ou que é o fecundado. Aliás, aqui o parteiro também pode estar embaraçado e, ajudando no embarazo, ele também é fecundado. Uma Educação embaraçada. Uma formação embarazada. Múltiplos de partos por vir.



## CONCLUSÃO

*Oh, como tudo é incerto. E no entanto dentro da ordem. Não sei sequer o que vou te escrever na frase seguinte. A verdade última a gente nunca diz. Quem sabe da verdade que venha então. E fale. Ouviremos contritos.*

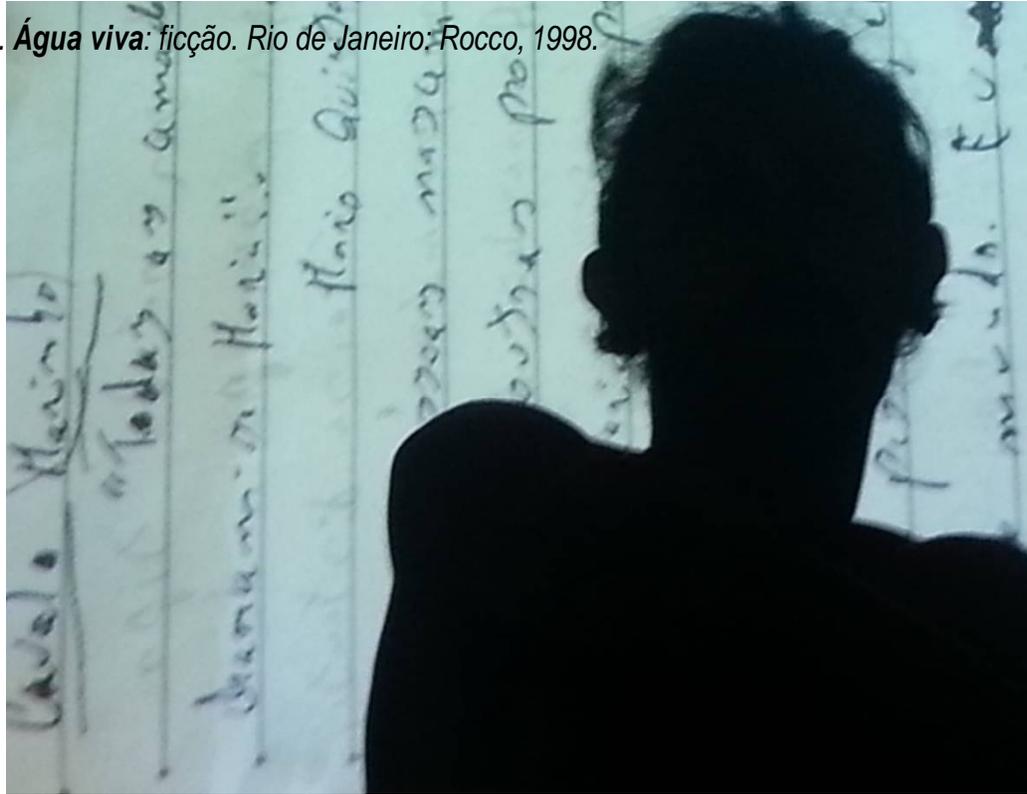








In.: LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.





## coisas que me insPIRAM ou referências ou bibliografia

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. **Corpoalíngua**: performance e esquizoanálise. – 1ª ed. – Curitiba: CRV, 2011.

\_\_\_\_\_. (b) Corpoemaprocesso / teatrodesessência. **L’etoffe I diário êxtimo; L’etoffe II glossária; L’ etoffe III notas; L’etoffe IV arcabouço de tese**. Curitiba: CRV, 2011.

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (Org.). **Corpos Informáticos**. Performance, corpo, política. Brasília: Editora do PPG-Arte, UnB, 2011.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu Duplo**. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CALVINO, Ítalo. **O cavaleiro inexistente**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth. Aparecida. Sacramento. Oliveira.; VEIGA, Ana. Lygia. Vieira. Schill. da. (Org.). **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 59-78.

CORAZZA, Sandra. Maria. **Escrileitura n-1: procura arisca de fins transitivos**. In: Antonio Carlos Amorim; Davina Marques; Susana Oliveria Dias. (Org.). Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e... 1ª ed. Petropolis, RJ; Brasília, DF: De Petrus; CNPq, 2011, v. 1, p. 143-167.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Literatura e a Vida**. In: \_\_\_\_\_. Crítica e clínica. Trad. Peter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 11-17.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia? (Qu'est-ce que la philosophie?)**. Trad. de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muniz. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. **Vol. 2**. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão) São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. **Vol. 4**. (Trad. Suely Rolnik) São Paulo: Ed.34, 2012.

\_\_\_\_\_.(b) **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. **Vol. 5**. (Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa) São Paulo: Ed. 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. **Vol. 1**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_.(b) **Mil platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. **Vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — de São Paulo: Editora 34, 2012.

DRUMMOND, (Carlos Drummond de Andrade). **Os Ombros Suportam o Mundo**. Disponível em [http://www.releituras.com/drummond\\_osombros.asp](http://www.releituras.com/drummond_osombros.asp). Acessado em 24 de nov. de 2013.

DUARTE, Edson Costa. [vivo] **Cartas para o nunca VII**. Disponível em <http://nanquin.blogspot.com.br/2010/11/do-livro-cartas-para-o-nunca-2010-edson.html>. Acessado em 24 de nov. de 2013.

HOLANDA, (Chico Buarque de Holanda); GIL, (Gilberto Gil). **Cálice**. (Música). Disponível em <http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>. Acessado em 24 de nov. de 2013.

JENECI, Marcelo. **Feito pra acabar**. (Música) In.: \_\_\_\_ . Feito pra acabar. Rio de Janeiro: Som Livre, 2009. Compact Disc, faixa 13, 7 min 25s.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**; traduzido por Semíramis Goini da Veiga – 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

.:\_ . **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. 3ª imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006b. Pag. 167-187.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Assim falava Zaratustra**. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Novo Século Editora e Hemus. 1885/2000.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Como alguém se torna o que é. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal** – Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

PELBART, Peter Pal. **A Nau do Tempo Rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/naudotemporei.pdf>. Acessado em 25 de novembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Esquizocenia.** S/D. Disponível em [http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/Esquizocenia\\_peter%20pal%20pelb](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/Esquizocenia_peter%20pal%20pelb) art.pdf. Acessado em 25 de novembro de 2013.

PESSOA, Fernando. **Tabacaria.** In.: \_ \_ . Poemas. Seleção e introdução de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Poema em linha reta.** Disponível em [http://www.releituras.com/fpessoa\\_linhareta.asp](http://www.releituras.com/fpessoa_linhareta.asp). Acessado em 24 de nov. de 2013.

RÉGIO, José. **Cântico Negro.** Disponível em <http://www.reocities.com/tneural/cn.pdf>. Acessado em 24 de nov. de 2013.

SÁ, Roberta. **Altos e Baixos.** Composição de Lula Queiroga / Yuri Queiroga. (Música) In.: \_\_ . Segunda Pele. Rio de Janeiro: Universal, 2012. Compact Disc, faixa 5, 3 min 34s. Disponível em <http://robertasa.com.br/site/discografia/?mith&categoria=albuns&pasta=1>. Acessado em 23 de nov. de 2013.

TADEU, Tomaz. **Políptico.** Educação em Revista. Belo Horizonte: v. 45, jun. 2007, 309-322.

VIANNA, Klauss. **A dança.** São Paulo: Siciliano, 1990.

## ÍNDICES DAS MATÉRIAS

### **Caderno de bordas**

Diário de Bordas Os restos

O texto O projeto

Pesquisa que se faz pesquisando Obra de arte

Os restos 2

A Bibliografia ou Referências Metodologia

Para passar a limpo A caixa

### **CUIDADO! Educação em obra – Arte e Educação**

Apresentação Questão

Referencial teórico de desdobras práticas Ou pistas e caminhos

### **A loucura dá show. A loucura faz saúde. A loucura faz vida**

**Por que Deleuze? Por que Foucault? Por que Guattari? Por que isso e não aquilo? Por que tanta diferença?**

**Como um texto cria para si um corpo sem órgãos ou como criar para si uma leitura corpo sem órgãos ou**

**Nu questão de uma qualificação em Educação**

### **ODE À MINHA ORIENTADORA**

**“Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída”**

**Não somos científicos Fazemos vida. Que fazemos, então?**

**Um passeio esquizo pela Educação. (Não uma esquizoeducação) Ou somente isso: esquiza é a Educação.**

**‘POP’ FILOSOFIA E FILOSOFIA POP PÕEM A EDUCAÇÃO A PENSAR DISCIPLINA, CURRÍCULO E POLÍTICA**

**Um circo de escola: experiência e invenção**

**Que isso tem a ver com Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores**

**CAIXA 2**







Inventário de fotos da *Performance de Uma Qualificação de Mestrado em Educação*, realizada em 26 de março de 2014. PPGE/FACED/UFJF. Há também um vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k3zOtrWo8R4>. Fotos e vídeo: Nina Veiga.

## **HASTES<sup>64</sup>**

---

<sup>64</sup> Assim Clarissa Alcantara se referiu, na ocasião da Banca de Qualificação de Mestrado, às impressões em folhas de papel vegetal que estavam dentro da caixa, remetendo às hastes de um rizoma. As hastes podem se arrastar sobre ou sob o solo, um dos meios de propagação de um rizoma. Como o modo digital não permite uma independência das folhas, aqui foi oferecida uma ordem e, ao mesmo tempo, é convite para desordem, criação de ordem outra para leitura de hastes.

Extensivo a todos os discentes e docentes do PPGE-UFJF.

Pelos poderes a mim instituídos, por feitiçaria, na alquimia, em maquinaria, na vagabundagem diremos não tratar mais de *Linguagem* visto a singularidade, heterogeneidade e multiplicidade existente em nós, que só é capaz de ser expressa por *línguas*.

Línguas de fogo flamejantes que tornam tudo cinza para que a fênix criativa renasça e nasça sempre, onde verbo só pode ser carne e nada mais. E Tudo mais.

Não diremos mais *Conhecimento* visto que, tudo se desfaz e faz sem

Como conhecer este mundo? Como conhecer neste mundo? Como viver no intempestivo?

Sufoco! Sem imagem de pensamento que dá segurança da bolha do conhecer. Salva. Com o emaranhado das forças

constituindo o mundo. Selva. Sem música tranquila e transparente da bolha. Silva. Com a sede do insaciável. Solva. Sem respostas prontas e imediatas. Sulva.

(CLARETO, 2011, p.20)

... Nietzsche toma arte de estilo, e pelo substrato do estilo, define a experiência no conjunto de tensões que lhe são imanentes. Por outro lado, a compreensão desta escrita exige a experiência de estados semelhantes. Sua ausência indica a impossibilidade de compreensão do conjunto de signos, pois, "não se tem ouvido para aquilo que não se tem acesso a partir da experiência." (NIETZSCHE, 1888/1995, p.53) (LEITE, 2011, p. 73)

senso-comum

*hopiniotizado*

(hipnotizados+idiotizados+opinativo) de um amontoado de informações descartáveis frente à tragicidade e à crueldade da vida. Diremos: todos somos a experiência, fruto duro e doce da experiência sempre criativa, inapreensível para sempre, sempre sensível, sempre possível.

Por fim, não diremos mais *Formação de Professores*, pois não temos a forma, nem a fôrma que se espera nominável e segura para o ofício.

Apostaremos na invenção da atualidade dos encontros

Não há "a" forma-escola, "a" forma-aluno, "a" forma-professor, "a" forma diretora, "a" forma-supervisora, "a" forma-secretaria de educação, "a" forma-mãe, "a" forma...

(ROTONDO, 2011, p. 170)

com seus meios, no meio, sem fins seguros, sem fim que dê forma, é

(CLARETO, 2011, p.20) isforme, mas inventa formas sempre em devir.

Sendo assim, instituímos o ZiGuEzAgUe De PeSqUiZaS\_lÍnGuAs E eXpErIêNcIaS e InVeNçÕeS dE pRoFeSsOrEs filiada à Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. Filho bastardo, apartado, ovelha negra, filho pródigo sempre pronto para fugir de casas paternas.

A partir disso, não se espera nada. Mas muito virá.

Primeiro de outros tantos. Mais um começo. Uma função. Separar o mole do duro. Fazer “no duro” o mole. Missão conjunta (Leandro, ‘é nós’) que agora faço só, povoado por múltiplas vozes que me atravessam em Travessia, fazendo pensar sobre o mesmo de um jeitinho diferente, no clarão da diferença, lembrei Clarissa. Como alguém se torna professor? Licenciado? Licença poética? Licença, penso.

(Silêncio escrito)

É que há muito o desejo e também o prazer me trouxeram aqui. Prazer de estar junto a tantos desconhecidos conhecidos. Agora uns poucos conhecidos desconhecidos. Estranhamento total no REconhecimento. Pausa. Pausa. Pausa. Que acontece? Pausa. REconhecimento movimentos de desprazer. Estranhamento não pelo novo, mas por manutenção do velho. Velho modo de pensar obrigação. Obrigação cronológica. Não que não goste, até já me sai bem até aqui. Até aqui... Bem, achava. Agora, bem, penso mal.

É que eu pensava que pensava assim. EU? SUJEITO? Me sujeito a escrever.

Quando é que o prazer é tomado pela obrigação? É possível prazer na obrigação? Ou, obrigação no prazer, ou prazer é obrigação? Penso. Penso. Penso. E aquilo que enquanto feltrava<sup>65</sup>, pensava, ouvia: ‘só escrevo com amor’. Só pesquiso com amor. Só mestrando com amor. Só doutorando com amor. Só professor com amor. Só licença com amor. Só amor. Ou. Só pesquiso com amor? Só mestrando com amor? Só doutorando com amor? Só professor com amor? Só licença com amor? Só amor? Que está em jogo nesse lance de dados de conceitos de bordas inajustadas? Quando é que questões se tornam verdades absolutas? Penso obrigado, não pela obrigação, na diferença, por um fora que me obriga a pensar. Com prazer para escrever penso obrigado. Por hora, obrigado, pelo prazer de escrever. Daqui para frente, licença para fazer de outro modo.

---

<sup>65</sup> Referência ao trabalho manual disparado pela companheira de grupo e doutoranda Ana Lygia Schill da Veiga, Nina Veiga.

"Quando quero dizer algo, fico em silêncio."  
Dick Purse

[

]

[

Quando dizer algo, fica o silêncio.

"Não há nada para entender, trata-se de algo para fazer" assim disse  
Ele

Que discursos silenciam o silêncio?

— O que é um território? Nada mais do que um conjunto de códigos: um conjunto de códigos num território. O que implica em dizer que, quebrado um território, ocorre uma desterritorialização; mas também uma descodificação. DESTERRITORIALIZAÇÃO e DESCODIFICAÇÃO. Por exemplo, século XVIII, nascimento do capitalismo, cercamento da terra — desterritorialização; fim da família patriarcal — descodificação. Então, a desterritorialização e a descodificação são práticas que aparecem com o capitalismo, é muito nítido. E todos que desterritorializam e descodificam podem ser chamados de MÁQUINAS DE GUERRA. O capitalismo é uma máquina de guerra: desterritorializa e descodifica. Mas na hora em que desterritorializa você sai da sequência e entra na série, porque a desterritorialização é o momento da anarquia, é o entre-territórios. (Está indo bem assim? Tá?). Agora, não aplaudam o capitalismo porque ele desterritorializou, porque ele vai reterritorializar e recodificar. Ele recodifica, ele reterritorializa. Ele reterritorializa e recodifica. Essa reterritorialização e essa recodificação é que se tornam pesadas para muitas pessoas que, então, não suportam, não podem suportar esse procedimento. Agora, quando eu falei desterritorialização, eu apliquei essa palavra, ela, a desterritorialização, nunca ocorre no território — a desterritorialização ocorre na TERRA.

Então, apareceram dois conceitos: TERRITÓRIO e TERRA. A terra não é um conceito enlouquecido, não. A terra é um clamor do Nietzsche. “Chega de filosofia do céu, vamos fazer a filosofia da terra”. E a filosofia da terra, então, Nietzsche está chamando a terra, exatamente, de um “território” móvel. A palavra “território” foi mal aplicada: ele é móvel, não tem códigos. Vocês podem usar também no nome território também o nome extrato. Ou seja, um homem está num meio histórico — ele está num extrato, está num território — onde um conjunto de códigos, que é uma repetição periódica... (Não pode esquecer a noção de código. Essa noção de código pode ser pensada na biologia, na química, na física, no social, no político... Em qualquer lugar é uma repetição periódica.) Então, o homem dentro de um território ou dentro de um extrato tem um conjunto de códigos que organiza a sua vida. Então, eu vou utilizar desterritorialização como sendo LINHA DE FUGA.

Então, esse conceito aí — linha de fuga — não está dentro de um território, está fora do território. A linha de fuga é um conceito propriamente kafkaniano. A obra de Kafka é exatamente isso: a produção das linhas de fuga dos territórios, dos extratos, dos deveres, das leis, da moral, da ciência, dos mitos, etc. Vejam bem: o território está na sequência. Então, dentro do território é que nasce a história, a narrativa, o mito... Tudo isso ocorre dentro do território, dentro do extrato.

Fragmento da aula de 31/05/1995 – Plano de Imanência (território) ou a ideia de imagem do pensamento, de Claudio Ulpiano. Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=1994>. Acessado em 28/01/2015.

Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga  
Tragar a dor, engolir a labuta  
Mesmo calada a boca, resta o peito  
Silêncio na cidade não se escuta  
De que me vale ser filho da santa  
Melhor seria ser filho da outra  
Outra realidade menos morta  
Tanta mentira, tanta força bruta

(refrão)

Como é difícil acordar calado  
Se na calada da noite eu medano  
Quero lançar um grito desumano  
Que é uma maneira de ser escutado  
Esse silêncio todo me atordoa  
Atordoadado eu permaneço atento  
Na arquibancada pra a qualquer momento  
Ver emergir o monstro da lagoa

(refrão)

De muito gorda a porca já não anda  
De muito usada a faca já não corta  
Como é difícil, pai, abrir a porta  
Essa palavra presa na garganta  
Esse pileque homérico no mundo  
De que adianta ter boa vontade  
Mesmo calado o peito, resta a cuca  
Dos bêbados do centro da cidade

(refrão)

Talvez o mundo não seja pequeno  
Nem seja a vida um fato consumado  
Quero inventar o meu próprio pecado  
Quero morrer do meu próprio veneno  
Quero perder de vez tua cabeça  
Minha cabeça perder teu juízo  
Quero cheirar fumaça de óleo diesel  
Me embriagar até que alguém me esqueça

**Ando... ando só pensando... e só... e junto... pensando... ando inventando...  
inventando pensar... pensando...**

**Ando pensando se não ando pensando muito... e daí vem, isso seria pensar?**

## Cântico negro

José Régio

"Vem por aqui" — dizem-me  
alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e  
seguros  
De que seria bom que eu os  
ouvisse  
Quando me dizem: "vem por  
aqui!"  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos olhos meus, ironias e  
cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...  
A minha glória é esta:  
Criar desumanidades!  
Não acompanhar ninguém.  
— Que eu vivo com o mesmo  
sem-vontade  
Com que rasguei o ventre à  
minha mãe  
Não, não vou por aí!  
Só vou por onde  
Me levam meus próprios  
passos...  
Se ao que busco saber nenhum  
de vós responde  
Por que me repetis: "vem por  
aqui!"?  
Prefiro escorregar nos becos  
lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés  
sangrentos,  
A ir por aí...  
Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas  
virgens,  
E desenhar meus próprios pés  
na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.  
Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos,

ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus  
obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue  
velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes,  
os desertos...  
Ide!  
Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes  
canteiros,  
Tendes pátria, tendes tetos,  
E tendes regras, e tratados, e  
filósofos, esábios...  
Eu tenho a minha Loucura!  
Levanto-a, como um facho, a  
arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e  
cânticos nos lábios...  
Deus e o Diabo é que guiam,  
mais ninguém!  
Todos tiveram pai, todos  
tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio  
nem acabo,  
Nasci do amor que há entre  
Deus e o Diabo.  
Ah, que ninguém me dê  
piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por  
aqui!"  
A minha vida é um vendaval  
que se soltou,  
É uma onda que se alevantou,  
É um átomo a mais que se  
animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!

Maio de 2011.

Manhã de uma sexta-feira qualquer, talvez chuvosa, talvez ensolarada. Numa sala que parece de aula, NEC/FACED/UFJF. Com a palavra, Professora Doutora Sônia Clareto [ou Soninha] diz que alguém disse:

- "A relação é anterior ao sujeito".

E põe a pensar.

Maio de 2011. Manhã de uma sexta-feira qualquer, talvez chuvosa, talvez ensolarada. Numa sala que parece de aula, NEC/FACED/UFJF. Com a palavra, Professora Doutora Sônia Clareto [ou Soninha] diz que alguém disse:

- "A relação é anterior ao sujeito".

E põe a pensar.

A relação é anterior ao sujeito, ao objeto, aos discursos que assujeitam e que libertam, aos modos de ver e de conceber o viver... Enfim, a relação é anterior a... sempre anterior. Como pensar numa implicação com/na relação? Como dar conta dos efeitos que se dão com/na relação, sem buscar causas? Sem compreender que os efeitos não são resultados permanentes? Dizer sujeito dando conta que sempre está em vias de se desfazer e, assim, sem sujeito.

A relação é anterior ao sujeito.

A relação é anterior ao sujeito?

Que relação? Que sujeito?

Certamente essa não é aquela relação entre sujeitos e objetos ou entre sujeitos e sujeitos ou entre objetos e objetos... Não é relação entre, mas *no entre da relação*.

Uma relação constituidora. De sujeitos. De objetos. De relações.  
um *entre!*

Um sujeito que é efeito das relações de forças! Um efeito sem causa.  
Só efeito. Sem sujeito.

"cavaleiro que se distingue pela impecável armadura branca — e pelo fato de não existir", início da leitura d'O cavaleiro inexistente, de Ítalo Calvino.

"... e 6. Que nossa escreteira seja tratada num *Galpão de Reciclagem de Minoração*, onde: a) primeiro, cremos a Forma Representativa e a Funcionalidade Comunicativa; b) em seguida, pulverizamos A Maestria do Mestre, A Ciência do Cientista, O Artístico do Artista, [A Filosofia do Filósofo], O Escrito do Escritor, O Poema do Poeta, A Pena do Pavão; c) enquanto isso, vamos reciclando, por meio de estratégias transformadoras, os textos dedicados aos sentidos pétreos, só pra vê-los virarem pó.

7. Queremos textos-máquinas-de-guerra que forcem os limites e os poderes da Linguagem e da Literatura Aparelho-de-Estado, sem pô-las sequer em debate, mas diretamente em xeque-mate.

...

10. Que os textos não fechem lábios, olhos, ouvidos, mãos, corações, cérebros de quem os lê, de modo que os leitores parem de recolher, lembrando e esquecendo; mas tenham de levantar a cabeça e de levantar-se da cadeira de espectador-consumidor, pra se tornarem predadores vigorosos e produtores ativos, que desfazem os tecidos dos textos lidos, tecem-lhes novos sentidos, e, assim, transfiguram suas experiências de vida e do mundo.

...

24. Queremos textos-alquimistas que combinam elementos de arte, medicina, metalurgia, química, física, mística; por meio de um processo velado, no qual são usados símbolos astrológicos, animais e figuras enigmáticas, que produzem o Coito-do-Rei-e-da-Rainha - que é o que transmuta a Literatura-Maior em Literatura-Ouro. E, assim, como o orvalho, o sal, o mercúrio e o enxofre, obtêm uma escreteira que é remédio pra curar doenças tristes, amplifica as potências malignas de quem deles se aproxima, cria vidas humanas e inumanas artificiais.

...

Assinado: *Nosotros, que nos amamos tanto*, filhotes de Quero-Queros."

*“É inútil perguntar se Descartes tinha ou não razão. Pressupostos subjetivos e implícitos valem mais que pressupostos objetivos explícitos? É necessário 'começar' e, no caso positivo, é necessário começar do ponto de vista de uma certeza subjetiva? O pensamento pode, sob essa condição, ser o verbo de um Eu? Não há resposta direta. Os conceitos cartesianos não podem ser avaliados a não ser em função dos problemas aos quais eles respondem e do plano sobre o qual eles ocorrem. Em geral, se os conceitos anteriores puderem preparar um conceito, sem por isso constituí-lo, é que seu problema estava ainda enlaçado com outros, e o plano não tinha ainda a curvatura ou os movimentos indispensáveis. E se conceitos podem ser substituídos por outros, é sob a condição de novos problemas e de um outro plano, com relação aos quais (por exemplo) 'Eu' perde todo sentido, o começo perde toda necessidade, os pressupostos toda diferença - ou assumem outras. Um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação. Há um plano melhor que todos os outros, e problemas que se impõem contra outros? Justamente não se pode dizer nada a este respeito. Os planos, é necessário fazê-los, e os problemas, colocá-los, como é necessário criar os conceitos. O filósofo faz o que pode, mas tem muito a fazer para saber se é o melhor, ou mesmo se interessar por esta questão. Certamente, os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires.*

...

*É por isso que o filósofo tem muito pouco prazer em discutir. Todo filósofo foge quando ouve a frase: vamos discutir um pouco. As discussões são boas para as mesas redondas, mas é sobre uma outra mesa que a filosofia joga seus dados cifrados. As discussões, o mínimo que se pode dizer é que elas não fariam avançar o trabalho, já que os interlocutores nunca falam da mesma coisa. Que alguém tenha tal opinião, e pense antes isto que aquilo, o que isso pode importar para a filosofia, na medida em que os problemas em jogo não são enunciados? E quando são enunciados, não se trata mais de discutir, mas de criar indiscutíveis conceitos para o problema que nós nos atribuímos. A comunicação vem cedo demais ou tarde demais, e a conversação esta sempre em excesso, com relação a criar. Fazemos, às vezes, da filosofia a ideia de uma perpétua discussão como 'racionalidade comunicativa' ou como 'conversação democrática universal'. Nada é menos exato e, quando um filósofo critica um outro, é a partir de problemas e de um plano que não eram aqueles do outro, e que fazem fundir os antigos conceitos, como se pode fundir um canhão para fabricar a partir dele novas armas. Não estamos nunca sobre o mesmo plano. Criticar é somente constatar que um conceito se esvanece, perde seus componentes ou adquire outros novos que o transformam, quando mergulhado em um novo meio. Mas aqueles que criticam sem criar, aqueles que se contentam em defender o que se esvaneceu sem saber dar-lhe forças para retornar à vida, eles são a chaga da filosofia. São animados pelo ressentimento, todos esses discutidores, esses comunicadores. Eles não falam senão deles mesmos, confrontando generalidades vazias. A filosofia tem horror a discussões. Ela tem mais que fazer. O debate lhe é insuportável, não porque ela é segura demais de si mesma: ao contrário, são suas incertezas que a arrastam para outras vias mais solitárias....”*

*Qu'est-ce que la philosophie? ... tempo de invenção...*

*Os ombros suportam o mundo*

*Carlos Drummond de Andrade*

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.*

*Tempo de absoluta depuração.*

*Tempo em que não se diz mais: meu amor.*

*Porque o amor resultou inútil.*

*E os olhos não choram.*

*E as mãos tecem apenas o rude trabalho.*

*E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.*

*Ficaste sozinho, a luz apagou-se,*

*mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.*

*És todo certeza, já não sabes sofrer.*

*E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?*

*Teus ombros suportam o mundo*

*e ele não pesa mais que a mão de uma criança.*

*As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios*

*provam apenas que a vida prossegue*

*e nem todos se libertaram ainda.*

*Alguns, achando bárbaro o espetáculo,*

*prefeririam (os delicados) morrer.*

*Chegou um tempo em que não adianta morrer.*

*Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.*

*A vida apenas, sem mistificação.*

Quê, outro? Que  
outro?

Quê, corpo? Que  
corpo?

Que presença?

Mente sem corpo, é  
possível? Quem  
mente...

## De Frente Pro Crime

João Bosco

Tá lá o corpo  
Estendido no chão  
Em vez de rosto uma foto  
De um gol  
Em vez de reza  
Uma praga de alguém  
E um silêncio  
Servindo de amém...

O bar mais perto  
Depressa lotou  
Malandro junto  
Com trabalhador  
Um homem subiu  
Na mesa do bar  
E fez discurso  
Prá vereador...

Veio o camelô  
Vender!  
Anel, cordão  
Perfume barato  
Baiana  
Prá fazer  
Pastel  
E um bom churrasco  
De gato  
Quatro horas da manhã  
Baixou osanto  
Na portabandeira  
E a moçada resolveu  
Parar, e então...

Tá lá o corpo  
Estendido no chão  
Em vez de rosto uma foto  
De um gol  
Em vez de reza  
Uma praga de alguém  
E um silêncio  
Servindo de amém...

Sem pressa foi cada um  
Pro seu lado  
Pensando numa mulher  
Ou no time  
Olhei o corpo no chão  
E fechei  
Minha janela  
De frente pro crime...

Veio o camelô  
Vender!  
Anel, cordão  
Perfume barato  
Baiana  
Prá fazer  
Pastel  
E um bom churrasco  
De gato  
Quatro horas da manhã  
Baixou osanto  
Na portabandeira  
E a moçada resolveu  
Parar, e então...(2x)

Tá lá o corpo  
Estendido no chão...

haja

hojep/

tanto

ontem

p.l.

## O que pode um grupo?

O que pode um grupo? Iniciar este texto com esta pergunta mais que força retórica deseja por pra pensar o impensado. Da indagação espinozista “o que pode um corpo?” ao problema mais particular: o que pode um grupo?

Das vozes do primeiro encontro do curso de extensão *Professores em formação: processo ético-estético-político*, que se quer grupo de estudos, surgem linhas, emaranhado de possíveis para pensar formação e, por relação territorial, pensar formação de professores.

Os primeiros movimentos vão ao retorno às significações, às representações, ao amigo, ao primo, ao orientador, ao local já reconhecido, familiar, quase um chá das cinco. Movimentos repetidos que geram apenas o Mesmo: será possível separar pensar de agir? Ainda investir numa dicotomia entre pensamento e ação, claro, agora apostando na ação sobre o pensamento é possível: eterno retorno ao mesmo. Pense, mas pense e agora, pense até criar um outro, um outro possível: pensamento é ação.

Porém, ninguém sabe o que pode um corpo, ninguém sabe o que pode um grupo, posso até deduzir o que pode um possível *Travessia*... O encontro reserva o melhor: produção na diferença! É que nem todo artista fala de arte, nem todo professor fala de aluno, nem todos interessados em educação são licenciados! Desconhecido, estranhamentos. As vozes desconhecidas gaguejam possíveis.

Marta Elaine diz o que o indizível produz, o emaranhado de linhas a faz criar um desconhecido, impossível de ser racionalmente explicado. Nada de explicação, no entanto, quanta produção: invenção de ata-texto-dissertação-de-mestrado. Possível de explicar? (E olhe que a orientadora não orientou nesse sentido). Não. De entender? Duvido. Mas produz!

Falas esquizas que forcem limites entre “eu-outro” fazendo-os desaparecer, quase impossível de dizer. Mas é isso! “Então era isso!” Cláudia compartilha sua experiência nos encontros do Caps CasaViva, onde produção não falta e um “eu” é apenas resto, sempre outro e outro e outro e outro e e e...

Rafael quase balbucia, gagueja em sua própria língua em plena produção de acontecimento. O desconhecido, o não codificado, o desterritorializado psicólogo-filósofo-pesquisador aposta no atual problema: ‘estou curioso para ver o que vai dar!’ Pra mim, é tudo novo!

Em alguma *Conexão*, encontro as palavras de ORLANDI (2011, p. 148-149):

... um abalo no hábito de pensar o professor como agente de um saber que ele domina. Sem dúvida, ele foi iniciado em algum saber, mas o que está em pauta nesse ponto é sua efetiva e atual participação na experiência do seu próprio aprendizado, enquanto busca de algo que o desafia, que ultrapassa sua compreensão imediata das implicações do seu próprio saber, da situação em que ele atua e do campo problemático que o envolve com os outros. Trata-se de um aprendizado, pois essa busca não depende simplesmente de uma boa vontade do professor...

... esse ponto politiza nossa própria inserção em campos problemáticos ao estabelecer que continuamos “escravos enquanto não dispusermos dos próprios problemas, de uma participação nos problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas” (Deleuze, 1988, p. 259).

Do chá das cinco ao convite para o chá de Alice que não quer explicar nada, mas inventa muito: tempo, sabores, espaços... Fica o convite para novos encontros, nova composição de campo problemático para inventar o que pode um grupo.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.

ORLANDI, Luiz. *Deleuze – entre caos e pensamento*. In.: *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* / Antônio Carlos Amorim, Silvio Gallo, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (orgs.) – Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.

Como se fala aranhês?

Alguém arrisca...

Um menino ouve atento. Não mate a aranha. Um menino que não faz o esperado. O lugar para a torção é encontrado. Para dar passagem ao tecido aéreo, não move aranha, tece a teia em outro lugar. Meninada do Vale Verde e aranha descendo e subindo em fios de invenção. Não se sabe se a aranha gostou da empreitada. Porém, menino e teia dispararam um possível inesperado

A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha; nem a aranha arranha a jarra nem a jarra arranha a aranha.

Um homem quer produzir energia, não mata índios ou ribeirinhos, transporta índios e ribeirinhos. Alaga com desejo hidrelétrico vidas. Um provoca: e as hidrelétricas, e o pressuposto inaugurado da aranha, teia e menino?

Pensar em aranhês é coisa das aranhas fiandeiras; coisas de menino em devir aranha, não forma, mas modo. Devir que torce linhas em invenção.

Pensar em aranhês não serve senão à aranha e aos meninos fiandeiros. Um pensar aranhês não pode explicar os ribeirinhos afogados. Pensar aranhês como pressuposto hipotético às relações entre água, pessoas, energia elétrica é retirar a linha da imanência da teia. O aranhês não respeita pressupostos morais, mas inventa possíveis no emaranhado de linhas éticas. Talvez se estivessemos com uns pingos de orvalho poderíamos pensar em água... Mas pensar aranhês não explica nada: nem demarcação de terra indígena, nem desapropriação de terras inun[dadas] às hidrelétricas famintas de energia consumida. Todavia, se por acaso nestas terras inundáveis tiver um menino, uma aranha, teia e muitas linhas, possamos criar outros tantos emaranhados.

Por hora, o que põe pra pensar é invenção menino aranha e suas linhas.

e... pegando os fios... que ciência? Que filosofia? Que arte?

... como investir no Acontecimento dos nós, no corte do caos, cruzamentos de outros fios – muitos fios, infinitos fios num finito Travessia que não deixam com que a travessia seja um fio estendido, liso, mas um emaranhado no qual já não é possível dizer mEU, apenas nÓs em travessia?

... alguém arrisca...

Uma garota faz um balão enquanto era preciso fazer outra coisa. Uma garota que, ao fazer um balão, não parecia fazer outra coisa. Uma garota que se propõe a fazer um balão enquanto faz outra coisa. Uma garota que investe no desejo de fazer um balão quando não era instituído o dia balão. Estranhamento. Incômodo. Uma garota que não entende uma garota que faz um balão enquanto faz outra coisa. Uma garota que faz um balão e escuta. Uma garota que observa uma garota fazer um balão e fala. Uma garota que pensa porque a outra garota faz um balão enquanto era pra ser feito outra coisa. Uma garota cria um balão que cabem muitas coisas. Uma garota delimita o balão das coisas. Uma garota que não entende uma garota fazendo um balão quando era para ser outra coisa aprende outra coisa que não é fazer balão. Uma garota. Uma garota. Encontros. Um balão. Educação. Formação. Pernas paradedpilar. O balão. Devir-flutuante. Põe pra pensar.

Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele *embaralha todos os códigos*, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento, e até aceitando o banal código edipiano, quando este lhe é imposto e ele não está irritado, mas sempre na iminência de voltar a entulhá-lo com todas as disjunções que esse código se destina a excluir. (DELEUZE & GUATTARI, O anti-Édipo, 2010, p.28)

Será que estamos presos num balão? É tempo de estourar bolhas e criar outras bolas de sabão. Tempo de invenção.

**ATENÇÃO!**

Atenção flutuante...

“[...]Esforço-me para ser claro, direto, objetivo. Mas é quase impossível fazer um trajeto, um plano que se siga sem nenhum desvio do planejado de início. Impossível não calar diante de tanto desperdício. É possível, é preciso ir um pouco mais além, sem controlar tudo, sem uma direção que nos diga os caminhos seguros da existência.

Que não se peça nada. Que não se implore. Nem se esmole um pouco do prazer vendido na liquidação da esquina. Que nada disso que se fala tão certo, tão correto, seja a única opção sensata de se livrar do perigo. Que não haja isso de determinar de antemão a polêmica do encanto.

Que nada seja tenso, embora intenso e chama, que nada seja preparado feito prato pronto, *fast food*, que nada seja o querer assim determinado e justo. Coisa pronta. Coisa fria. Roteiro definido. Domingo à noite. Definitiva sociedade com o já visto.

Sejamos cúmplices da fúria. Do afogamento dos sentidos. Do dilapidar todos os bens, desejos devastando tudo, línguas de fogo incontrolláveis e insanas. **Sejamos cúmplices do desastre.** Da catástrofe. Da ruína.”

{fragmento de Cartas para o nunca, *grifo meu* -  
Edson Costa Duarte [vivo]}

Como pesquisar? Ou como algo se torna pesquisa. Ou como um grupo põe-se a pesquisar em pesquisa.

Tínhamos um grupo. Tínhamos um projeto. Tínhamos uma disciplina (ou ainda, medidas disciplinares variadas). Temos várias pesquisas. Tínhamos muitos cronogramas. Tínhamos leituras. Muitos teóricos. Tínhamos desejos. Temos desejos. Muitos, mas muitos objetivos objetivos... Eventos, finalizar capítulos, ler e discutir "diferença e repetição"... E foi acontecendo. O cronograma do grupo tem que ser preservado. O do projeto financiado, mais ainda. Que cronograma e que grupo? Elegemos prioridades. Ou elas se impuseram. As leituras textuais teóricas quase abandonadas, salvo os textos de "fim" de pesquisas. Restou ética. O atravessamento tinha se dado. Segunda logo se tornou quinta, e a sexta ressaca da quinta, aquecimento da segunda metamorfoseada em quinta. Ilusão. A segunda continuou segunda, a quinta, quinta; a sexta, sexta. Será? Que se dá? Pesquisa. Pesquisa move o imóvel, move o móvel também, põe em forma na academia da forma outra forma, forma em devir, devir forma. Trans-forma dias da semana. Repetição ordinária transformada em assunto extraordinário. O medo anterior toma forma: a quinta que nunca acaba. Já outro, não se atualiza: a sobreposição do *Travessia* ao grupo que se cria. Mas o monstro da criação põe-se a criar. Nem Crisior sabe o que vai dar. E não é que o movimento move. A alegria! Ah, alegria! Encontros. Desfazimento da forma Travessia, criação de forma outra em travessia, Travessia outro. Quinta que atravessa segunda, vara a sexta como a lança frabriciana atravessando o isopor. A pesquisa põe em movimento o grupo em pesquisa na criação de um grupo de pesquisa atravessado, em grupo, pela pesquisa. Emergência de outro cronograma, direção em pesquisa outra. Urgências outras de leituras. Urgências de pesquisa outra. Pesquisa que se dá ao criar outro grupo no movimento dos desejos, na volúpia de outros desejos, encontro dos desejos, criação de desejos... outra pesquisa, outras pesquisas, outros cronogramas, muitas pesquisas. Quanta C R I A Ç Ã O! Se o medo antes fora que o *Travessia* se impusesse e impedisse devires, calasse vozes, a alegria agora é a festa da criação de outro corpo de mil ouvidos, mil olhos, mil peles, mil sentidos, mil bocas, mil ânus, mil pênis, mil vaginas, mil fecundações! Sentidos antes não sentidos, agora com outros sentidos... Muitos sentidos! Devir da forma, desaparecimento da forma, outra forma que se forma na afirmação que informa que forma é sempre provisória. Criação!

Atravessamentos:

seria a oficina/grupo de estudo/curso um modo de direcionar UM certo modo de entendimento sobre UM processo ético-estético-político de formação de professores?

Haveria um dispositivo eficaz, capaz de dar conta de tamanha façanha de direcionamento de formação, como um filme com UMA perspectiva BEM definida, UMA estética BEM definida, analisável e legitimada? OU o dispositivo é capaz de disparar linhas capturáveis e escapando...

OU seria atenção ao processo? Atenção à produção em processo direcionado aos bolsistas em processo de UMA formação desejada? Como se constitui um pesquisador em pesquisa, em processo, graduando, graduado... ado ou ando?

Existiria UM processo ético-estético-político ideal? OU todo processo tem sua desdobra ética-estética-política? A bola que era triângulo foi possível no processo OU capturada por um processo atento desencadeador de outros processos? Põe para pensar.

A questão é criar oficinas/grupo de pesquisa/curso processo OU se por em processo na cartografia do processo de uma oficina, de uma sala de aula, de um grupo de estudo? Procuramos lugar ideal? Ou ideal é o lugar em que nos colocamos?

E se no próximo encontro tivéssemos uma aula sobre formação de professores à luz de Heidegger ou outro estrangeiro qualquer, aí sim, talvez tivéssemos tapetes e voariamos como Aladim... ser estrangeiro no próprio território, estranhar-se com o conhecido-desconhecido, repetir até não ser mais o mesmo... é possível, amigo? Não devias esperar tanto de mim... nem de vos mi cê...

Seriam eles que não estão produzindo OU seríamos nós que esperamos por CERTA produção?

O que se vem produzindo no processo? Pergunta não só direcionada aos bolsistas, mas a todos atentos pesquisadores.

boa noite.

Tenho sofrido de futurismo. Diagnóstico: disritmia aguda de desejos.

Sintomas: pouca vontade em participar das disciplinas obrigatórias, má vontade para cumprir certos compromissos cronológicos do projeto FAPEMIG, muito tempo para escrever sobre coisas que não se publica facilmente numa revista *qualis* CNPq. Fala dispersa e contínua, apesar de não ser dispersa e contínua. Pouco semestre acabe, Desejo constante que o prolonguem, que as que as quintas não se Então era segundas não virem tardes. de que o amanhã é isso. Certeza peremptória Nenhuma crença de apenas morte, nada mais. conserva o mínimo, que haja alguma coisa para mesmo a lucidez.

O inconsciente Super-grita: Não era isso que Mas é que as coisas

No divã. Mas o Super-de sextas-feiras incertas, de de desejos de encontros encontro com o não sei o mestrado? Talvez. Super-universal de ilusão de um incerto, a morte não era presente da próxima terei como ir à próxima

lia o texto. Agora a sexta bibliografia obrigatória, mas obrigada. Atrasos, faltas, compromissos... Obrigado, fazer. Mudança de território, desterritorialização. Desterrítório? Acho não. Desterritorialização, Corpo sem órgãos, desejo... Mais que conceitos, mais que teoria, apenas isso: vida! *Então era isso*. O que isso implica? Com o que isso implica? IMPLICÂNCIA!

*Desse ponto de vista, os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saudezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, é porque eles viram na vida algo grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido (o que Nietzsche chama saúde). "Um dia saberemos talvez que não havia arte, mas somente medicina..."*

*o que é filosofia?, p. 224*

consciente desejava? Talvez. mudam.

consciente brincava leituras deliciosas, pelo puro desejo do que. Seria o consciente produtor mestrado. Era tudo iminente, era semana: será que sexta? Na dúvida, tornou-se uma nem sempre outros era o que podia

"Um macaco, quando pega uma banana, por mais primário e simples que seja o gesto, há nele uma forma ditada pelo desejo, pela vontade, pela necessidade: ele sabe, digamos assim, por que está fazendo aquilo, para que está se movendo em direção à banana" (A dança, Klauss VIANNA, 1990, p.49).

Klauss Vianna dançando filosofa: "eu não danço; eu sou a dança."

Seria possível não pesquisar, mas ser pesquisada? No momento, nada mais a fazer que combater o futurismo com doses cavalares de presentificação!

Seguindo nu tratamento.

Não vivo a comunicação. Viva a expressão com sua multiplicidade de sentidos a serem inventados.

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"

Porque *Nunca conheci quem tivesse levado porrada, todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo!* Nunca conheci quem tivesse visto o Deus, a Verdade, a Realidade, o Amor, o Nietzsche, o Foucault, o Deleuze, o Sentido... Por que então acreditar que possa ser *Eu* o escolhido?

A convivência com os louquinhos, assim como Peter Pál Pelbart carinhosamente chama os seus amigos de esquizocena, a proximidade ao trabalho com Cláudia no Caps CasaViva, com tamanha competência e originalidade de risco, tem me provocado a pensar que a distinção entre usuários e profissionais da saúde nada tem a ver. Que a distinção entre analista e analisado, nada tem a ver. Mas isso os psicanalista já o sabem, pois todos têm que também fazer análise, mas mesmo assim, sentem-se mais saudáveis que seus analisados. Somos todos usuários de um sistema social que ora nos adoce, ora nos dá brechas para a fuga à invenção da cura possível. Mas como?

"Um dia saberemos talvez que não havia arte, mas somente medicina..." (O que é filosofia?, p. 224)

Qual' é a nossa doença?

Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Aí fica fácil sentar no divã acadêmico e olhar para o Outro que nos assombra cotidianamente. Aqui, invoco os poderes supremos do familismo Edipiano! Oh Sagrada Família! Édipo e seu poder! ohhh.. Mas como pode isso, coitada da minha priminha, tão indefesa, tão adocida, tão ressentida e, apesar de tudo, tão criativa. Mas a gente não conseguiu fazer nada, coitado da gente, temos o remédio. Temos o remédio? Temo o remédio. O que podemos fazer para ajudar o mundo, oh, irmãos dos saberes!? Quais os saberes a serem acionados, oh irmãos!? Na molaridade, claro! Mas então é isso: trazer formas e mais formas e formas, ver as formas, as diferentes formas que informam. Será? Invisto mais no devir das formas, na molecularidade das formas. Hum... é que talvez a forma já não faça sentido e já esteja em movimento de desforma, lembra? Desforma como passagem, como fuga, como movimento de desterritorialização, aliás, não creio no desterritório como no resumo de apresentação do Conexões, desconexão. Desterritório ainda é território. Desterritorialização é movimento para o não sabido possível.

E na bricolagem, sigo a carne. A carne trazida ao encontro e apodrecida não traz muito de novo, talvez o novo aqui seja a intensificação do acontecimento que não começou na bricolagem, começou numa reunião departamental, aí, aí, aí... Então era isso, meus amigos! Nada de surpreendente, não é!? As pessoas, as formas, a institucionalização, o telefonema, o movimento premeditado por nós pensado, pouca surpresa, talvez um "hehehe" nada acadêmico, mas fora isso, quase nada... Agora, pelo menos, as coisas estão mais claras, os territórios mais definidos, as forças intensificadas, mas novo, desconfio... Como produzir novo? Ou que novo se produz?

Ide! Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tetos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura!  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...  
Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Seguindo na bricolagem de conceitos de bordas inajustáveis: "A arte começa, não com a carne, mas com a casa; é por isso que a arquitetura é a primeira das artes." (ibidem, p.240) "Mas é com o território e a casa que ela [a arte] se torna construtivista, e ergue os monumentos rituais de uma missa animal que celebra as qualidades antes de tirar delas novas causalidades e finalidades. Esta emergência já é arte, não somente no tratamento dos materiais exteriores, mas nas posturas e cores do corpo, nos cantos e nos gritos que marcam o território. É um jorro de traços, de cores e de sons, inseparáveis na medida em que se tornam expressivos (conceito filosófico de território)." (ibidem, p. 237-238).

E, num outro movimento, sem saber ou com Saber artístico, um pouco de gesso na bricolagem: até quando teremos que engessar coisas para dar algum sentido a elas?

Para terminar, por hora, esta *bricolagem*, "Mas de toda maneira o mal já está feito, a cura escolheu o caminho da edipianização, todo juncado de detritos, contra a esquizofrenização que deve nos curar a cura." (o anti-édipo, p. 95). Aos amigos que chegam, apenas uma certeza: nós não temos A Cura, mas podemos pensar nas fugas.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se alevantou,  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!  
Afinal, do que nós estamos adoecidos?

